

Florinhas de S. Francisco de Assis e seus Companheiros (FL)

Introduções: *Frei David de Azevedo, OFM*

Tradução: *Frei Aloysio Thomás Gonçalves, OFM*
Frei Manuel Valença, OFM

FLORINHAS DE S. FRANCISCO DE ASSIS E SEUS COMPANHEIROS (FI)

INTRODUÇÃO

As Florinhas de S. Francisco de Assis são indiscutivelmente uma das obras mais conhecidas da literatura universal. Muito embora escritas há seiscentos anos, continuam a ser traduzidas e divulgadas em todas as línguas, mantendo uma indefectível simpatia junto dos leitores.

Qual o segredo desta actualidade?... Esta pergunta encaminha-nos para o coração da obra. O seu segredo não está propriamente no primor literário, nem no facto de conter alguns dos aspectos mais alcantilados da inteligência humana. Está, sim, no seu humanismo. As Florinhas, diríamos, são uma epopeia do homem.

Do homem, naquilo que ele tem de mais humano. Não são uma epopeia do agir, mas uma epopeia do ser. É o ser do homem que nelas aparece, na sua genuidade fontal: todo candura, alegria, simplicidade, confiança, bondade, comunhão, fraternidade, sentir filial, religiosidade. Conseguem apanhar o homem muito perto da sua fonte, onde tudo é ainda cristalino, fresco, irisado, primaveril.

Se perguntarmos como foi possível chegar assim tão perto da nascente, isso mesmo se torna revelação. Tudo tão simples, tão fácil, tão natural, tão infantil ... que ninguém se sente oprimido, nem confuso, nem receoso. E mesmo que se diga, sem eufemismos, que essa fonte é Deus, ninguém tem medo do Deus das Florinhas. E mesmo que cada palavra emane religiosidade, ninguém tem medo da religião das Florinhas.

Mas o título é: Florinhas de S. Francisco de Assis e Seus Companheiros. Qual, pois, a relação entre o livro e o santo Po-brezinho?

Para que o leitor possa ter uma ideia quanto possível exacta desta ligação, diremos uma palavra sobre a origem do livro, sobre o seu conteúdo e sobre o seu significado histórico.

Origem

A vida de S. Francisco de Assis rapidamente começou a ser fixada por escrito; e para que, na medida do possível, nada se perdesse das memórias que dele havia, o trabalho de recolha e redacção foi feito repetidas vezes, por mandado formal da própria autoridade da Ordem. A par da tradição escrita havia, pois, uma tradição oral que, à maneira dum rio, ia transportando ao longo dos anos as recordações que os irmãos conservavam do Poverello e seus primeiros companheiros. Ainda nos princípios do séc. XIV, mortos já todos os companheiros de Francisco, alguns escritores tardios apelam a essa tradição oral para garantirem aquilo que conheciam para além do que estava nos manuscritos, ou que desejavam acrescentar de sua lavra. Na Crónica dos XXIV Gerais, por exemplo, diz-se que Fr. Conrado de Ófida e seu amigo Fr. João, pouco tempo antes de Fr. Leão morrer, se apressaram a vir à Porciúncula para lhe perguntarem coisas sobre «as palavras e a vida» de Francisco, tendo ouvido da boca dele «muitas coisas e de muita importância»¹. Também o cronista Fr. Salimbene de Adam afirma por seu lado, que «muitas coisas notáveis» lhe contara a ele «e a outros jovens» Fr. Bernardo de Quintavale, quando à sua volta se reuniam em Sena para o ouvirem sobre os primeiros tempos da família franciscana»².

Passando duma região a outra região e duma geração a outra geração, era natural que as águas dessa corrente se fossem embrulhando, misturando um episódio com outro episódio, perdendo um pormenor aqui, outro além, ou, também, engrossando certos factos com empolamentos tendenciosos e embelezamentos, que a saudade e o fervor na vivência dum ideal sabem criar espontaneamente.

Natural também que algumas tradições comesçassem a circular, à maneira de redemoinho, e a fixar-se numa determinada região; e pouco a pouco fossem sendo coloridas pela sensibilidade, pelas preocupações e pelas maneiras de ver dos irmãos ou

¹ *Chronica XXIV Generalium*, in *Analecta Franciscana*, III, p. 428.

² O. HOLDER-HEGER, *Chronica Fratris Salimbene de Adam ordinis minorum*, Hanovre et Leipzig, 1905-1913 (*Monumente Germaniae Historica* SS. 32) p. 54.

grupos de irmãos que por ali residiam. Assim parece ter acontecido no vale de Rieti, onde, por meados do séc. XIV, aparece uma compilação de tais tradições com o título «Actus Beati Francisci in Valle Reatina»³; na Umbria, onde nascerá outra compilação, mais tardia ainda, chamada Franceschina⁴; e na região da Marca de Ancona, onde se formou outra obra semelhante na primeira metade do séc. XIV: Actus Beati Francisci et Sociorum eius (Actos do Bem-Aventurado Francisco e seus Companheiros). É desta última que virão a nascer um pouco mais tarde as nossas Florinhas.

Os Actos de S. Francisco e Seus Companheiros compõem-se de 76 capítulos. A edição cuidada por Paulo Sabatier e publicada em 1902 continha só 70, mas pouco a pouco os investigadores foram descobrindo os seis que faltavam⁵.

Segundo a opinião geral dos críticos, a obra tem como autor Fr. Hugolino de Monte Jorge e teria sido escrita entre 1328 e 1343. No capítulo 69 lê-se: «Todas estas coisas mas contou Fr. João, a mim, Fr. Hugolino», o que confirma a autoria – confirmação que se renova no capítulo 73. Acontece, porém, que, no capítulo 9, Fr. Hugolino aparece com o papel simplesmente de informador. Aí se lê, com efeito: «Fr. Tiago de Massa soube estas coisas da boca de Fr. Leão, e Fr. Hugolino de Monte Santa Maria (que é o mesmo Fr. Hugolino de Monte Jorge), da boca do dito Fr. Tiago e eu, que escrevo, da boca de Fr. Hugolino, homem inteiramente digno de crédito». Fosse qual fosse a intervenção de Fr. Hugolino na origem do livro, para nós é suficiente sabermos a

³ Editados por F. PENNACHI, *Actus Sancti Francisci in Valle Reatina*, in *Miscellanea Franciscana*, III, (1911) p. 3-21.

⁴ Composta por Fr. Tiago (Oddi) de Perúsia no séc. XV. Editada por N. CAVANNA, OFM, em Milão, 1931.

⁵ *Actus Beati Francisci et Sociorum Eius*, Paris, 1902, edição preparada por P. SABATIER. O mesmo editor dos seis capítulos que faltavam publicou depois, em apêndice, cinco, que encontrara em obras do tempo, a saber: os capítulos 38, 41, 44, 46 e 48. Mais tarde, M.A. LITTLE encontrou um novo manuscrito dos *Actus* que continha os seis capítulos e que publicou em 1914 na *Collectanea Franciscana* e em 1919 em *Opuscles de Critique Historique*, p. 205-220. Sobre as origens cf. a Introdução aos *Actus*, em *Fontes*, p. 2057-2084.

época e o ambiente em que foi composto: primeira metade do séc. XIV, na região da Marca de Ancona⁶.

Foi destes Actus Beati Francisci et Sociorum eius que, na segunda metade do séc. XIV, um desconhecido, natural da Toscana, traduziu para italiano 53 capítulos, resumindo ou completando aqui e ali a narrativa para a tornar mais corredia e agradável. Assim nasceram as Fioretti di San Francesco, as Florinhas de S. Francisco. Se o valor essencial da obra, como dissemos, está no seu conteúdo humano, a beleza literária que o tradutor soube dar à sua versão é um factor inestimável para a vida do mesmo conteúdo. A sua alma de artista soube encarnar o que tinha para transmitir. Soube assumir a candura e unção espiritual dos personagens e dos episódios, e torná-los vivos nas suas narrativas.

Conteúdo

Uma simples leitura, mesmo superficial, mostra-nos que as Florinhas se dividem em duas partes bem distintas: os primeiros quarenta capítulos contam-nos feitos de S. Francisco e de seus companheiros; os últimos treze têm como heróis figuras um tanto desconhecidas na história franciscana: religiosos da região das Marcas. Isto parece estar em contradição com o título do original: Actos de S. Francisco e Seus Companheiros. Na primeira parte está de facto S. Francisco com os seus cavaleiros da «távola redonda»: Fr. Bernardo, Fr. Gil, Fr. Silvestre, Fr. Rufino, Fr. Masseu, Fr. Leão e Santa Clara. A que vêm depois esses outros, que quase ninguém conhece? Um Fr. Conrado de Ófida, um Fr. Tiago de Massa, um Fr. João do Alverne, etc.?... No pensamento, porém, do autor, ou da comunidade onde a tradição se condensou, há

⁶ Há quem imagine a origem dos *Actus* doutra maneira. Primeiro teria existido uma fonte comum, mais sóbria. Depois ter-se-iam feito três compilações regionais: uma das Marcas, que teria acrescentado os capítulos referentes aos irmãos daquela região; outra da Toscana, que teria acrescentado as Considerações sobre os Estigmas, assunto mais relacionado com o local; e outra, bastante mais tardia, da Úmbria, que seria a Franceschina. Segundo esta hipótese, Fr. Hugolino seria autor só dos últimos capítulos, que falam sobre os irmãos das Marcas. A fonte poderia provir já dos fins do séc. XIII. (Cf. LUCIANO CANONICI, *I Fioretti di S. Francesco*, Porziuncula-Assisi, 1964, p. VI s).

uma unidade de fundo. Na primeira parte temos a geração fundadora, a geração heróica, aquela que concebeu e deu à luz a forma de vida franciscana. Na segunda, não obstante a pequenez dos que sucedem aos «irrepetíveis» da primeira geração, estão os continuadores do mesmo ideal: de pobreza, de simplicidade, de oração – a vida franciscana à maneira «espiritual», pobre e refugiada nos eremitérios. Não há, pois, ruptura. «Os Actus, diz Masseron, oferecem-nos em toda a sua pureza, na sua simplicidade, na sua sublime ingenuidade, o aspecto fiel da tradição franciscana tal como se mantinha pelos fins do séc. XIII naquela região privilegiada»⁷.

Questão importante para conhecermos também o real conteúdo da obra é sabermos qual foi a intenção do autor. Em alguns manuscritos dos Actus diz-se que foi: «coligir alguns factos que tinham sido esquecidos nas legendas e que, além disso, são muito úteis e devotos». Se pusermos o acento nestas duas palavras – úteis e devotos –, teremos uma indicação preciosa. O autor (ou autores) não quiseram só impedir que algumas memórias do Santo Pai se perdessem, mas também fazer um documento de doutrina espiritual que ficasse como obra de edificação para as gerações vindouras e fosse, na disputa da ocasião, um testemunho da continuidade entre o santo Fundador e os irmãos que viviam na Marca de Ancona. Uma prova da fidelidade desses discípulos à doutrina do seu mestre, conservada entre eles em toda a sua pureza e integridade»⁸.

Tendo em conta esta intenção, não poderemos dizer que as Florinhas são um livro polémico dos «Espirituais» contra a «Comunidade», pelo facto de terem nascido numa região onde aqueles prevaleciam, e por uma ou outra página mais agressiva (os capítulos 4 e 48). São antes a apresentação enternecida e apaixonada dum ideal sinceramente amado.

⁷ *Documents*, o.c., p. 1165.

⁸ Cf. A. Masseron, *Ibid.*, p. 1170.

Significado histórico

Mas persiste a pergunta: qual a relação do conteúdo real das Florinhas com S. Francisco de Assis? Por outras palavras, qual o significado histórico do livrinho? Antes de mais, há que determinar o sentido desta expressão. Tomando-a num sentido lato, queremos com ela referir a relação que há entre o livro e o acontecimento franciscano: em que medida é que este nos é transmitido por aquele, mais ou menos fielmente. Para acertar melhor a resposta, iremos por etapas: primeiro, os episódios particulares; depois, a mensagem global; e, finalmente, a criação do livro.

Quanto aos episódios particulares, ninguém irá pensar que os factos, as anedotas, as visões e os ditos das Florinhas foram acontecimentos que se deram tal e qual. Haverá que distinguir o fundo histórico e o rendilhado literário e, às vezes, uma certa intencionalidade. O tema de muitas narrativas tem paralelo ou ponto de partida nos escritos de S. Francisco e nas lendas anteriores; e nada nos proíbe de admitir que as Florinhas nos tenham conservado alguns episódios originais, não colhidos até então na tradição escrita. O rendilhado literário e a intencionalidade dada à narração terão de ser separados criteriosamente, mediante o confronto com as outras fontes. Por exemplo, o fundo da célebre «florinha» da Perfeita Alegria aparece já na Exortação 5^a e, de forma mais explícita, num texto que se crê haja mesmo sido ditado por S. Francisco⁹. As dificuldades que S. Francisco teve com alguns Ministros, quanto à organização da Ordem, são um facto histórico. A encenação destes dois temas é forma literária da responsabilidade do autor. Mas, forma literária que evidencia, com uma acuidade que sem ela não se conseguiria, a realidade que está no fundo, isto é, o enorme sofrimento do santo e a concentração de todo o seu espírito na glória da cruz. Assim se vê que a suma – e dir-se-ia única – alegria dele, estava em que a cruz do seu Senhor Jesus Cristo se erguesse sempre com maior grandeza e fulgor, fossem quais fossem as invernias da vida. Isso lhe bastava.

⁹ *Opuscula Sancti Francisci Assisiensis*, ed. CAIETANUS ESSER, Grottaferrata (Roma), 1978, p. 52 e p. 324 s. Vid. Nesta edição: VPA, p. 135.

A forma literária não atraçou, mas contribuiu para que a verdade surgisse com maior vigor.

Quanto à mensagem global que se depreende do livro, diz Iriarte: «Se por história entendemos a visão dinâmica duma época ou duma instituição, com todos os factores que a impulsionam e a definem, não temo afirmar que as Florinhas encerram valores profundamente históricos; sem elas, a história da primeira centúria franciscana ficaria incompleta, porque seria impossível compreender o enorme influxo franciscano na Igreja e na sociedade»¹⁰. É inegável que as Florinhas constituem uma das expressões mais felizes do franciscanismo. As histórias sobre a oração e a penitência de Francisco, o amor das criaturas, o sermão às avezinhas, o lobo de Gúbio, o rodopio de Fr. Masseu, a refeição em cima da laje, a refeição de Francisco com Clara, a conversão dos três ladrões e tantos outros episódios, são «Florinhas» que nos dão o perfume, a essência, do franciscanismo.

Mas a relação entre o nosso livrinho e o acontecimento franciscano apanhá-la-emos ainda mais fundo se, em vez de vermos as coisas a partir do livro, as virmos a partir do acontecimento. Se não tivesse acontecido S. Francisco com a sua gesta espiritual, teriam existido as Florinhas? Teria havido algum poeta que fosse capaz de inventar aquela epopeia espiritual, exactamente assim, com aquele conteúdo e com aquela forma? Posta assim a questão, podemos dizer que S. Francisco é o verdadeiro autor das Florinhas. Foi ele, com a gesta heróica e o clima espiritual criado por ele e à volta dele, que inspirou, que actuou, que emergiu na alma e na arte de quem escreveu o livro. Este, mais que autor, foi amanuense. Limitou-se a deixar que lhe guiassem a pena. E precisamente nisto está o seu mérito – dele ou dos que elaboraram aquelas historiazinhas – em terem tido essa transparência, essa cristalini-dade que permitiu a emergência, com tanta pureza e tanta beleza, da epopeia franciscana, que é também, como dissemos, epopeia do homem.

¹⁰ Escritos Y Documentos p. 799.

Critério da presente edição

Como texto base para a presente edição tomámos a tradução feita em 1917 pelo P. Aloysio Thomás Gonçalves, de saudosa memória¹¹. A beleza literária do seu texto bem merecia esta escolha, bem como a sobriedade do retoque que só aqui e além se ousou fazer na sua tradução.

Já, quanto ao conteúdo da edição, nos permitimos uma maior divergência. Omitimos a introdução sobre a literatura franciscana: páginas 7 a 29 da edição de 1960. Além disso, para maior coincidência com a numeração, seguida praticamente em todas as versões estrangeiras, mantivemos a divisão do primeiro capítulo em dois: o primeiro, limitado à apresentação dos 12 companheiros de S. Francisco; e o segundo, dedicado à conversão do Senhor Bernardo de Quintavale. Com esta alteração, fica também alterado o número de cada um dos capítulos seguintes e a soma total dos mesmos. Serão 53 e não 52.

Outra diferença notável é a adição das Considerações Sobre as Chagas e da Vida de Frei Junípero. Não vêm na tradução e edição do P. Aloysio, mas são um enriquecimento – justificado pela tradição – que tornará a obra mais útil e mais grata ao público.

Não nos diz o P. Aloysio qual a edição de que se serviu para fazer a sua tradução. Não existe ainda edição crítica das Florinhas. A mais recente publicação italiana das fontes franciscanas reproduz a edição de P. B. BUGUETTI, I Fioretti di S. Francesco, Quaracchi 1926¹². A tradução espanhola na última edição de San Francisco de Asis – Escritos, Biografias y Documentos de la Época, da BAC, segue também a edição de BUGUETTI, mas re-

¹¹ *Florinhas do glorioso S. Francisco de Assis e seus Frades*, Ed. Boletim Mensal, Braga, 1917.

¹² *Fonti o.c.*, p. 1472; *Fontes*, o.c., p. 2057; Cf. Actus beati Francisci et sociorum eius com texto dei Fioretti a fronte, a cura di M. BIGARONI e G. BOCCALI. S. Maria degli Angeli 1988, Biblioteca francescana, Chiesa Nuova – Assisi. GARRIDO J. *Meditación del Franciscanismo. Relectura de las Florecillas*, E.F. Arantzazu, Oñate, 2003. É uma meditação sobre as primeiras 40 Florinhas e também um estudo sobre as “Considerações sobre as Chagas” e sobre Fr. Junípero e Fr. Gil.

vista pelo P. Ricardo Protesi em 1960¹³. A versão francesa em Saint François d'Assise, Documents não indica qual a edição italiana de que se serviu. Nas emendas que nos permitimos introduzir no texto do P. Aloysio baseámo-nos habitualmente na edição italiana reproduzida nas Fonti Francescane, conferindo também, quando oportuno, a versão espanhola e francesa.

Concluimos, transcrevendo e comentando as palavras com que o P. Aloysio termina a sua introdução: «Desejámos imprimir à tradução portuguesa aquela saborosa candura e mágica simplicidade que da antiquada e fragrante prosa italiana se desprende. Mas há flores que não sofrem transplante, sem muito perderem de seus nativos primores. E dessa classe são as flores da literatura que, transplantadas do canteiro onde brotaram, fatalmente sofrem, correndo mesmo o perigo de totalmente murchar, sobretudo quando a mão do jardineiro é rude e desajeitada»¹⁴. Esta referência à mão do jardineiro é um excesso de humildade. Não obstante o risco de transplante, que sempre existe, o P. Aloysio tratou as suas flores com tanto carinho, que o seu desejo de «candura e mágica simplicidade» foi realizado, e mesmo neste novo canteiro da língua portuguesa em que ele as plantou, as flores continuam viçosas e fragrantes. Igual delicadeza usou o P. Manuel Calheiros Valença, que cuidou a presente tradução e a enriqueceu com algumas notas.

Que este livrinho continue a convidar e a ajudar os homens – também os leitores de língua portuguesa – a voltar à fonte primigénia do ser humano, para lá readquirirem a forma autêntica de existir e de ser feliz.

¹³ Cf. p. 799, nota 10.

¹⁴ *Florinhas do glorioso S. Francisco e seus Frades*, tradução e introdução e notas do P. ALOYSIO THOMÁS GONÇALVES, 1960 p. 28.

Forinhas de S. Francisco e de seus Frades

ESTAS SÃO AS FLORINHAS DE SÃO FRANCISCO E DE SEUS FRADES

CAPÍTULO I

Os primeiros Doze Companheiros de S. Francisco¹

Antes de tudo, devemos considerar que S. Francisco foi, em todos os actos de sua vida, conforme a Cristo bendito. Porque, assim como Cristo, no princípio de sua pregação, elegeu doze Apóstolos que, desprezando as coisas mundanas, o seguissem na pobreza e demais virtudes, assim também S. Francisco elegeu, logo ao princípio, para fundamento da sua Ordem, doze Companheiros, que professassem a altíssima pobreza.

E assim como um dos doze Apóstolos de Cristo, reprovado por Deus, veio finalmente a enforcar-se, assim também um dos doze Companheiros de S. Francisco, chamado frei João Capela, apostatando, acabou por a si mesmo se enforcar. O que deve servir aos eleitos de grande exemplo e matéria de humildade e de temor, considerando que ninguém pode estar certo de perseverar até ao fim na graça de Deus.

E assim como os santos Apóstolos foram, em todo o mundo, admiráveis pela santidade, e cheios do Espírito Santo, assim aqueles santíssimos Companheiros de S. Francisco foram varões de tão grande santidade, como desde os Apóstolos outros não houve no mundo, nem tão admiráveis nem tão santos. Porquanto um deles foi, como S. Paulo,² arrebatado ao terceiro céu: esse foi frei Gil; a outro, chamado frei Filipe Longo, veio um Anjo e tocou-o nos lábios, com uma brasa de fogo, como sucedeu a Isaías³; outro, que

¹Os títulos dos capítulos diferem duma para outra edição das Florinhas, especialmente nas muitas versões existentes da mesma obra. Houve preocupação nesta edição de assinalar nos títulos o cerne do sentido espiritual de cada capítulo, em conformidade com a índole da obra.

² 2Cor 12.

³ Is 6, 6-7.

foi frei Silvestre, falava com Deus, como de amigo para amigo, da mesma sorte que usava Moisés⁴; e de outro era tal a subtileza de entendimento, que se remontava como a águia, isto é, S. João Evangelista, até à luz da divina Sapiência: e esse tal foi frei Bernardo, homem de rara humildade, o qual mui profundamente interpretava a Escritura santa; houve finalmente outro, a quem Deus santificou e canonizou no céu, vivendo ainda no mundo: e foi frei Rufino, gentil-homem de Assis⁵. Deste modo, todos foram assinalados com singulares mostras de santidade, como se irá vendo no decurso deste livro.

CAPÍTULO II

Como S. Francisco converteu o senhor Bernardo de Assis

Frei Bernardo de Assis, que foi o primeiro companheiro de S. Francisco, converteu-se desta maneira:

Vivia ainda S. Francisco em hábito secular, posto que já houvesse abandonado o mundo e se mostrasse tão desprezível e enfraquecido pela penitência, que muitos o tomavam por insensato, e como a louco escarneciam; e lhe atiravam pedras e lama, não só os estranhos, como até os próprios parentes. Ele, porém, passava com grande paciência pelas injúrias e escárnios, como se fosse surdo e mudo.

O senhor Bernardo de Assis, que era um dos mais nobres, ricos e prudentes da cidade, começou a considerar sabiamente o grande desprezo de S. Francisco pelo mundo, e a grande paciência com que sofria as injúrias; e que, apesar de aborrecido e maltratado por espaço de dois anos, cada vez parecia mais constante e paciente. E assim dizia em seu pensar: «É impossível que este Francisco não possua grande graça de Deus». E nesta persuasão o

⁴ Ex 3, 13.

⁵ Entre 1208 e 1209 juntaram-se a Francisco onze companheiros: Bernardo de Quintavalle, Pedro Catânio, Egódio de Assis, Morico, João Capela, Filipe Longo, João de S. Constanço, Bárbaro, Bernardo de Vigilanzio, Ângelo Tancredo. Com Francisco completa-se o número doze.

convidou uma noite para cear e dormir em sua casa; e, aceitando S. Francisco, lá ceou e dormiu.

E o senhor Bernardo entrou em grandes desejos de contemplar a santidade do seu hóspede; para o que, mandou lhe aparelhassem cama em seu próprio quarto, onde toda a noite ardia uma lâmpada.

Mas S. Francisco, a fim de ocultar sua santidade, apenas entrou na habitação, deitou-se e fez semblante de dormir; do mesmo modo fez o senhor Bernardo, que, poucos momentos depois, se deitou na cama e começou a rressonar com grande ruído, como se mui profundamente dormisse; pelo que Francisco, pensando que de facto dormia, se levantou da cama, pôs-se em oração, e elevando os olhos e as mãos ao céu, com grandíssima devoção dizia: «Meu Deus, meu Deus». E dizendo isto e chorando copiosamente, ficou até de manhã, repetindo sempre: «Meu Deus, meu Deus».

E outra coisa não dizia, mas só estas palavras, enquanto ia contemplando e admirando a excelência da majestade divina, cuja benevolência para com o mundo era tanta que, por meio dele, seu servo, Francisco pobrezinho, se dispunha a prover ao remédio, tanto de sua alma como da dos outros.

Iluminado assim de espírito profético, antevia as grandes coisas que Deus havia de obter por seu meio e de sua Ordem; e considerando a própria insuficiência e pouca virtude, clamava e rogava a Deus que, por sua piedade e omnipotência, sem as quais nada pode a humana fragilidade, suprisse, acrescentasse e executasse o que ele, por si mesmo, não pudesse.

Vendo o senhor Bernardo, à luz da lâmpada, os devotíssimos actos de S. Francisco, e considerando diligentemente as palavras que dizia, foi tocado e inspirado do Espírito Santo a mudar de vida; e assim, logo de manhã, chamou S. Francisco e deste modo lhe falou:

— Irmão, estou inteiramente resolvido, em meu coração, a abandonar o mundo, e a seguir-te no que tu me ordenares.

O que ouvindo S. Francisco, muito se alegrou em espírito, e respondeu:

— Senhor Bernardo, o que vós acabais de me dizer é tão grande e dificultosa coisa, que precisamos de pedir conselho a Nosso Senhor Jesus Cristo, e rogar-lhe que se digne mostrar-nos sua santíssima vontade sobre tal assunto, e ensinar-nos o meio de a pôr

em execução. Vamos, pois, a casa do senhor Bispo, onde vive um bom sacerdote, a quem pediremos que nos diga missa; ficaremos depois em oração, até hora de Tércia⁶, rogando a Deus que, abrindo nós o missal três vezes, nos seja mostrado o caminho, que é de seu agrado seguirmos.

Respondeu o senhor Bernardo que isto muito lhe aprazia.

Foram, pois, imediatamente ao palácio episcopal, e depois de ouvirem missa, tendo permanecido em oração até hora de Tércia, tomou o sacerdote, a rogo de S. Francisco, o missal; e fazendo nele o sinal da santa Cruz, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo três vezes o abriu.

Na primeira depararam-se-lhes aquelas palavras do Evangelho, que Cristo disse ao jovem que lhe perguntou qual era o caminho da perfeição: «Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá-o aos pobres e segue-me»⁷.

Na segunda ocorreu-lhes a palavra de Cristo aos Apóstolos: «Nada leveis para o caminho, nem bordão, nem alforje, nem sapatos, nem dinheiro»⁸, querendo com isto ensinar-lhes que todo o cuidado da vida deviam pôr em Deus, sem outra preocupação mais do que pregar o Evangelho.

Na terceira leram aquele conselho de Cristo: «Quem quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me»⁹.

Então disse S. Francisco ao senhor Bernardo:

– Aqui está o conselho que Cristo vos dá; ide, pois, e fazei exactamente como ouvistes; e bendito seja N. S. Jesus Cristo, que se dignou mostrar-nos o caminho do seu Evangelho.

Ouvindo isto, o senhor Bernardo partiu; e, conquanto fosse muito rico, vendeu tudo quanto tinha, e com grande alegria o repartiu pelos pobres, pelos órfãos, pelos encarcerados, pelos mosteiros, hospitais e peregrinos. E em tudo o ajudava S. Francisco, com diligência e fidelidade.

⁶ Tércia é uma das Horas canónicas, que costumava rezar-se por volta das nove da manhã.

⁷ Mt 19, 21.

⁸ Lc 9, 9.

⁹ Lc 9, 23.

Ora, mas vendo um certo senhor Silvestre que S. Francisco dava tanto dinheiro aos pobres, levado da avareza, disse-lhe:

– Tu não me pagaste ainda inteiramente as pedras que te vendi para reparar a igreja; por isso, agora que tens dinheiro, paga-me.

Admirado S. Francisco de tanta avareza, não querendo entrar em contestações, e como verdadeiro seguidor do Evangelho que era, mete as mãos na escarcela do senhor Bernardo, donde as tirou cheias de moedas; e, despejando-as nas do senhor Silvestre, dizia-lhe que se mais quisesse mais lhe daria. Contento se foi dali o senhor Silvestre para casa. De noite, porém, assaltaram-no remorsos do que fizera naquele dia; e, arrependido da sua avareza, pôs-se a considerar no fervor do senhor Bernardo e na santidade de S. Francisco.

E na noite seguinte e nas outras duas imediatas, teve de Deus esta visão: parecia-lhe que da boca de S. Francisco saía uma cruz de ouro, cuja sumidade tocava no céu e cujos braços se estendiam de Oriente a Ocidente.

Por causa desta visão, deu, pelo amor de Deus, quanto possuía aos pobres e fez-se frade menor, e viveu na Ordem com tanta santidade, que falava com Deus como de amigo para amigo, como o próprio Francisco muitas vezes observou, e mais adiante se dirá.

O senhor Bernardo teve, do mesmo modo, tanta graça divina, que amiúde era arrebatado em contemplação; e dele dizia S. Francisco que era digno de toda a reverência, e que fora ele o fundador da Ordem, por ter sido o primeiro que, deixando o mundo, deu tudo aos pobres de Cristo, sem nada reservar para si; e começou a pobreza evangélica, oferecendo-se, nu de todo o terreno, nos braços do Crucificado, o qual por nós seja bendito, por séculos sem fim. *Ámen!*

CAPÍTULO III

Como S. Francisco se perturbou uma vez, ao chamar por Frei Bernardo, e este lhe não respondeu

O devotíssimo servo do Crucificado, S. Francisco, pela aspe-
reza da penitência e contínuo chorar, estava quase cego e já pouco via. Uma vez, entre outras, partiu do lugar onde se encontrava, em

busca de frei Bernardo, a fim de conversarem acerca de coisas divinas. Chegando ao sítio, disseram-lhe que frei Bernardo estava no bosque orando, todo elevado e absorvido em Deus. Então o Santo encaminhou-se para o bosque, onde estava frei Bernardo, e chamou:

– Vem, e fala a este cego.

Mas frei Bernardo não respondeu, porque, sendo homem de grande contemplação, tinha a mente suspensa e elevada em Deus. E porque tinha particular graça de falar de Deus, como muitas vezes o experimentava S. Francisco, desejava este falar-lhe. Depois de um intervalo, chamou segunda e terceira vez. De nenhuma, porém, o ouviu frei Bernardo; por isso lhe não respondeu, nem lhe foi ao encontro. Pelo que se foi um pouco desconsolado, admirando-se e queixando-se, em seu interior, de que frei Bernardo, chamado por três vezes, não tivesse vindo ao chamamento. Tendo-se, pois, afastado com esta ideia, ao chegar a certa distância disse para o companheiro:

– Espera-me aqui.

E afastando-se alguns passos, a um lugar solitário, pôs-se em oração, pedindo a Deus que lhe revelasse o motivo de frei Bernardo lhe não ter respondido. E, orando assim, ouviu a voz de Deus que lhe dizia:

«Oh! pobre homenzinho, porque te perturbas? Deverá o homem deixar a Deus pela criatura? Quando tu chamaste por frei Bernardo, estava ele comigo, e por isso não podia vir ao teu encontro nem responder-te. Não te admires, pois, de que te não falasse, porque estava tão fora de si, que não ouviu nenhuma das tuas palavras».

Tendo S. Francisco recebido esta resposta de Deus, imediatamente e com grande pressa voltou aonde estava frei Bernardo, para se acusar humildemente do pensamento que contra ele havia tido.

Viu-o vir frei Bernardo e, saindo-lhe ao encontro, se lhe lançou aos pés. Mas S. Francisco obrigou-o a levantar-se, e referiu, com grande humildade, o pensamento e a perturbação que tivera, e como Deus o havia repreendido, concluindo assim:

– Mando-te, por santa obediência, que faças o que eu te ordenar.

Mas frei Bernardo, temendo que lhe mandasse alguma coisa excessiva, como costumava fazer, quis honestamente esquivar-se a esta obediência, e respondeu-lhe:

– Estou pronto a obedecer, se de tua parte fizeres o que eu mandar.

E prometendo S. Francisco, disse frei Bernardo:

– Agora, padre, diz-me o que queres que faça.

Então disse S. Francisco:

– Mando-te, por santa obediência, que, para castigar a minha presunção e ousadia de meu espírito, estando eu deitado de costas, por terra, me ponhas um pé em cima do pescoço e outro na boca; e assim passes três vezes, de um lado para o outro, dirigindo-me, ao mesmo tempo, ultrajes e palavras de vergonha e vitupério; mas especialmente me hás-de dizer assim: «Jaz para aí, vilão, filho de Pedro Bernardão! Donde te vem tanta soberba, não sendo tu mais do que uma vilíssima criatura?»

Ouvindo isto frei Bernardo, não obstante lhe ser mui duro de cumprir, só por obediência o fez, e com a máxima cortesia.

Cumprida a ordem de S. Francisco, disse-lhe este:

– Agora manda tu o que quiseres, porque te prometi obediência.

Disse, pois, frei Bernardo:

– Mando-te, por santa obediência, que, quando nos juntarmos, me repreendas e corrijas asperamente dos meus defeitos.

O que muito contrariou S. Francisco, porque frei Bernardo era de tão grande santidade, que o mesmo S. Francisco o tinha em grande reverência, e não o considerava repreensível em coisa alguma. E, por causa disto, dali por diante, evitava estar com ele por muito tempo, para se não ver obrigado a dizer alguma palavra de correcção contra quem conhecia ser de grande santidade. Mas quando o queria ver ou ouvir falar de Deus, se apartava dele, tão depressa podia, indo-se embora. E era coisa de grande devoção ver com quanta reverência e humildade S. Francisco costumava falar com frei Bernardo, seu filho primogénito.

Ao louvor e glória de Cristo. *Ámen!*

CAPÍTULO IV

Como um anjo veio à portaria falar com frei Elias

No princípio da Ordem, quando eram ainda poucos os irmãos e não tinham morada fixa, partiu S. Francisco, em devota romagem, para Santiago da Galiza, levando consigo alguns frades, e entre eles frei Bernardo. E como fossem juntos pelo caminho, encontraram em certa povoação um pobre enfermo, de quem o Santo houve grande misericórdia. E, assim, disse a frei Bernardo:

– Filho, quero que fiques aqui a tratar deste enfermo.

E frei Bernardo, ajoelhando-se humildemente e inclinando a cabeça, recebeu a obediência do santo Padre, e ficou naquele lugar. E S. Francisco continuou com os demais sua viagem para Santiago. Onde tendo chegado, e orando, uma noite, na igreja do santo Apóstolo, lhe foi revelado por Deus que devia estabelecer pelo mundo muitos eremitérios, porque a sua Ordem havia de crescer e dilatar-se em grande multidão de frades. Por causa desta revelação, começou S. Francisco a fundar eremitérios por aquelas partes. E retomando o mesmo caminho, encontrou frei Bernardo e o enfermo com quem o tinha deixado, o qual estava perfeitamente são.

E, no ano seguinte, deu licença a frei Bernardo para que fosse a Santiago.

Voltou S. Francisco ao Vale de Espoleta, e foi viver a um lugar deserto, em companhia de frei Masseu, de frei Elias e outros mais. E todos se guardavam muito de o molestar ou distrair da oração, tanto pela grande reverência que lhe tinham, como por saberem que lhe revelava Deus grandes coisas no decurso dela.

Sucedeu que, estando S. Francisco um dia no bosque em oração, bateu à portaria um formoso jovem, trajando ao modo de caminhante; e bateu com tanta pressa e força e durante tanto tempo, que os irmãos tomaram-se de muita estranheza, por aquele desusado modo de bater. Acudiu frei Masseu à porta e disse ao jovem:

– Donde vens, filho, que me parece nunca estiveste aqui, pois tão estranhamente chamas?

Mas o jovem respondeu:

– Como se deve então chamar?

Disse frei Masseu:

– Bate três vezes, três pancadas a seguir e devagar; depois espera que o irmão tenha dito um Pai-Nosso, e venha abrir a porta; mas se entretanto não vier, chama segunda vez.

Respondeu o jovem:

– Estou com muita pressa, por isso bati com tanta força; pois tenho de fazer uma longa viagem, e vim aqui para falar com frei Francisco; mas como ele está agora em contemplação, no bosque, não o quero estorvar. Vai e chama frei Elias, que lhe quero fazer uma pergunta, porque sei que é grande letrado.

Foi frei Masseu dizer a frei Elias que fosse ter com o mancebo; ele, porém, tomou-se de impaciência e não quis ir; de maneira que frei Masseu não sabia que fazer, nem que responder ao jovem caminhante. Porque, se dizia que frei Elias não podia vir, faltava à verdade; se dizia que se tinha impacientado e não queria vir, receava escandalizá-lo.

Aflito com esta ideia, tardava em voltar. Entretanto o mancebo chamou de novo, como da primeira vez, e frei Masseu, acudindo à porta, disse-lhe:

– Tu não fizeste como eu te ensinei.

Mas o jovem respondeu:

– Frei Elias não quer vir falar comigo; mas tu vai ter com frei Francisco, e diz que vim para lhe falar; mas, como eu não quero interromper a sua oração, que me mande cá frei Elias.

Então frei Masseu foi-se aonde estava S. Francisco, o qual orava no bosque com o rosto levantado para o céu, e deu-lhe o recado do jovem e a resposta de frei Elias.

Ora, aquele adolescente era um anjo de Deus em forma humana.

Então S. Francisco, sem se mover daquele sítio nem baixar o rosto, disse:

– Vai e dize a frei Elias que, por obediência, vá falar com esse jovem.

Tendo frei Elias ouvido a obediência de S. Francisco, foi muito irritado à porta e, abrindo-a com estrondo, disse para o jovem:

– Que queres tu?

Respondeu o jovem:

– Espera, irmão, que te passe a irritação que apresentas, porque a ira tolhe o ânimo e não o deixa discernir o verdadeiro.

Disse frei Elias:

– Dize o que queres de mim.

Contestou o jovem:

– Dize-me se aos que observam o santo Evangelho é permitido comer do que se lhes põe diante, conforme ao que Cristo disse a seus discípulos. E mais te pergunto ainda, se é lícito impor alguma coisa contrária à liberdade evangélica.

Então frei Elias, cheio de soberba, respondeu:

–Tudo isso eu sei muito bem, mas não te quero responder. Trata da tua vida.

E respondeu aquele moço:

– Melhor do que tu, poderia eu responder.

Então frei Elias, muito perturbado, fechou a porta furiosamente e retirou-se.

Depois começou a pensar nesta pergunta, a duvidar dentro em si mesmo, e não a sabia resolver. Porque, como era Vigário da Ordem, e tinha ordenado e feito constituição, contra o Evangelho e contra a Regra de S. Francisco, de que nenhum frade da Ordem comesse carne, era aquela pergunta expressamente contra ele. E, como não soubesse, por si só, resolver a dificuldade, lembrando-se da modéstia do Anjo, que lhe dissera saber responder à pergunta melhor do que ele, voltou à porta, com sentido de o interrogar; mas já era partido, porque a sua soberba tinha-o tornado indigno de falar com um Anjo.

Entretanto S. Francisco, a quem Deus revelou todas estas coisas, voltou do bosque, e, com veemência e alta voz, repreendeu frei Elias, dizendo:

– Mal fizeste, frei Elias soberbo, que expulsaste para longe de nós os santos Anjos, que vêm para nos instruir. Em verdade te digo: receio muito que a tua soberba te faça acabar fora da Ordem.

E sucedeu como S. Francisco predisse, porque morreu fora da Ordem.

No mesmo dia, à mesma hora em que o Anjo partiu, apareceu ele a frei Bernardo, que voltava de Santiago e se encontrava junto da margem dum grande rio; e saudou-o em sua própria língua, dizendo: Deus te dê a paz, bom irmão.

E maravilhando-se muito frei Bernardo, e considerando a formosura do jovem, e a saudação de paz que em sua própria língua lhe dirigia, e o alegre semblante que mostrava, perguntou-lhe:

– Donde vens tu, bom moço?

Respondeu-lhe o Anjo:

– Eu venho do lugar em que vive frei Francisco. Queria falar com ele, mas não pude, porque estava no bosque contemplando as coisas divinas. Com ele vivem frei Masseu, frei Gil e frei Elias. Frei Masseu ensinou-me a bater à porta, ao modo dos irmãos; mas frei Elias não me quis responder, sobre uma questão que lhe propus, e ainda que depois se arrependeu e me quis ver e ouvir, não pôde.

Depois destas palavras, disse o Anjo a frei Bernardo:

– Porque não passas para a outra banda?

E frei Bernardo respondeu:

– Porque receio afogar-me; as águas aqui são fundas.

E o Anjo replicou:

– Passemos juntos, e não tenhas medo.

E, tomando-o pela mão, passou-o à margem oposta, num abrir e fechar de olhos.

Então conheceu frei Bernardo ser aquele um Anjo de Deus; e, com grande reverência e alegria, disse em alta voz:

– Ó Anjo bendito de Deus, dize-me qual é o teu nome.

Respondeu o Anjo:

– Porque queres tu saber o meu nome, que é maravilhoso?

E dito isto desapareceu, deixando frei Bernardo tão consolado, que fez o resto da viagem com alegria.

Tomou nota do dia e da hora em que o Anjo lhe apareceu, e logo que chegou onde estava S. Francisco com os sobreditos companheiros, contou por miúdo todas estas coisas, e conheceram, com inteira certeza, que o mesmo Anjo, naquele dia e naquela hora, a um e outro aparecera; e deram graças a Deus. *Ámen.*

CAPÍTULO V

Como frei Bernardo fundou um pequeno convento em Bolonha

Como S. Francisco e os seus companheiros tivessem sido chamados e escolhidos por Deus para, de obra e coração levarem e pregarem a cruz de Cristo, pareciam e eram realmente homens crucificados, tanto em seu vestir, como em sua vida austera, em suas obras e acções.

E mais desejavam sofrer opróbrios e desprezos por amor de Cristo, do que ser honrados do mundo ou reverenciados com vãos louvores. Regozijavam-se com os ultrajes, e das honras se entristeciam, e assim andavam pelo mundo, como peregrinos e estrangeiros, não levando consigo senão a Jesus Crucificado. E como eram verdadeiros ramos da verdadeira vide que é Cristo, produziam grandes frutos nas almas, que para Deus ganhavam.

Sucedeu, pois, no princípio da Religião, mandar S. Francisco a frei Bernardo à cidade de Bolonha, para que, segundo a graça que Deus lhe havia dado, recolhesse frutos para Ele; e frei Bernardo, fazendo o sinal da cruz, partiu por santa obediência, e chegou a Bolonha.

Mas os rapazes, logo que o viram num trajo tão desusado e grosseiro, começaram a enchê-lo de escárnios e injúrias, tomando-o por louco. Tudo frei Bernardo suportava com alegria e paciência, por amor de Cristo. Mesmo, para que melhor o pudessem maltratar, pôs-se de propósito no meio da praça; e sentando-se na terra, cercaram-no muitos rapazes e homens. Um lhe puxava do capelo por diante, outro por detrás; estes atiravam-lhe pedras e terra, aqueles empurravam-no, ora para um lado, ora para outro.

Frei Bernardo tudo recebia sem se alterar, de rosto alegre, sem uma queixa, nem mudar de sítio. E durante muitos dias voltou ao mesmo lugar, para sofrer estas coisas. E porque a paciência é obra de perfeição e prova de virtude, um sábio doutor em leis, vendo e considerando em frei Bernardo tanta constância e virtude, que não pôde ser perturbada com nenhuma injúria nem mau trato, disse consigo:

– «É impossível que este homem não seja santo».

E aproximando-se dele, lhe perguntou

– Quem és tu, e a que vieste cá?

E frei Bernardo, por única resposta, meteu a mão no seio, tirou a Regra de S. Francisco e deu-lha a ler. E depois que o doutor a leu, tendo considerado aquele altíssimo estado de perfeição, voltou-se, cheio de assombro e admiração, para os companheiros e disse-lhes:

– Verdadeiramente é este o mais alto estado de religião de que eu tenho conhecimento; este e os seus companheiros são os homens mais santos do mundo; e quem os injuria comete um grandíssimo pecado, porque eles merecem as maiores honras, pois são verdadeiros amigos de Deus.

E voltando-se para frei Bernardo:

– Se quiseres tomar habitação, onde convenientemente possas servir a Deus, de boa vontade ta darei para salvação da minha alma.

– Meu senhor, respondeu frei Bernardo, creio que isto vos foi inspirado por Nosso Senhor Jesus Cristo; por isso, aceito mui gostosamente a vossa oferta, para honra de Cristo.

Então aquele juiz, com grande alegria e caridade, levou frei Bernardo a sua casa e deu-lhe o lugar prometido, e o preparou e compôs à sua custa, sendo desde aquele dia o pai e especial defensor de frei Bernardo e de seus companheiros.

E frei Bernardo, por sua santa conversação, começou a ser muito honrado de todos, de maneira que se considerava feliz aquele que o podia tocar ou ver. Mas ele, como verdadeiro discípulo de Cristo e do humilde Francisco, temendo que as honras do mundo impedissem a paz e a salvação de sua alma, saiu um dia da cidade, voltou para junto de S. Francisco, e disse-lhe:

– Padre, já temos casa na cidade de Bolonha; manda para lá irmãos que a guardem e fiquem nela, porque eu já lá não faço nenhum fruto; antes, pelas demasiadas honras que me dão, receio ter recebido maior dano do que proveito hei tirado.

Ouvindo S. Francisco todas estas coisas que, por meio de frei Bernardo, Nosso Senhor tinha cumprido, deu-lhe graças, porque assim começava a multiplicar os pobres discípulos da Cruz; e mandou alguns companheiros para Bolonha e para a Lombardia,

os quais fundaram eremitérios, por diversos lugares. Para honra e reverência do bom Jesus. *Ámen*.

CAPÍTULO VI

Da morte de frei Bernardo

Era frei Bernardo de tanta santidade, que S. Francisco lhe consagrava grande reverência, e muitas vezes o louvava. Estando, pois, um dia em devota oração, foi-lhe revelado por Deus que frei Bernardo devia sustentar, por permissão divina, muitos e mui violentos combates dos demónios. Por este motivo, sentindo grande compaixão pelo dito frei Bernardo, a quem amava como a filho, orou, com lágrimas, durante muitos dias, pedindo a Deus por ele, e encomendando-o a Jesus Cristo, para que lhe desse vitória contra o demónio. E, orando devotamente S. Francisco, lhe respondeu o Senhor:

«Não temas, Francisco, porque todas as tentações com que frei Bernardo há-de ser combatido, são permitidas para exercício de sua virtude e coroa de seus méritos; e finalmente sairá vitorioso de todos os seus inimigos, porque ele é um dos comensais do reino de Deus».

Da qual resposta recebeu S. Francisco grande alegria, e deu muitas graças a Deus; e dali por diante lhe dedicou ainda maior reverência e amor. E bem lho demonstrou, não só durante a vida, mas até no momento da morte. Porque, aproximando-se esta, estava o Santo, como outro patriarca Jacob, rodeado de seus devotos filhos, aflitos e chorosos pela perda de tão amável pai, e perguntou:

– Onde está meu primogénito? Chega-te cá, meu filho, para que a minha alma te abençoe antes que eu morra.

Então disse frei Bernardo, baixinho, a frei Elias:

– Padre, põe-te à mão direita do Santo, a fim de que te abençoe.

E tendo-se frei Elias colocado à mão direita, S. Francisco, que pelas muitas lágrimas tinha perdido a vista, poisou a mão direita sobre a cabeça de frei Elias e disse:

– Esta não é a cabeça do meu filho primogénito.

Então frei Bernardo aproximou-se pela esquerda; mas S. Francisco cruzando os braços colocou a mão direita na cabeça de frei Bernardo e a esquerda na de frei Elias, e disse ao primeiro:

– Abençoe-te o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, com todas as bênçãos espirituais e celestiais, em Cristo. E já que foste o primeiro eleito para, nesta santa Ordem, dar exemplo evangélico e seguir a Cristo – porque não somente deste quanto tinhas e o distribuístes inteira e livremente aos pobres, por amor de Cristo, mas ainda a ti mesmo te ofereceste a Deus nesta Ordem, em sacrificio de suavidade – bendito sejas de Nosso Senhor Jesus Cristo e de mim, seu pobrezinho servo, com as bênçãos eternas, quer caminhes, quer descanses, durante a vigília, na vida e na morte; e todo aquele que te abençoa, seja bendito e repleto de bênçãos, mas quem te amaldiçoar não ficará sem castigo. Serás o primeiro entre os teus irmãos, a teu mando todos obedecerão; tens licença para receber na Ordem a quem te aprover; nenhum irmão terá autoridade sobre ti, e seja-te lícito ir para onde quiseres e viver onde te agradar¹⁰.

Depois da morte de S. Francisco, os frades ficaram a amar e a reverenciar frei Bernardo como a um pai venerável; e, à hora da sua morte, muitos foram os que vieram de diversas partes do mundo, e entre eles o hierárquico e divino frei Gil, que, ao ver frei Bernardo, disse com grande alegria:

– «Corações ao alto!»

E logo frei Bernardo mandou secretamente a um irmão que escolhesse para frei Gil um lugar azado à contemplação; e assim se fez.

Tendo chegado a hora extrema, mandou frei Bernardo que o solevassem, e falou aos irmãos que estavam ali presentes, dizendo:

– Irmãozinhos meus caríssimos, não quero dizer muitas palavras; porém, deveis considerar que o estado da Religião em que vivi, nele viveis vós igualmente; e o que a mim agora sucede, a vós

¹⁰ Trata-se dum decalque da bênção de Jacob a seus filhos (Gn 48, 13-17). O facto também é referido em Celano (1C 108, mas com sentido contrário: Francisco cruzou as mãos para pôr a direita sobre Elias, seu Vigário (2C 216). Segundo LP 12 e EP 107, Francisco teria pousado a mão esquerda sobre a cabeça de frei Egidio e teria dito: “Esta não é a cabeça de frei Bernardo”.

sucedirá um dia. E isto tenho eu na alma: que em mil mundos como este, quisera ter servido a Nosso Senhor Jesus Cristo e a vós; e rogo-vos, meus irmãos muito amados, que vos ameis uns aos outros.

Ditas estas palavras e outros bons ensinamentos, deixou-se recai no leito; o seu rosto iluminou-se e inundou-se de alegria, de que os irmãos tomaram grande maravilha; e naquele transporte de júbilo, sua alma santíssima, coroada de glória, passou da presente vida à bem-aventurada dos Anjos.

Para glória e louvor de Cristo. *Ámen.*

CAPÍTULO VII

Como S. Francisco jejuou uma Quaresma, no lago de Perúsia, tendo comido nesse tempo só meio pão

Porque o venerável servo de Cristo, S. Francisco, foi em algumas coisas quase outro Cristo, dado ao mundo para salvação dos povos, quis Deus Pai que em muitos actos fosse conforme e semelhante a seu Filho Unigénito, como o demonstrou no venerável Colégio dos doze Companheiros, no admirável mistério das sagradas chagas e no continuado jejum da santa Quaresma, que observou do modo seguinte:

Estando uma vez, em dia de Carnaval, próximo do lago de Perúsia, em casa dum seu devoto, onde tinha passado a noite, inspirou-lhe Deus que fosse passar a Quaresma a uma ilha do dito lago; pelo que rogou ao seu devoto que, por amor de Cristo, o levasse em sua barca a uma ilha do lago, das que ninguém habitasse; mas que o levasse durante a noite de Quarta-feira de Cinzas, para que se não soubesse. E este homem, pela grande devoção que a S. Francisco tinha, tudo sollicitamente cumpriu, levando-o de barco à referida ilha. E S. Francisco não levou consigo mais do que dois pãezinhos.

Chegaram junto da ilha, e, ao retirar-se o amigo para sua casa, lhe rogou S. Francisco por caridade, que não revelasse a pessoa alguma que ele estava ali, e que o não viesse buscar antes de Quinta-feira Santa. Depois disto retirou-se aquele homem, e S. Francisco ficou só. E como não houvesse por ali nenhuma habi-

tação onde se abrigar, internou-se por um bosque muito denso, até onde muitos abrunheiros e arbustos tinham formado uma espécie de cabana; e ali se pôs em oração, a contemplar as coisas celestes. Neste lugar passou toda a Quaresma, sem comer nem beber mais do que metade dum daqueles pãezinhos, como observou o seu devoto quando voltou, e viu que, dos dois pães, um estava inteiro e outro meado. E crê-se que, se S. Francisco comeu a metade que faltava, foi em reverência do jejum de Cristo bendito, que sem tomar alimento material jejuou quarenta dias e quarenta noites; e assim quis, com aquele meio pão, afugentar o veneno da vanglória, de, a exemplo de Cristo, jejuar quarenta dias e quarenta noites.

Mais tarde veio Deus a obrar muitos milagres naquele lugar, onde S. Francisco fez tão maravilhosa abstinência; pelo que começaram os homens a edificar casas e a viver ali; e em tão pouco tempo se formou uma grande e boa aldeia, e os frades edificaram um eremitério, que se chama Eremitério da Ilha; e até ao dia de hoje têm os homens e mulheres desta aldeia grande reverência e devoção àquele conventinho, onde S. Francisco passou a dita Quaresma.

À honra de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO VIII

Como S. Francisco, caminhando com frei Leão, lhe expôs em que consiste a perfeita alegria¹¹

Em tempo de inverno, vindo uma vez S. Francisco com frei Leão de Perúsia para Santa Maria dos Anjos, eram fortemente atormentados pelo frio intensíssimo. E chamando por frei Leão, que ia um pouco adiante¹², disse-lhe:

¹¹ A florinha da *Perfeita Alegria*, tão bela na sua composição como evangelicamente profunda, na realidade é a encenação poética da quinta Exortação: “*Que ninguém se ensoberbeça, mas, sim, se glorie na Cruz do Senhor*”; o mesmo tema aparece em (1R 14. 16. 17. 22; 2R 10; Ex 6. 9. 11-15. 18; 2C 145).

¹² É a maneira evangélica de caminhar de Francisco e seus irmãos. Dante faz-se eco na *Divina Comédia* (*inf.* 23, 1-3), do espectáculo popular dos irmãos menores “caminhando dois a dois: um à frente e outro atrás”.

– Ó frei Leão, ainda que os frades menores dessem, por toda a terra, grande exemplo de santidade e boa edificação: escreve todavia e nota diligentemente que não está nisso a perfeita alegria.

E andando um pouco mais, tornou a chamar:

– Ó frei Leão, ainda que o frade menor desse vista aos cegos, curasse paralíticos, expulsasse os demónios, desse ouvido aos surdos, pés aos coxos, fala aos mudos, e, o que mais é, ressuscitasse mortos de quatro dias: escreve que não está nisso a perfeita alegria.

E caminhando mais adiante, com voz forte, gritou:

– Ó frei Leão, se o frade menor soubesse todas as línguas e todas as ciências, e conhecesse todas as escrituras, de maneira que pudesse profetizar e revelar, não somente as coisas futuras, mas ainda os segredos das consciências e dos corações: escreve que não está nisso a perfeita alegria.

E continuando a andar, de novo chamou com voz forte:

– Ó frei Leão, ovelhinha de Deus, ainda mesmo que o frade menor falasse com língua de Anjo, e soubesse o curso das estrelas e as virtudes das ervas, e lhe fossem revelados todos os tesouros da terra, e conhecesse as propriedades das aves e dos peixes e de todos os animais e dos homens e das árvores e das pedras e das raízes e das águas: escreve que não está nisso a perfeita alegria.

E prosseguindo adiante, clamou em alta voz.

– Ó frei Leão, quando o frade menor soubesse pregar tão bem, que todos os infiéis convertesse à fé de Cristo: escreve que não está nisso a perfeita alegria.

E, continuando a falar assim pelo espaço de duas milhas, perguntou frei Leão muito enleado:

– Padre, da parte de Deus te peço que me digas onde está a perfeita alegria.

E S. Francisco respondeu-lhe assim:

– Se quando nós chegarmos a Santa Maria dos Anjos, repassados da chuva, tiritando de frio, cobertos de lama e aflitos com fome, batermos à porta, e vier de lá o porteiro, todo irado, e nos disser: – «Quem sois vós?», e nós lhe respondermos: – «Somos dois dos vossos irmãos»; e ele replicar: – «Não dizeis verdade; sois mas é dois vagabundos que andais enganando o mundo e roubando as esmolas dos pobres; ponde-vos daqui para fora!», e nos não

abrir, mas nos fizer passar a noite à neve, à chuva, com frio e com fome; e nós então suportarmos tanta injúria, tanta crueldade, tantos vitupérios, com paciência, sem perturbação nem queixume, humilde e caritativamente, pensando que, em verdade, aquele porteiro nos tinha conhecido e que Deus o movera a falar contra nós: ó frei Leão, escreve que nisto está a perfeita alegria. E, se, continuando nós a bater, ele saísse indignado, e, como a importunos vadios, nos deitasse fora ignominiosamente, às bofetadas, dizendo: – «Saíam daqui, vilíssimos gatunos; vão para o albergue, que aqui não comereis nem vos acoitareis!»; se isto sofrermos pacientemente e de ânimo leve e benevolente: ó frei Leão, escreve que está nisso a perfeita alegria. Mas se nós, apertados pela fome e pelo frio e pelo rigor da noite, batêssemos e pedíssemos, pelo amor de Deus, com muitas lágrimas, que nos abrissem e deixassem entrar, e ele, mais escandalizado, dissesse: – «Estes vadios não deixam de me importunar! Esperai lá, que já vos dou o pago!», e viesse com um pau nodoso, nos agarrasse pelo capelo, nos atirasse à terra, nos arrastasse pela neve e nos desse desapiadadamente com o pau; se tudo isto levássemos com paciência e satisfação, pensando nos trabalhos de Cristo bendito, e que por seu amor devíamos suportar estes trabalhos: ó frei Leão, escreve que está nisso a perfeita alegria. E agora ouve a conclusão.

– Sobre todas as graças e dons do Espírito Santo que aos seus amigos Cristo concede, está o de se vencer cada um a si mesmo, e o de, voluntariamente e por seu amor sofrer penas, injúrias, desprezos e opróbrios, e dos dons de Deus nos não podemos gloriar, porque nossos não são, mas seus, por onde diz o Apóstolo: «Que tens tu que o não hajas recebido de Deus? E se o recebeste, porque te glorias, como se de ti o houvesses?» Na cruz, porém, e na tribulação nos podemos gloriar, que isto é nosso, e assim diz o Apóstolo: «Não me quero gloriar, senão na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo». A quem toda a honra e glória seja dada, por todos os séculos dos séculos. Ámen.

CAPÍTULO IX

Como S. Francisco, em companhia de frei Leão, rezou Matinas sem Breviário

Estando uma vez S. Francisco, nos primeiros tempos da Ordem, com frei Leão, em um eremitério, onde não havia livro para rezar o ofício divino, quando foram horas de matinas, disse S. Francisco a frei Leão:

– Caríssimo, nós não temos breviário por onde possamos rezar Matinas; mas, para empregarmos o tempo nos louvores de Deus, eu irei dizendo e tu hás-de responder, conforme ao que te ensinar; e acautela-te de não trocar as palavras que te eu disser. Eu direi desta forma: «Ó frei Francisco, tu fizeste tantos males e tantos pecados no século, que és digno do inferno». E tu, frei Leão, responderás:

– «Verdadeira coisa é que mereces o inferno profundíssimo».

E frei Leão respondeu com simplicidade columbina:

– De boamente, padre. Começa em nome de Deus.

Então S. Francisco começou a dizer:

– Ó frei Francisco, tu fizeste tantos males e tantos pecados no século, que és digno do inferno.

Respondeu frei Leão:

– Por ti fará Deus tantos bens, que irás para o paraíso.

– Não digas assim, frei Leão; mas quando eu disser: «Ó frei Francisco, tu praticaste tantas iniquidades contra Deus, que merecedor és de que Ele te amaldiçoe»; tu hás-de responder: «Verdadeiramente és digno de ser metido entre os réprobos».

E frei Leão respondeu:

– Assim farei, padre.

Então S. Francisco, com muitas lágrimas e suspiros, a bater no peito, disse em alta voz:

– Ó Senhor meu, Deus do céu e da terra, eu cometi tantas iniquidades e tantos pecados contra Ti, que, em verdade, sou digno da tua maldição.

E frei Leão contestou:

– Ó frei Francisco, Deus te fará tal, que entre os benditos serás singularmente bendito.

E S. Francisco, surpreendido de que frei Leão respondesse ao contrário do que lhe tinha imposto, repreendeu-o dizendo:

– Porque não respondes como eu te ensino? Mando-te, por santa obediência, que respondas tal qual eu te ensinar.

Eu direi assim: «Ó frei Francisco, miserável, pensas tu que terá Deus misericórdia de ti, depois de teres cometido tantos pecados contra o Pai das misericórdias e o Deus de toda a consolação, que nem digno és de alcançar misericórdia?» E tu, frei Leão, minha ovelhinha, hás-de responder: «De nenhum modo és digno de alcançar misericórdia».

Mas quando S. Francisco disse:

«Ó frei Francisco, miserável, etc.», frei Leão respondeu:

– Deus Pai, cuja misericórdia é infinita mais do que teu pecado, fará contigo grande misericórdia, e te cobrirá de muitas graças.

A esta resposta, S. Francisco, docemente irado e pacientemente perturbado, disse a frei Leão:

– Porque presumiste ir contra à obediência, que já são tantas vezes que respondes o contrário do que te eu disse e mandei?

Respondeu frei Leão, com muita humildade e reverência:

– Padre, Deus me é testemunha de que, todas as vezes, eu quis, deveras, responder como tu mandavas; mas Ele me obrigou a falar como era de sua vontade, e não como eu queria.

De que S. Francisco tomou grande maravilha, e disse a frei Leão:

– Eu te peço encarecidamente que desta vez me respondas como eu te disser.

Respondeu frei Leão:

– Diz, em nome de Deus, que, por certo, desta vez, te responderei como desejas.

E S. Francisco, chorando, disse:

– Ó frei Francisco, miserável, pensas tu que Deus terá misericórdia de ti?

E frei Leão respondeu:

– Antes receberás de Deus inumeráveis graças, e te exaltará e glorificará na eternidade, porque todo o que se humilha será exaltado. E eu outra coisa não posso dizer, porque Deus fala por minha boca.

E, assim, nesta humilde contenda, com muitas lágrimas e consolações espirituais, vigiaram até de manhã.

Seja Cristo louvado. Ámen.

CAPÍTULO X

Resposta nobre e humilde de S. Francisco a frei Masseu, seu companheiro

Estava, em certa ocasião, S. Francisco residindo no eremitério da Porciúncula, com frei Masseu de Marinhano, varão de grande santidade, discrição e graça em falar de Deus; ao qual, por esta razão, o santo muito amava. Ora, um dia que S. Francisco, terminada a oração, vinha saindo do bosque, quis o dito frei Masseu provar até onde chegava a sua humildade; e, fazendo-se-lhe encontradiço, em ar de repreensão disse:

– Porque a ti? Porque a ti? Porque a ti?

E S. Francisco respondeu:

– Que é o que tu queres dizer?

Respondeu frei Masseu:

– Digo: donde vem que todos correm a ti, e cada qual parece que só deseja ver-te e ouvir-te e obedecer-te? Tu não és formoso de corpo, não possuis grande ciência, não és nobre; donde vem, pois, que toda a gente corra atrás de ti?

Ouvindo isto o Santo, com grande alegria de espírito, levantando o rosto para o céu, esteve, por largo espaço, com a mente elevada em Deus; e depois que voltou a si, ajoelhou-se, deu graças e louvores ao Senhor, e logo, com muito fervor, voltando-se para frei Masseu, disse:

– Queres saber porque a mim? Queres saber porque a mim? Queres saber porque a mim toda a gente corre? Isto me vem daqueles olhos do altíssimo Deus, os quais por toda a parte contemplam os bons e os maus; e como estes olhos santíssimos não descobriam entre os pecadores nenhum mais vil, nem mais ignorante, nem maior do que eu; e como, para levar a cabo a maravilha que intentava, não achou, sobre a terra, mais vil criatura, escolheu-me a mim para confundir a nobreza, e a grandeza, e a força, e a formosura, e a grandeza do mundo, para que se reconheça que toda a

virtude e todo o bem lhe pertencem e não à criatura, e que ninguém se pode gloriar em sua presença; mas, se alguém se gloriar, glorie-se no Senhor, a quem pertence toda a honra e glória, por toda a eternidade.

Então frei Masseu, ao ouvir tão humilde resposta, dita com tão grande fervor, se espantou e conheceu que S. Francisco estava fundado em verdadeira humildade.

À honra de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XI

Como S. Francisco foi a Sena e reconciliou homens que se batiam de morte

Indo S. Francisco, certo dia, com frei Masseu, caminhava este um pouco mais adiante. Ao chegarem a uma encruzilhada de três caminhos, por onde se podia ir a Florença, a Sena ou a Arezzo, disse frei Masseu:

– Padre, por que caminho devemos seguir?

Respondeu S. Francisco:

– Por aquele que Deus quiser.

Perguntou frei Masseu:

– E como poderemos saber a vontade de Deus?

Contestou S. Francisco:

– Pelo sinal que te vou mostrar. Mando, pois, por mérito de santa obediência, que, nesta encruzilhada, e no lugar onde tens os pés, te ponhas a andar à roda, à roda, como fazem os meninos, e que não deixes de girar enquanto eu to não disser.

Começou logo frei Masseu a girar em volta, e tanto girou, que, pelas vertigens da cabeça, causadas por estas voltas, caiu muitas vezes ao chão; contudo, como S. Francisco o não mandava parar, e ele queria obedecer, levantava-se e continuava a girar. Por fim, no momento em que dava voltas com mais força, disse S. Francisco:

– Pára e não te movas.

Ele parou, e S. Francisco perguntou-lhe:

– Para onde estás voltado?

– Para Sena, respondeu frei Masseu.

– Pois é este o caminho, disse S. Francisco, por onde Deus quer que vamos.

Caminhando por ele, admirava-se frei Masseu do que S. Francisco o obrigara a fazer, como se fosse um menino, e em presença de seculares que iam passando; não ousava contudo manifestar a sua estranheza, pela reverência que tinha ao santo Padre.

Ao aproximarem-se de Sena, o povo da cidade, advertido da chegada do Santo, foi-lhe ao encontro, e, por devoção, o levaram a ele e ao companheiro até ao palácio do Bispo, de maneira que não tocaram com os pés o chão.

Naquela mesma hora se estavam combatendo alguns homens de Sena, havendo já duas mortes. Indo aonde eles estavam, lhes pregou S. Francisco tão devota e santamente, que os levou a fazerem as pazes, unindo-os em boa harmonia.

Pelo que, ouvindo o Bispo de Sena aquela santa obra feita por S. Francisco, convidou-o, com muita honra, aquele dia e ainda aquela noite.

Na manhã seguinte, S. Francisco, verdadeiro humilde, que em suas obras não buscava senão a glória de Deus, levantou-se cedo, e, com o seu companheiro, às ocultas do bispo, se foi embora.

Do que ia o dito frei Masseu murmurando interiormente, pelo caminho, e dizia:

«Que coisas, as que este pobre homem faz! Manda-me andar à roda, como um muchacho, e ao Bispo, que tanto o honrou, nem ao menos disse uma boa palavra de agradecimento»!...

E parecia a frei Masseu ter S. Francisco obrado indiscretamente. Mas depois, por divina inspiração, entrando em si mesmo, se reprendia em seu coração e dizia:

«Muito soberbo és tu, que julgas as obras divinas; tu és digno do inferno, por causa da tua indiscreta soberba; porque ainda ontem fez frei Francisco obras tão santas, que, mesmo realizadas por algum Anjo, não teriam sido mais maravilhosas. Por isso, mandas-te ele atirar pedras, deverias obedecer-lhe; porquanto o que ele obrou, nesta viagem, procede da disposição divina, como se prova pelo feliz êxito de tudo; pois que se não tivesse reconciliado aqueles que se batiam, não somente muitos teriam sido passados à espada, como já tinha começado a acontecer, mas muitas almas

teriam sido arrastadas ao inferno. Por tudo isto, pois, se prova que és estultíssimo e soberbo, quando murmuras do que manifestamente procede da vontade de Deus».

E todas estas coisas, que frei Masseu ia pensando em seu coração, enquanto caminhava, foram por Deus reveladas a S. Francisco. Donde, chegando-se a ele o Santo, lhe disse:

– O que vais agora pensando é bom e é útil, e de Deus inspirado; mas a primeira murmuração, que antes tinhas estado a fazer, era cega e vã e soberba, e foi-te sugerida pelo demónio.

Então viu frei Masseu claramente que S. Francisco conhecia os segredos do seu coração¹³, e que o Espírito da divina Sabedoria era quem ao santo Padre dirigia todos os actos.

À glória de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XII

Como S. Francisco experimentou a humildade de frei Masseu, seu companheiro

Querendo S. Francisco humilhar a frei Masseu, a fim de que os muitos dons e graças que Deus lhe concedia o não levassem à vanglória, mas pela humildade crescesse de virtude em virtude, uma vez que estava com seus companheiros, homens de verdadeira santidade, entre os quais se contava o dito frei Masseu, disse-lhe diante de todos:

– Ó frei Masseu, todos estes teus companheiros têm a graça da contemplação e da oração, mas tu tens a graça da pregação da palavra de Deus, com satisfação do povo. Por essa razão, quero que tu, para que eles se possam dar à contemplação, faças o officio de porteiro, de esmoler e de cozinheiro; e quando os demais irmãos estiverem comendo, tu irás comer fora da porta; de sorte que atendas às pessoas que venham, ainda antes de chamarem, e lhes digas alguma boa palavra de Deus; e assim não haverá neces-

¹³ É comum a persuasão de que Francisco lia o interior do coração dos irmãos (cf. 1C 48). Sobre o espírito de profecia cf. 2C 26-54; EP 101-109.

sidade de que mais ninguém esteja fora. E faz isto por mérito da santa obediência.

Então frei Masseu tirou o capelo, inclinou a cabeça, e humildemente recebeu e executou a obediência, durante muitos dias, cumprindo o ofício da porta, da esmola e da cozinha.

Mas os companheiros, como homens iluminados por Deus, começaram a sentir no coração um grande remordimento, considerando que frei Masseu era homem de alta perfeição, como eles ou mais, e que sobre ele carregava todo o peso da casa. Por esta razão, movidos dum mesmo desejo, foram pedir ao santo Padre que se dignasse distribuir estes ofícios entre todos, porque as suas consciências não podiam sofrer que frei Masseu levasse tantas fadigas. Ouvindo isto, S. Francisco aceitou os seus conselhos e acedeu ao seu pedido; e, chamando frei Masseu, disse-lhe:

– Frei Masseu, os teus companheiros querem partilhar dos ofícios que eu te dei; quero, pois, que esses ofícios se repartam.

Frei Masseu disse, com grande humildade e paciência:

– Padre, o que me impuseres, seja tudo, seja parte, considero eu feito por Deus.

Então S. Francisco, vendo a caridade daqueles e a humildade de frei Masseu, fez um maravilhoso sermão acerca da santa humildade, ensinando-lhes que, quanto maiores forem os dons e as graças de Deus, tanto maior deve ser a nossa humildade, porque, sem ela nenhuma virtude é aceite a Deus. E, concluída a exortação, distribuiu os ofícios com grandíssima caridade.

À glória de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XIII

Exemplo maravilhoso de pobreza e humildade de S. Francisco

O admirável servo e imitador de Cristo, S. Francisco, para se conformar perfeitamente em todas as coisas com Aquele que, segundo diz o Evangelho, enviou os seus discípulos dois a dois a todas as cidades e aldeias, aonde importava que fossem, depois de haver, a exemplo de Cristo, reunido os seus doze discípulos, mandou-os dois a dois pelo mundo a pregar. E para lhes dar exemplo

de verdadeira obediência, foi ele o primeiro que partiu, à imitação de Cristo, que começou a praticar antes de ensinar. Tendo, pois, designado aos companheiros os outros países do mundo, tomou a frei Masseu por sócio e pôs-se a caminho do reino de França.

E chegando um dia a uma cidade, cheio de fome, foram mendigar, conforme está mandado na Regra. E S. Francisco foi por uma rua e frei Masseu por outra. Mas, porque S. Francisco era homem de mui desprezível aparência, pequeno de corpo, foi reputado como um vil pobrezinho, e não recolheu senão uns pedacitos de pão seco; enquanto a frei Masseu, como era belo e grande de corpo, deram-lhe bons pedaços, grandes e muitos, e ainda pães inteiros.

Tendo acabado o peditório, reuniram-se num lugar fora da cidade, em sítio onde havia uma bela fonte e ao lado uma grande e formosa lage, sobre a qual cada um deitou toda a esmola que tinha alcançado. Vendo S. Francisco que os bocados de frei Masseu eram mais, maiores e mais excelentes do que os seus, mostrou muita alegria e disse assim:

– Ó frei Masseu, nós não somos dignos de tão grande tesouro!

E repetindo ele esta frase muitas vezes, respondeu frei Masseu:

– Padre caríssimo, como se pode chamar tesouro onde há tanta pobreza, e onde tantas coisas faltam, das que nos são necessárias? Porque nem há toalha, nem faca, nem pratos, nem casa, nem mesa, nem criado, nem criada.

Disse então S. Francisco:

– Pois é isso o que eu considero grande tesouro: onde não há coisa alguma preparada por indústria humana, mas tudo quanto aqui está foi aparelhado por divina Providência, como se vê claramente no pão mendigado, na mesa de pedra tão bela, e na tão clara fonte; por isso, quero que peçamos a Deus que nos faça amar de todo o coração o mui nobre tesouro da santa pobreza, que ao próprio Deus tem por servo.

E, ditas estas palavras, fizeram oração, tomaram a refeição corporal, e continuaram o seu caminho para França. Ao passarem por uma igreja, disse S. Francisco ao companheiro que fossem orar.

S. Francisco dirigiu-se para trás do altar e pôs-se em oração. E durante ela recebeu um excessivo fervor, que inflamou tão ar-

dentemente a sua alma no amor da santa pobreza, que, pelo aceso do rosto e pelo estranho mover dos lábios, parecia deitar chamas de amor. E rompendo, assim como que abrasado, para o companheiro, lhe disse:

– Ah! ah! ah! frei Masseu, junta-te a mim!

Repetiu isto três vezes; e à terceira levantou no ar, com um sopro, a frei Masseu, lançando-o para diante de si, à distância duma comprida lança. Do que frei Masseu tomou grandíssimo espanto. E contou depois aos companheiros que, naquela suspensão e impulso, com o sopro de S. Francisco, sentiu tanta doçura de alma e consolação do Espírito Santo, como em sua vida jamais sentira outra igual.

Feito isto, disse S. Francisco:

– Caríssimo companheiro, vamos a S. Pedro e a S. Paulo, e roguemos-lhes que nos ensinem e ajudem a possuir o tesouro inestimável da santa pobreza; porque é ele tão honrosíssimo e divino tesouro, que não somos dignos de o possuir em nossos vilíssimos vasos, sabendo que é por esta celestial virtude que todas as coisas terrenas e transitórias são calcadas aos pés, e se dissipam todos os obstáculos diante da alma, para que ela possa livremente unir-se com Deus eterno. É esta a virtude, pela qual a alma, retida ainda sobre a terra, conversa no céu com os Anjos; ela acompanhou Cristo na cruz; com Cristo foi sepultada, com Cristo ressuscitou, e com Cristo subiu ao céu; é ela que, ainda nesta vida, concedeu à alma, que dela se enamorou, agilidade para voar ao céu; é ela arma poderosa com que se guarda a verdadeira humildade e caridade. E, por isso, peçamos aos mui santos Apóstolos de Cristo, os quais foram perfeitos apreciadores desta pérola evangélica, que nos alcancem esta graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, e que por sua santíssima misericórdia Ele nos conceda sermos merecedores de amar, observar e humildemente seguir a preciosíssima, amantíssima e angelical pobreza.

E assim falando, chegaram a Roma, e entraram na igreja de S. Pedro. S. Francisco pôs-se em oração a um canto da igreja e frei Masseu a outro. E permanecendo em larga oração, com muitas lágrimas e devoção, apareceram a S. Francisco os santos Apóstolos Pedro e Paulo, com grande esplendor, e lhe disseram:

«Pois que pedes e desejas observar aquilo que Cristo e os santos Apóstolos observaram, nosso Senhor Jesus Cristo nos manda anunciar-te que tua oração foi ouvida; e Deus te há concedido, a ti e aos teus seguidores, o tesouro da santíssima pobreza, em toda a perfeição. E mais te dizemos, de sua parte, que todo aquele que, a teu exemplo, seguir este desejo, pode estar seguro da bem-aventurança eterna; e tu e os teus discípulos sereis abençoados por Deus».

Ditas estas palavras, desapareceram, deixando S. Francisco cheio de consolação. Quando se levantou da oração, voltou para junto do companheiro e perguntou se Deus lhe tinha revelado alguma coisa; mas ele respondeu que não. Então S. Francisco contou como os santos Apóstolos lhe tinham aparecido, e o que lhe haviam revelado. Pelo que, cheios de alegria, determinaram voltar para o vale de Espoleto, abandonando a viagem de França.

À honra de Cristo. Amen.

CAPÍTULO XIV

Como Cristo apareceu a S. Francisco e aos seus companheiros

Estando uma vez S. Francisco, nos princípios da Ordem, reunido com os seus companheiros a falar de Cristo, levado pelo fervor de espírito, mandou a um deles que, em nome de Deus, abrisse a boca e falasse, segundo o Espírito lhe inspirasse. Obedeceu o irmão, e, estando a falar maravilhosamente de Deus, lhe impôs S. Francisco silêncio, e mandou a outro a mesma coisa. Este obedeceu igualmente, e, discursando com muita subtilidade, do mesmo modo lhe impôs silêncio; e mandou a um terceiro que falasse de Deus. O qual começou a falar tão profundamente dos segredos divinos, que S. Francisco conheceu que tanto este como os outros dois falavam inspirados pelo Espírito Santo. E isto ficou demonstrado por um sinal; porque estando nesta prática, apareceu no meio deles Cristo bendito em forma de bellissimo jovem; e, abençoando-os a todos, encheu-os de tanta doçura, que todos foram arrebatados em êxtase, e estiveram fora de si, jazendo como

mortos, sem nada sentirem deste mundo. E depois que tornaram a si, lhes disse S. Francisco:

– Caríssimos irmãos meus, agradecei a Deus, que quis revelar, pela boca dos simples, os tesouros da divina sabedoria; porque Deus é quem abre a boca aos mudos, e dá à língua dos simples palavras de alta sabedoria.

CAPÍTULO XV

Da maravilhosa refeição que S. Francisco fez com Santa Clara em Santa Maria dos Anjos

Costumava S. Francisco, quando estava em Assis, visitar muitas vezes Santa Clara, para lhe dar santas instruções. E, apesar de ela ter grandes desejos de comer, pelo menos uma vez, com ele, e de lho ter pedido repetidamente, nunca ele lhe quis dar esta consolação; mas os companheiros, vendo o desejo de Santa Clara, disseram a S. Francisco:

– Padre, parece-nos que não é conforme à caridade divina este rigor: não queres atender a irmã Clara, virgem mui santa e querida de Deus, em tão pequena coisa, como é comer contigo; especialmente considerando que ela, por tua pregação, abandonou as riquezas e as pompas do mundo. Em verdade, ainda que ela te pedisse maior graça, devias concedê-la à tua planta espiritual.

Então respondeu S. Francisco:

– Parece-vos que a devo atender?

Ao que eles responderam:

– Sim, Padre, digna coisa é que tu lhe dê esta consolação.

– Pois já que vos parece bem, disse S. Francisco, também a mim. Mas, para que ela fique mais consolada, quero que esta refeição seja em Santa Maria dos Anjos. E como ela, há já tanto tempo, está reclusa em S. Damião, há-de ter muito contentamento em ver o conventinho de Santa Maria, aonde foi conduzida e feita esposa de Jesus Cristo; lá comeremos juntos, em nome de Deus.

Tendo chegado o dia aprazado, saiu Santa Clara do seu mosteiro com uma companheira, e, guardada por alguns companheiros de S. Francisco, chegou a Santa Maria dos Anjos. Depois de ter devotamente saudado a Virgem Maria, diante do seu altar, ante o

qual lhe fora cortado o cabelo e imposto o véu, conduziram-na a ver o eremitério, até que fosse hora de jantar.

Entretanto mandou S. Francisco preparar a mesa sobre a terra nua, como de costume.

Chegada a hora de jantar, sentaram-se juntos S. Francisco e Santa Clara, e um dos companheiros com a companheira de santa Clara; depois todos os outros irmãos se aproximaram da mesa humildemente.

Como primeira vianda, começou S. Francisco a falar de Deus, tão suavemente, tão maravilhosamente, que, baixando sobre eles a abundância da divina graça, todos foram arrebatados em Deus. E estando deste modo arrebatados, com os olhos e com as mãos levantadas ao céu, viram os homens de Assis e Betona e os habitantes dos lugares vizinhos, que Santa Maria dos Anjos e todo o eremitério e o bosque, que então existia junto da casa, ardia em chamas, parecendo ser aquilo um grande incêndio que consumia a igreja, o conventinho e bosque juntamente. Pelo que os Assisenses, com grande pressa, correram ao lugar para apagar o fogo, julgando firmemente que tudo estava ardendo.

Mas, ao chegarem ao sítio e não encontrando sinais de fogo, entraram dentro, e encontraram S. Francisco com Santa Clara, e todos os seus companheiros, arrebatados em Deus, por contemplação, e assentados em volta daquela humilde mesa. Do que concluíram, com certeza, que aquele fogo era divino e não material, e que Deus o tinha feito aparecer milagrosamente para significar o fogo do divino amor, em que ardiam as almas daqueles santos frades e santas monjas. E assim se foram embora, com grande consolação.

Depois de largo espaço de tempo, tendo S. Francisco e Santa Clara tornado a si, bem como os demais, e sentindo-se mui reconfortados com o alimento espiritual, pouco caso fizeram do alimento corporal. E assim, terminada aquela bendita refeição, voltou Santa Clara, bem acompanhada, a S. Damião; e, ao vê-la, as freiras tiveram grande alegria, porque temiam que S. Francisco a tivesse mandado reger outro mosteiro, como já tinha mandado Sórora Inês, sua irmã, governar, como abadessa, o convento de Monticelli, em Florença; e já por diversas vezes tinha S. Francisco dito a Santa Clara:

– Prepara-te, porque pode ser que eu necessite de te mandar a algum convento.

E ela, como filha da santa obediência tinha respondido:

– Padre, eu estou sempre preparada para ir aonde quer que me enviardes.

E por isto as irmãs se alegraram muito, quando a viram chegar. E Santa Clara viveu desde então muito consolada.

Em louvor de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XVI

Como Deus revelou a Santa Clara e a frei Silvestre que S. Francisco devia ir pregar. Como fundou a Ordem Terceira, e pregou às avezinhas.

O humilde servo de Deus, S. Francisco, pouco depois da sua conversão, tendo já reunido e recebido na Ordem muitos companheiros, entrou a pensar muito e com grandes dúvidas, sobre o que devia fazer: dar-se somente à oração, ou também, uma vez por outra, à pregação? E sobre isto desejava vivamente conhecer a vontade de Deus. Mas, porque a santa humildade, que nele morava, lhe não consentia fiar-se de si mesmo, nem das suas orações, pensou em indagar a vontade divina, por meio das orações dos outros. E chamando frei Masseu, disse-lhe:

– Vai ter com a irmã Clara, e diz-lhe da minha parte que com algumas companheiras mais espirituais, peça devotamente a Deus se digne mostrar-lhe o que será mais conveniente: se dedicar-me à pregação ou somente à oração? Depois procura frei Silvestre e diz-lhe o mesmo.

Era esse frei Silvestre aquele cavalheiro que, vivendo ainda no século, tinha visto sair da boca de S. Francisco uma cruz de ouro, a qual chegava ao céu e abrangia o mundo, duma extremidade à outra; e era agora de tão grande santidade, que, quanto a Deus pedia, tudo obtinha; e muitas vezes falava com Deus, pelo que S. Francisco tinha por ele uma grande devoção.

Foi, pois, frei Masseu e, conforme o Santo mandou, assim fez, indo primeiro a Santa Clara e depois a frei Silvestre, que, apenas

recebeu a mensagem, se pôs logo em oração, e, orando, obteve a divina resposta; e voltando aonde estava frei Masseu, disse-lhe:

– Isto ordena Deus que digas a frei Francisco: não o chamou Ele a este estado para seu único proveito, mas para que faça fruto nas almas e para que muitos encontrem por ele a salvação.

Havida esta resposta, voltou frei Masseu a santa Clara para saber o que de Deus tinha conseguido; e respondeu-lhe que tanto ela como as suas companheiras haviam recebido resposta igual à de frei Silvestre.

Com isto tornou frei Masseu para S. Francisco, que o recebeu com grandíssima caridade, lavando-lhe os pés e preparando-lhe de jantar. Depois chamou-o ao bosque e, ajoelhando diante dele, tirou o capuz, e, com os braços cruzados, lhe perguntou:

– Que manda o meu Senhor Jesus Cristo?

Respondeu frei Masseu:

– Tanto a frei Silvestre como a Sórora Clara e demais irmãs respondeu Cristo e revelou que é da sua vontade que tu vás pelo mundo pregar, porque não te elegeu Ele para ti somente, mas também para salvação de muitos.

Tendo ouvido S. Francisco esta resposta, e conhecendo por ela a vontade de Cristo, levantou-se e com grandíssimo fervor disse:

– Vamos, em nome de Deus!

Tomou por companheiros a frei Masseu e a frei Ângelo, homens santos. E caminhando ao impulso do espírito, sem escolher nem caminho nem senda, chegaram a um castelo, que se chamava Carmano. E S. Francisco se pôs a pregar, mandando primeiro às andorinhas, que ali estavam cantando, que se calassem, até ele acabar de pregar.

Obedeceram as andorinhas, e ele pregou com tanto fervor, que todos os homens e mulheres daquele castelo o queriam seguir, por devoção, e abandonar a terra; mas S. Francisco não o permitiu, dizendo:

– Não tendes pressa, nem partais; eu ordenarei o que haveis de fazer, para salvação das vossas almas.

E então pensou em fundar a Ordem Terceira, para universal remédio de todos. E deixando-os assim consolados e bem dispostos à penitência, partiu para entre Carmano e Bevanha. E, passando além, com grande fervor, levantou os olhos e viu umas árvores

ladeando o caminho, sobre as quais estava infinita multidão de pássaros, de que muito se admirou, e disse aos companheiros:

– Esperai aqui por mim, que eu vou pregar aos meus irmãos pássaros.

Entrou no campo e começou a pregar aos pássaros, que estavam no chão. E imediatamente os que estavam pelas árvores vieram onde a ele, e todos juntos permaneceram quietos, até que S. Francisco acabou a pregação; e só depois que lhes lançou a bênção é que partiram.

E, segundo contava depois frei Masseu e frei Tiago de Massa, andando S. Francisco por entre eles, tocava-os com o manto sem que nenhum se movesse. A substância da prática de S. Francisco foi esta:

«Avezinhas, minhas irmãs: mui gratas deveis estar a Deus vosso criador, e sempre e em todos os lugares o deveis louvar, porque vos concedeu um vestido dobrado e tresdobrado; e porque conservou vossos pais na arca de Noé, a fim de que não acabasse no mundo a vossa espécie. E ademais lhe deveis estar obrigados pelo ar, que vos destinou; além disto, vós nem semeais nem recolheis, mas Deus vos nutre e vos dá os rios e as fontes para beberdes; e vos dá os montes e os vales para refúgio e as altas árvores para fazerdes ninhos; e conhecendo que vós não sabeis fiar nem coser, vos veste a vós e a vossos filhos. Grande é, pois, o amor que vos tem o Criador, que tantos benefícios vos faz; por isso, minhas irmãs, guardai-vos do pecado da ingratidão, e esforçai-vos sempre por louvar a Deus».

Tendo o santo dito estas palavras, todas aquelas aves começaram a abrir o bico, a estender o pescoço, a alargar as asas, e a inclinar, como reverência, a cabeça até o chão, mostrando, com sinais e cantos, o muito prazer que lhes davam as palavras do Santo Padre. E S. Francisco se regozijava e deleitava com elas, maravilhando-se muito de tanta multidão de pássaros, da sua beleza e variedade, e da sua atenção e familiaridade; pelo que devotamente louvava o Criador.

Finalmente, concluída a pregação, fez sobre eles o sinal da cruz, e deu-lhes licença para se irem embora. E todos aqueles pássaros se levantaram no ar, soltando maravilhosos cantos, e se dividiram em quatro grupos, segundo a cruz que S. Francisco tinha

feito: um grupo voou para o Oriente, outro para o Ocidente, o terceiro para o Meio-dia, e o quarto para as partes do Aquilão; e cada bando seguia cantando maravilhosamente, com isto significando que, assim como S. Francisco, porta-bandeira da cruz de Cristo, lhes tinha pregado e tinha sobre eles formado o sinal da cruz, segundo a qual se repartiram cantando pelas quatro partes do mundo, assim também a pregação da cruz de Cristo, renovada por S. Francisco, se devia estender por meio dele e de seus frades a todo o mundo. E estes frades, à semelhança das aves, nada possuindo como coisa própria, deviam confiar a sua vida somente da providência de Deus.

Ao louvor de Cristo. *Ámen.*

CAPÍTULO XVII

Dum menino que desmaiou, vendo S. Francisco a falar com Cristo

Um menino muito puro e inocente foi recebido na Ordem, ainda em vida de S. Francisco. Morando num pequeno eremitério, onde os frades, por necessidade, dormiam dois a dois, chegou ali S. Francisco. À tarde, rezadas Completas, foi-se deitar, a fim de se poder levantar de noite para orar, como era seu costume, enquanto os demais irmãos dormiam.

Entrou no coração ao dito menino espiar sollicitamente os passos de S. Francisco, para poder conhecer a sua santidade, especialmente o que fazia quando se levantava. E, para que o sono o não vencesse, deitou-se ao lado de S. Francisco e atou a sua corda à do santo, para o sentir quando se levantasse. De nada disto deu fé S. Francisco.

Pela noite dentro, quando todos dormiam o primeiro sono, levantou-se S. Francisco; e, achando o cordão assim ligado, cautelosamente o desligou, de maneira que o menino o não sentiu. Depois foi para o bosque, entrou numa cova e pôs-se em oração.

Passado um pouco de tempo, despertou o menino, e achando o cordão desatado, e que S. Francisco se tinha levantado, ergueu-se e foi em busca dele; e encontrando aberta a porta que dava para o bosque, concluiu que S. Francisco para lá tinha ido. Chegando

perto do lugar onde S. Francisco orava, começou a ouvir um grande murmúrio; e, aproximando-se para saber o que era, viu uma luz admirável, que envolvia S. Francisco, e no meio dela viu Cristo e a Virgem Maria, S. João Baptista e S. João Evangelista, e grande multidão de Anjos, que falavam com S. Francisco. Vendo e ouvindo isto, aquele menino caiu por terra e desmaiou. Depois, tendo acabado o mistério daquela santa aparição, quando S. Francisco voltava para o conventinho, tropeçou no corpo do menino, que para ali jazia como morto, no caminho; e cheio de compaixão o levantou e, tomando-o em seus braços, o levou como o bom pastor faz à sua ovelha.

Depois, sabendo que tinha presenciado a visão, lhe mandou que nada dissesse, enquanto ele fosse vivo. Cresceu o menino em grande graça de Deus e em devoção de S. Francisco, e foi insigne varão na Ordem; e somente depois da morte de S. Francisco revelou aos irmãos a referida visão.

À glória de Cristo. Amen.

CAPÍTULO XVIII

Como S. Francisco celebrou Capítulo em Assis

O fiel servo de Deus, S. Francisco, celebrou uma vez Capítulo Geral em Santa Maria dos Anjos, ao qual concorreram mais de cinco mil frades. Ali veio S. Domingos, cabeça e fundador da Ordem dos frades Pregadores, que por essa ocasião ia de Borgonha a Roma. E tendo notícia da reunião do Capítulo que S. Francisco fazia na planície de Santa Maria dos Anjos, foi vê-lo em companhia de sete frades da sua Ordem. Concorreu também ao dito Capítulo um Cardeal devotíssimo de S. Francisco, a quem o santo tinha profetizado que havia de ser Papa, e assim sucedeu¹⁴. Este Cardeal viera expressamente de Perúsia, onde estava a corte pontifícia, a Assis; todos os dias visitava S. Francisco e os seus frades, e algumas vezes cantava a Missa, outras pregava em Capítulo aos frades; e sentia grande consolação e prazer com a vida daquela

¹⁴ Era o cardeal Hugolino, eleito Papa em 1227, com o nome de Gregório IX.

santa reunião. E vendo naquela planície sentados, em volta de Santa Maria, os frades em grupos, aqui de quarenta, acolá de cem, mais além de duzentos ou trezentos juntos, todos ocupados unicamente em falar de Deus, em oração, em lágrimas, em exercícios de caridade, observando tão grande silêncio e tanta modéstia, que se não ouvia rumor; maravilhado o Cardeal de tão grande multidão e tão bem ordenada, com lágrimas e com grande devoção dizia:

– Verdadeiramente é este o campo e o exército dos cavaleiros de Deus.

Não se ouvia em tamanho ajuntamento uma palavra frívola nem ociosa; mas onde quer que se reuniam alguns frades, ou oravam e rezavam o ofício, ou choravam os pecados próprios e os dos seus benfeitores, ou tratavam da salvação das almas.

Havia naquele acampamento cabanas de vime e de esteiras, aos grupos, segundo as diversas nacionalidades; e assim foi chamado o Capítulo dos Vimes, ou, melhor, das Esteiras. As camas eram a terra nua, tendo alguns apenas um pouco de palha; os travesseiros eram uma pedra ou um madeiro. Pelo que, tomavam tanta devoção os que isto viam ou ouviam, e tanta era a fama de sua santidade, que da corte do Papa, que então estava em Perúsia, e de outras terras do Vale de Espoleto, vinham muitos condes, barões e cavaleiros, e outros gentis-homens, e muitos populares, e Cardeais, e Bispos, e Abades, com outros Clérigos, para ver aquela tão santa e numerosa, e tão humilde congregação, como o mundo nunca viu maior, de homens santos reunidos em um lugar. Vinham principalmente para ver o Chefe e Pai santíssimo de toda aquela santa gente, o qual tão bela presa tinha arrebatado ao mundo e reunido assim tão formoso e devoto rebanho, para seguir as pisadas do verdadeiro pastor, Jesus Cristo.

Estando, pois, reunido todo o Capítulo Geral, o santo Pai de todos e geral ministro, S. Francisco, com fervor de espírito expôs a palavra de Deus e pregou, em alta voz, o que o Espírito Santo lhe ditava tomando por tema do sermão estas palavras: «Meus filhos, grandes coisas prometemos, maiores, porém, nos são prometidas por Deus, se observarmos as que prometemos; e esperamos com certeza o que Ele nos prometeu. Breve é o deleite do mundo, mas a pena que se lhe segue é perpétua; a pena desta vida é pequena, mas a glória da outra é infinita».

E, pregando devotissimamente sobre estas palavras, confortava e induzia a todos os frades à obediência e reverência da santa Madre Igreja, à caridade fraterna, a adorar a Deus por todo o povo, a ter paciência na adversidade do mundo, e temperança na prosperidade, à pureza e castidade angélica, à paz e concórdia com Deus e com os homens e com a própria consciência, ao amor e observância da santíssima pobreza. E neste ponto lhes disse: «Eu vos mando, por mérito de santa obediência, a todos os que aqui estais congregados, que não tenhais cuidado nem solicitude em nenhuma coisa de comer ou de beber, ou das coisas que são necessárias ao corpo, mas aplicai-vos unicamente a orar e a louvar a Deus, deixando a Ele toda a solicitude do corpo, porque toma especial cuidado de vós».

E todos receberam, de coração alegre e rosto sorridente, esta ordem; e acabado o sermão de S. Francisco, todos se puseram em oração.

S. Domingos, que se encontrava presente a estas coisas, ficou fortemente maravilhado com a ordem do santo, mas julgou-o temerário, não podendo imaginar como tamanha multidão se pudesse reger, sem ter cuidado nem solicitude das coisas necessárias ao corpo.

Mas o principal pastor, Cristo bendito, querendo manifestar quanto se ocupa das suas ovelhas e o singular amor que tem pelos seus pobres, imediatamente inspirou aos habitantes de Perúcia, de Espoleto, de Folinho, de Spello e de Assis, e de outras terras comarcãs, que levassem de comer e beber àquela santa congregação.

E eis que, de repente vêm das ditas terras homens com jumentos, cavalos e carros, carregados de pão e de vinho, favas e queijo, e de outras coisas boas para comer, necessárias aos pobrezinhos de Cristo. Além disto, também trouxeram toalhas e copos e outros vasos, de que tanta multidão havia mister; e feliz se reputava aquele que mais coisas podia trazer ou mais solícitamente servir; de tal sorte que os cavaleiros, barões e mais gentis-homens, que tinham vindo por curiosidade, com grande humildade e devoção serviam por si mesmos os frades.

Vendo S. Domingos estas coisas, e conhecendo que verdadeiramente a divina Providência velava por eles, com humildade reconheceu ter falsamente julgado S. Francisco de dar uma ordem

temerária; e, ajoelhando-se diante dele, humildemente disse a sua culpa, e ajuntou: – «Verdadeiramente tem Deus cuidado especial destes santos pobrezinhos, e eu não o sabia. De hoje em diante prometo observar a pobreza evangélica, e amaldiçoo, da parte de Deus, todos os frades da minha Ordem que presumirem possuir alguma coisa própria».

Deste modo ficou S. Domingos muito edificado da fé do santíssimo Francisco, da obediência e da pobreza de tão numeroso e ordenado colégio, da Providência divina, e da copiosa abundância de todos os bens.

Durante aquele mesmo Capítulo, vieram dizer a S. Francisco que muitos religiosos traziam cilícios sobre a carne, e andavam cingidos de cadeias de ferro; e que, por causa disto muitos adoeciam, e alguns morriam, e muitos estavam impossibilitados de orar.

Então S. Francisco, como discreto pai, mandou, por santa obediência, que todos os que andassem com cilício ou cadeia de ferro, lhes trouxessem e apresentassem; e assim fizeram. E foram contados para cima de quinhentos, e muitas braceletes e cintas; de maneira que faziam um grande monte; e S. Francisco mandou que deixassem tudo ali.

Terminado o Capítulo, e confortados e ensinados por Francisco, na maneira como haviam de viver sem pecado neste mundo malvado, com a bênção de Deus e com a sua, os mandou para as suas Províncias, mui consolados de espiritual alegria.

À honra de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XIX

Como Cristo apareceu a S. Francisco que estava doente dos olhos

Estando uma vez S. Francisco gravemente enfermo dos olhos, o cardeal Hugolino, protector da Ordem, pela grande compaixão que tinha dele, lhe escreveu que viesse para sua casa em Rieti, onde havia muito bons médicos da vista. Tendo pois recebido a carta do cardeal, foi primeiro a S. Damião, onde estava Santa

Clara, devotíssima esposa de Cristo, para lhe dizer algumas palavras de consolação, e depois partir para junto do cardeal.

Estando ali S. Francisco durante a noite seguinte, de tal modo piorou dos olhos, que nem já a luz via; e, como não pudesse partir, lhe fez santa Clara uma celazinha de canas, onde melhor descansasse. Mas ele, já pelas dores da enfermidade, já pela multidão de ratos, que lhe causavam grandíssimo incómodo, por nada deste mundo podia descansar, nem de dia nem de noite. E, sofrendo, por mais algum tempo, esta pena e tribulação, começou a pensar e reconhecer que aquilo era um castigo de Deus, por causa de seus pecados; e, dando graças a Deus, de todo o coração e com os lábios, dizia em altas vozes: «Meu Deus, eu sou digno disto, e de muito pior. Senhor meu Jesus Cristo, bom Pastor, que a nós, pecadores, mostraste a tua misericórdia, dando-nos diversas penas e angústias corporais, concede-me graça e virtude, a mim, ovelhinha tua, para que nenhuma enfermidade, angústia ou dor de ti me aparte».

Feita esta oração, ouviu uma voz do céu que dizia:

– Francisco, responde-me. Se toda a terra fosse oiro, e todos os montes e colinas e rochedos fossem pedras preciosas; e se todos os mares, rios e fontes fossem bálsamo; mas se tu encontrasses outro tesouro, que valesse tanto mais do que estas coisas, quanto o oiro é mais nobre do que a terra, e o bálsamo do que a água, e as pedras preciosas do que os montes e as rochas, e tão nobre tesouro te fosse dado como preço desta enfermidade, não te deverias sentir muito contente e muito alegre?

Respondeu S. Francisco:

– Senhor, eu não sou digno de tão precioso tesouro.

E a voz de Deus retorquiu:

– Alegra-te, Francisco, porque aquele tesouro é o da vida eterna, o qual eu reservo para ti, e desde agora to garanto; e esta enfermidade e aflição são as arras desse tesouro de bem-aventurança.

Então S. Francisco, cheio de alegria por tão maravilhosa promessa, chamou o companheiro e disse-lhe:

– Vamos ao Cardeal.

E, tendo antes consolado santa Clara com santas palavras, despediu-se humildemente dela, e tomou o caminho de Rieti.

Quando já se avizinhava, saiu tão grande multidão de povo ao seu encontro, que não quis entrar na cidade; mas recolheu-se a uma igreja, que estava à distância dela, obra de duas milhas.

Sabendo os cidadãos que ele se encontrava na dita igreja, em turbas corriam a vê-lo. Tanto que uma vinha, pertencente à igreja, ficou totalmente devastada, e as uvas por completo vindimadas; do que muito se lamentava o cura, em seu coração, arrependendo-se de ter recebido S. Francisco na sua igreja. Mas tendo Deus revelado ao santo os pensamentos do sacerdote, mandou-o chamar e lhe disse:

– Caríssimo padre, quantas cargas de vinho te dá esta vinha nas melhores colheitas?

– Doze cargas, – respondeu o padre.

Diz S. Francisco:

– Rogo-te, padre, que sofras com paciência a minha estada aqui, alguns dias, porque encontro neste lugar muito repouso; e, pelo amor de Deus e de mim, pobrezinho, deixa que toda a gente apanhe uvas da tua vinha; e eu te prometo, da parte do meu Senhor Jesus Cristo, que ela este ano te dará vinte cargas.

O motivo porque S. Francisco ali queria permanecer era o grande fruto espiritual que via receberem os que o visitavam, dos quais muitos partiam inebriados de amor divino, e abandonavam o mundo.

Confiando na promessa de S. Francisco, deixou o sacerdote a vinha livre aos que o vinham ver. Coisa maravilhosa! A vinha ficou totalmente destruída e vindimada, vendo-se apenas aqui e além algumas escádeas. Chegado o tempo da vindima, o padre colhe aquelas poucas escádeas, mete-as na dorna, pisa-as, e, conforme a promessa de S. Francisco, recolhe vinte cargas de óptimo vinho.

Neste milagre se dá a entender manifestamente que, assim como pelos méritos de S. Francisco a vinha despojada de uvas abundou em vinho, assim o povo cristão, estéril de virtudes por causa do pecado, pelos méritos e doutrinas de Francisco abunda muitas vezes em bons frutos de verdadeira penitência.

Ao louvor de Cristo. *Ámen.*

CAPÍTULO XX

De um noviço que foi tentado a sair da Ordem

Veio para a Ordem de S. Francisco um jovem mui nobre e delicado que, passados poucos dias, começou, por instigação do demónio, a ter grande horror ao hábito, porque lhe parecia um vilíssimo saco. Aborrecia as mangas, abominava o capuz; e o comprimento e aspereza do trajo era-lhe carga insuportável. E, crescendo cada vez mais o seu desagrado pela Religião, resolveu finalmente deixar o hábito e voltar para o mundo.

A esse tempo, já tinha adquirido o costume, segundo lhe ensinara seu mestre, de ajoelhar reverentemente, tirar o capuz, e, de braços cruzados, inclinar-se, sempre que passava diante do altar onde se conservava o Corpo de Cristo.

Sucedeu, pois, aquela noite em que devia partir, ser-lhe necessário passar diante do altar do convento; e, ao passar, ajoelhou-se e fez a reverência, segundo costumava. Subitamente foi arrebatado em espírito, e lhe foi mostrada por Deus uma maravilhosa visão: viu diante de si uma quase infinita multidão de Santos, dois a dois, como em procissão, e todos vestidos dum bellissimo e precioso pano; os seus rostos e mãos resplandeciam como o sol; e eram acompanhados pelos cânticos e músicas dos Anjos. Entre estes Santos havia dois, cujos vestidos eram mais preciosos do que o de todos os outros, e cercava-os tanta claridade, que enchiam de pasmo a quem os contemplava. E, quase no fim da procissão, viu um adornado de tanta glória, que parecia cavaleiro novo¹⁵, e mais honrado que os restantes.

Vendo aquele jovem tão maravilhosa procissão, e não sabendo o que ela significava, nem o ousando perguntar, estava ali estupefacto de prazer. Quando já toda a procissão tinha passado, tomou ânimo e correu atrás dos últimos, e com grande temor lhes perguntou:

¹⁵ Isto é: a quem acabassem de armar.

– Ó caríssimos, eu vos peço que vos digneis dizer-me quem são estas maravilhosas personagens, que vão nesta procissão venerável.

Responderam eles:

– Sabe, filho, que todos nós somos frades menores, que vimos agora da glória do Paraíso.

E o noviço perguntou ainda:

– Quem são aqueles dois que resplandecem mais do que os outros?

– Aqueles, responderam, são S. Francisco e S. António; e este último, que tu vês tão honrado, é um santo frade, que morreu há pouco ainda; ao qual, porque valentemente combateu contra as tentações e até ao fim perseverou, nós agora conduzimos em triunfo à glória do Paraíso. Estes vestidos de pano tão belos foram-nos dados por Deus em troca da áspera túnica, que pacientemente trouxemos na Religião; e a gloriosa claridade, que vês em nós, foi-nos dada por Deus, em prémio da penitência, humildade, e da santa pobreza, obediência e castidade, que até ao fim guardámos. Portanto, filho, não te seja duro trazer o saial da Religião, tão proveitoso; porque, se com o hábito grosseiro de S. Francisco, vestido por amor de Cristo, desprezares o mundo, e combateres valorosamente o demónio, terás o mesmo vestido que nós vestimos, e a mesma claridade gloriosa.

Ditas estas palavras, tornou o jovem a si, e confessou a sua falta, perante o guardião e demais frades, e dali por diante desejou a aspereza da penitência e dos vestidos, e acabou a vida na Ordem, com grande santidade.

À glória de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XXI

Como S. Francisco arranjou as pazes entre um lobo e os habitantes da cidade de Gúbio

Em tempo que S. Francisco morava na cidade de Gúbio, no condado do mesmo nome, apareceu um lobo grandíssimo, terrível e feroz, que não somente devorava os animais, senão também os homens; de modo que todos os cidadãos viviam em grande susto,

porque muitas vezes se aproximava da cidade; e todos iam armados, quando saíam aos campos, como se fossem para algum combate. Com tudo isso, quem sozinho o encontrava não podia defender-se, e, por medo a este lobo, chegou-se a pontos de ninguém ousar sair da terra. Pelo que, S. Francisco, compadecido dos homens daquela cidade, quis sair ao encontro do lobo, apesar de todos lhe aconselharem o contrário; ele, porém, fazendo o sinal da cruz, saiu fora da cidade com os seus companheiros, pondo em Deus toda a confiança. E temendo os outros avançar mais além, tomou ele o caminho para os lados onde o lobo estava. E eis que, à vista de muitos cidadãos que tinham acudido para ver o milagre, saiu o lobo, de goelas abertas, ao encontro de S. Francisco, que fez sobre ele o sinal da cruz, chamou-o, e disse-lhe assim:

«Anda cá, irmão lobo! Eu te mando, da parte de Cristo, que não faças mal, nem a mim nem a pessoa alguma».

Coisa maravilhosa! Logo que S. Francisco fez o sinal da cruz, aquele lobo terrível fechou a boca e estacou; e, ao mando do Santo, veio mansamente, como se fosse um cordeirinho, e deitou-se-lhe aos pés. Então S. Francisco falou-lhe desta maneira:

«Irmão lobo, tu fazes muitos danos nesta terra, e tens cometido grandes crimes, destruindo e matando as criaturas de Deus, sem sua licença. E não somente mataste e devoraste os animais, mas tiveste a audácia de matar e destruir os homens, feitos à imagem de Deus. Por esta razão, és digno de força, como ladrão e homicida péssimo; e toda esta terra é tua inimiga. Mas eu quero, irmão lobo, fazer as pazes entre ti e eles, de maneira que tu não mais os ofenderás, e eles te perdoarão as passadas ofensas, e nem os homens nem cães te perseguirão mais».

Ditas estas palavras, o lobo, com movimentos do corpo, da cauda e das orelhas, e com inclinações de cabeça, mostrava aceitar o que S. Francisco lhe dizia, e querer cumpri-lo. E então S. Francisco acrescentou:

«Irmão lobo, visto ser do teu agrado observar esta paz, eu te prometo, da parte dos homens desta terra, atender ao teu sustento, enquanto fores vivo, de sorte que não padeças fome, porque eu sei muito bem que foi ela que te levou a fazer tanto mal. Mas agora, já que eu te concedo esta graça, quero, irmão lobo, que me prometas

nunca mais tornar a fazer mal nem a homem nem a animal. Prometes isso?»

E o lobo, com uma inclinação de cabeça, deu evidente sinal de que prometia.

«Irmão lobo, disse mais S. Francisco, para que eu me possa fiar de ti, quero que me dês uma prova da tua promessa».

E estendendo a mão para receber o juramento, levantou o lobo a pata dianteira e familiarmente a colocou na mão de S. Francisco, dando-lhe o sinal pedido.

Então acrescentou S. Francisco.

«Irmão lobo, eu te mando, em nome de Jesus Cristo, que venhas comigo, sem temor algum, e vamos concluir esta paz, em nome de Deus».

E o lobo, obediente, foi com ele, manso como um cordeiro. Do que os cidadãos tomaram grande maravilha.

E subitamente correu esta novidade por toda a terra; e toda a gente, grandes e pequenos, homens e mulheres, jovens e velhos, correram à praça, a ver o lobo com S. Francisco. E estando ali todo o povo reunido, levantou-se o Santo e pôs-se a pregar, dizendo, entre outras coisas que pelos pecados permite Deus tais calamidades; e que muito mais perigoso é o fogo do inferno, que eternamente há-de durar para os condenados, do que a raiva do lobo, que só o corpo pode matar; e assim, quanto é de temer a boca do inferno, quando tanta multidão tem medo e terror à boca dum pequeno animal?

«Voltai, portanto, caríssimos, a Deus, e fazei condigna penitência de vossos pecados; e Deus vos livrará agora do lobo, e do fogo eterno, no futuro».

Feita esta prática, disse S. Francisco:

«Escutai, irmãos meus: o irmão lobo, que está aqui diante de vós, prometeu e deu-me juramento de fazer as pazes convosco e de vos não ofender mais em coisa alguma, se vós prometerdes dar-lhe os alimentos necessários; e eu fico por fiador de que ele observará fielmente o tratado de paz».

Então o povo, todo a uma voz, prometeu alimentar o lobo continuamente. E S. Francisco, perante todo o povo, disse ao lobo:

«E tu, irmão lobo, prometes cumprir o tratado de paz, não ofendendo nem aos homens, nem aos animais, nem a criatura alguma?»

E o lobo ajoelhando-se, e inclinando a cabeça, e com mansos sinais do corpo, da cauda e das orelhas, mostrava, como podia, que queria cumprir todo o pacto. E disse S. Francisco:

«Eu quero, irmão lobo, que, da mesma maneira que fora de portas me deste fé da tua promessa, também a dês, diante deste povo, para que eu fique certo de que me não enganarás na fiadoria que por ti fiz».

Então o lobo, levantando a pata direita, pô-la na mão de S. Francisco. Donde, depois e do mais que fica dito, houve tanta admiração e alegria em todo o povo, assim pela devoção do Santo como pela novidade do milagre e mansidão do lobo, que todos começaram a clamar ao céu, louvando e bendizendo a Deus, que lhes havia mandado S. Francisco para que, por seus merecimentos, fossem livres daquela besta feroz.

Depois viveu o dito lobo em Gúbio, ainda dois anos; e familiarmente entrava pelas casas; ia de porta em porta, sem fazer mal a ninguém, nem pessoa alguma lho fazer a ele. E era alimentado generosamente por todos, e andava tão à vontade pelas ruas, que nem os cães lhe ladravam.

Finalmente, passados dois anos, o irmão lobo morreu de velhice; do que toda a gente houve muita dor. Vendo-o andar tão mansamente pela cidade, melhor se recordavam da virtude e santidade de S. Francisco.

À honra de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XXII

Como um jovem deu a S. Francisco umas rolas, que ele pôs em liberdade

Tinha um jovem caçado umas rolas, e levava-as a vender. Encontrando-o S. Francisco – que sempre tinha tido singular piedade para com os animais mansos – pôs-se a olhar para as rolas, com olhos de compaixão, e disse para o jovem:

– Ó bom moço, rogo-te que me dês estas aves tão mansas e inocentes, às quais na Escritura são comparadas as almas castas, humildes e fiéis, para que não venham a cair em mãos cruéis, que as matem.

Imediatamente aquele jovem, inspirado por Deus, entregou-as todas a S. Francisco, que as recolheu no regaço e, falando com elas, dizia-lhes:

– Ó irmãs minhas, rolas simples, inocentes e castas, porque vos deixastes apanhar? Desta vez quero eu livrar-vos da morte, e fazer-vos os ninhos para que deis fruto e vos multipliqueis, segundo o mandato de Deus, vosso criador.

E S. Francisco a todas fez ninho. E as rolas, aproveitando-se dele, começaram a pôr ovos e criaram seus filhinhos na presença dos frades, e chegaram a tal familiaridade com S. Francisco e demais frades, como se fossem galinhas criadas por eles; e não se foram dali embora enquanto S. Francisco, com a sua bênção, lhes não deu licença de partirem.

E ao jovem que lhas havia dado, disse S. Francisco:

– Ainda hás-de ser frade nesta Ordem, e servirás a Deus.

E assim foi; porque o referido jovem se fez frade, e viveu na Ordem com grande santidade.

À honra de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XXIII

Como S. Francisco libertou um irmão das garras do demónio

Estando uma vez Francisco em oração, no conventinho da Porciúncula, viu, por divina revelação, todo o eremitério rodeado e assediado de demónios, ao modo dum grande exército; contudo, nenhum deles podia entrar dentro, porque todos aqueles frades eram de tão grande santidade, que os demónios nada podiam com eles. Mas perseverando assim nesta atitude, sucedeu que, certo dia, um irmão se agastou com outro, e pensava em seu coração como poderia acusá-lo e vingar-se dele. Pelo que o demónio, vendo uma porta aberta, entrou no eremitério e foi sentar-se sobre o pescoço do tal frade. Vendo o solícito Pastor, que de contínuo vigiava por

sua grei, que o lobo tinha entrado a devorar a sua ovelhinha, mandou imediatamente chamar aquele irmão, e mandou-lhe que, logo ali, descobrisse a peçonha do ódio concebido contra o próximo, por cujo motivo já estava nas mãos do inimigo. O irmão, assustado por se ver assim surpreendido pelo santo Padre, descobriu ali todo o veneno e todo o rancor, reconheceu a sua culpa e pediu humildemente a penitência, com misericórdia. Feito isto, e logo que foi absolvido do pecado e recebeu a penitência, ali mesmo, em presença de S. Francisco, se pôs o demónio em fuga; e ficou aquele irmão livre das garras da besta cruel, pela caridade do bom Pastor, dando a Deus graças; e tornando corrigido e ensinado ao redil, viveu daí por diante com grande santidade.

À honra de Cristo. Amen.

CAPÍTULO XXIV

Como S. Francisco empreendeu viagem para converter o Sultão

S. Francisco, instigado pelo zelo da fé de Cristo e pelo desejo do martírio, passou uma vez o mar, com doze companheiros santíssimos, no intento de se dirigir ao Sultão de Babilónia. E chegando a um lugar, já em terra de sarracenos, onde certos homens cruéis guardavam o passo, de modo que nenhum cristão, que por ali fosse, pudesse escapar de morte, prouve a Deus que não fossem mortos, mas presos e feridos, e manietados foram remetidos à presença do Sultão. E postos em presença dele, S. Francisco, inspirado pelo Espírito Santo, pregou tão devotamente da fé de Cristo, que por ela queria entrar no fogo.

Do que, começou o Sultão a sentir grande respeito por ele, tanto pela constância da sua fé, como pelo desprezo do mundo, que nele observara; porque nenhum dom queria receber, sendo pobríssimo, e também por causa do desejo do martírio, que nele via.

E daquele dia por diante, o Sultão ouvia-o com agrado, e rogou-lhe que o fosse ver muitas vezes, concedendo livremente, a ele e aos companheiros, poderem pregar onde quisessem; dando-lhes salvo-conduto, para que não fossem por ninguém molestados.

Havida, pois, licença, enviou S. Francisco os seus companheiros dois a dois por diferentes terras dos sarracenos, a pregar a fé de Cristo. E ele, com outro, escolheu uma terra, onde tendo chegado, entrou numa estalagem para descansar. Estava ali uma mulher, formosíssima de corpo, mas suja de alma; e aquela infeliz convidou-o a pecar. Mas S. Francisco, com grande fervor de espírito, levou-a a uma câmara, onde ardia um braseiro, despiu o hábito, e lançando-se ao braseiro, convidava-a a deitar-se em tão fofa e bela cama. E esteve assim, por largo espaço, com rosto alegre, sem se queimar, nem de leve chamuscar. A mulher, espantada por tal milagre, e compungida em seu coração, não só se arrependeu do seu pecado e má intenção, senão que até se converteu perfeitamente à fé de Cristo, e chegou a tal santidade, que por ela muitas almas se salvaram, naquela terra.

Finalmente, vendo que não podia fazer mais fruto naquelas regiões, por divina disposição, dispôs-se a voltar com os companheiros à terra dos Cristãos; e, tendo-se reunido todos, voltaram junto do Sultão, para se despedirem dele. Então lhe disse o Sultão:

– Francisco, de boamente me converteria à fé de Cristo, mas receio fazê-lo agora; porque se estes homens tal descobrissem, te matariam a ti e a mim, e a todos os teus companheiros; ora como tu ainda podes fazer muito bem, e eu tenho certos assuntos de muito peso a despachar, não quero, por enquanto, provocar a tua morte nem a minha; mas ensina-me como poderei salvar-me, que estou pronto a fazer quanto me ordenares.

Então respondeu S. Francisco:

– Senhor, eu agora ausento-me de ti, mas quando tiver chegado ao meu país e, pela graça de Deus, ido para o céu, depois da minha morte, eu te mandarei, se assim aprouver a Deus, dois de meus frades, dos quais tu receberás o baptismo de Cristo; e serás salvo, segundo me revelou o meu Senhor Jesus Cristo. Entretanto, desliga-te de todo o impedimento, a fim de que, quando a graça de Deus vier, te encontre preparado para a fé e para a devoção. O que tudo prometeu o Sultão fazer, e fez. Depois disto, voltou S. Francisco com aquele venerável colégio dos seus santos companheiros; e rendeu a alma a Deus, por morte corporal, passados alguns anos.

O Sultão, tendo caído doente, esperava que se cumprisse a promessa de S. Francisco, e fez postar guardas em certas passa-

gens, mandando que, se fossem vistos dois frades com o hábito de S. Francisco, imediatamente os trouxessem à sua presença.

Nesse tempo, apareceu S. Francisco a dois religiosos e mandou-lhes que, sem tardança, fossem aonde estava o Sultão, e procurassem a sua salvação, como ele lhe tinha prometido. Os quais frades se puseram logo a caminho e, passando o mar, foram pelos tais guardas levados à presença do Sultão, que, de vê-los, sentiu mui grande alegria, e exclamou:

– Agora eu sei verdadeiramente que Deus me enviou os seus servos para minha salvação, segundo a promessa que, por divina revelação, me fez.

Instruído, pois, na fé, pelos ditos frades, e regenerado em Cristo, morreu daquela enfermidade e foi salva a sua alma, pelas orações de S. Francisco.

À honra de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XXV

Como S. Francisco sarou um leproso de alma e corpo

O verdadeiro discípulo de Cristo, S. Francisco, vivendo nesta miserável vida, procurava, com todas as suas forças, seguir a Cristo, mestre perfeito; donde resultava que, muitas vezes, a quem, por divina operação, curava o corpo, curava Deus ao mesmo tempo a alma, assim como de Cristo se refere. Pelo que, não somente servia de boa vontade os leprosos, mas havia ordenado que os frades da sua Ordem, andando pelo mundo, e morando em qualquer parte, servissem os leprosos por amor de Cristo, que por nosso amor quis ser reputado leproso.

Sucedeu uma vez num conventinho, perto daquele em que S. Francisco morava, servirem os frades em um hospital os leprosos e os doentes. Havia nele um leproso tão impaciente, insuportável e mau, que todos criam, e assim era na verdade, que estava possuído do demônio: porque maltratava com palavras e feria perigosamente aos que o serviam; e, o que era pior, soltava tão ímpias blasfêmias contra Cristo e sua santíssima Mãe, que ninguém queria nem podia servi-lo. As injúrias e as vilanias próprias,

suportavam-nas os frades para aumentar o mérito da paciência; contudo, as injúrias de Cristo e as de sua Mãe não podiam eles sofrer em consciência, determinando, portanto, abandoná-lo.

Não o quiseram contudo fazer, sem falar com S. Francisco. E tendo-lhe contado o que se passava, foi o Santo ver aquele perverso leproso; ao vê-lo, saudou-o, dizendo:

– Deus te dê a sua paz, irmão meu caríssimo.

Respondeu o leproso desabridamente:

– E eu que paz hei-de esperar de Deus, que me tirou a paz e todo o bem, e me tem feito um monte de podridão e imundície?

E disse S. Francisco:

– Filho, tem paciência, porque as enfermidades do corpo dá-as Deus, neste mundo, para salvação da alma, e elas nos alcançam grande merecimento, quando as sofremos pacientemente.

Replicou o enfermo:

– E como posso eu levar com paciência as dores que me afligem de dia e de noite? E, não somente sou atormentado pela minha doença, mas os frades, que tu me deste, aumentam o meu sofrimento, porque me não servem como deviam.

Então S. Francisco, conhecendo, por divina revelação, que aquele leproso estava possuído do espírito maligno, saiu e pôs-se em oração, pedindo devotamente a Deus por ele. Acabada a oração, voltou e disse-lhe:

– Filho, eu é que te quero servir, visto não estares contente com os outros.

– Pois sim, disse o enfermo; mas que mais do que eles poderás tu fazer?

– Farei tudo quanto quiseres, respondeu S. Francisco.

Disse então o leproso:

– Quero que me laves todo o corpo; porque deito tão mau heiro, que nem eu posso suportar.

E imediatamente fez S. Francisco aquecer água com muitas ervas cheirosas; e despindo-o, começou a lavá-lo com suas mãos, enquanto outro irmão deitava água; e por divina virtude e milagre, onde S. Francisco tocava com as suas santas mãos, desaparecia a lepra, e ficava perfeitamente sã a carne. E à medida que a carne sarava, sarava também a alma. Vendo isto o leproso, começou a ter grande compunção e arrependimento dos seus pecados, e a chorar

amargamente; de modo que, enquanto o corpo, pela lavagem da água, se limpava da lepra por fora, limpava-se por dentro a alma do pecado, pela contrição e pelas lágrimas.

E quando esteve completamente curado no corpo e alma, humildemente confessava suas culpas, e dizia, chorando, em alta voz:

– Ai de mim, que sou digno do inferno, pelas vilanias e injúrias que fiz aos irmãos, e por minha impaciência e blasfêmias contra Deus.

E assim perseverou, pelo espaço de quinze dias, em amargo pranto, por seus pecados, invocando a misericórdia de Deus e confessando-se inteiramente ao padre. E S. Francisco, vendo um tão claro milagre, que Deus por suas mãos tinha obrado, deu-lhe graças, e foi-se dali a um país mui distante, porque, por humildade, queria fugir de toda a glória mundana, e em todos os seus actos só buscava a honra e glória de Deus e não a sua.

E foi Deus servido que o leproso, são de corpo e alma, adoeceu de outra enfermidade ao cabo dos quinze dias de sua penitência. E, fortificado com os sacramentos da Igreja, morreu santamente, e a sua alma voou ao paraíso. E aparecendo no ar a S. Francisco, que estava em oração, disse-lhe:

– Reconheces-me?

– E tu quem és? – perguntou o Santo.

– Eu sou, replicou ele, aquele leproso a quem Cristo bendito sarou, por teus méritos, e hoje vou para a vida eterna. Por isso, dou graças a Deus e a ti; bendita seja a tua alma e o teu corpo, e benditas as tuas palavras e acções; porque, por ti, muitas almas se salvam no mundo. E hás-de saber que não passa dia, em que os santos Anjos e demais santos não dêem graças a Deus, pelos muitos e santos frutos que tu e a tua Ordem fazem nas várias partes do mundo. Por isso, toma ânimo e agradece a Deus, e fica-te com a sua bênção.

Ditas estas palavras, a alma do leproso voou ao céu, e S. Francisco ficou muito consolado.

À glória de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XXVI

Como pelos méritos de S. Francisco se converteram três ladrões e depois se fizeram frades da sua Ordem

Dirigia-se uma vez S. Francisco pelo distrito de Borgo Sansepolcro, e passando por um castelo, que se chamava Monte Casale, veio ter com ele um jovem nobre e muito delicado, e disse:

– Padre, tenho grande desejo de ser um dos vossos sacerdotes.

Respondeu S. Francisco:

– Filho, tu és jovem, delicado e nobre. Talvez não possas sofrer a nossa pobreza e austeridade.

Replicou o jovem:

Padre, não sois homem como eu? Pois, assim como vós a sofreis, também eu a sofrerei, com a ajuda de Deus.

Agradou muito a S. Francisco aquela resposta, e abençoando-o, imediatamente o recebeu na Ordem, e pôs-lhe o nome de frei Ângelo. E houve-se com tanta prudência que, pouco tempo depois, o fez guardião do dito eremitério de Monte Casale.

Por aquele tempo, infestavam a região três famosos ladrões, que faziam muito mal. Vieram os tais ladrões, um dia, ao dito eremitério dos frades, e pediram ao guardião, frei Ângelo, que lhes desse de comer; mas o guardião, respondeu-lhes repreendendo-os asperamente deste modo:

– Vós, ladrões e cruéis homicidas, que vos não envergonhais de roubar os suores dos outros, como sois tão presunçosos e desavergonhados que quereis devorar as esmolas enviadas aos servos de Deus? Sois indignos de que a terra vos sustenha, porque não tendes respeito nenhum nem aos homens nem a Deus, que vos criou. Ide pelo mesmo caminho, e que me não apareçais nunca.

E eles, perturbados com semelhantes palavras, foram-se, cheios de cólera.

Nisto chegou S. Francisco com um alforge de pão e uma infusa de vinho, que ele e o companheiro tinham alcançado de esmola; e contando o guardião como havia lançado fora os ladrões, repreendeu-o muito S. Francisco, dizendo que se tinha portado cruelmente, porque os pecadores melhor se conduzem a Deus com doçura do que com ásperas repreensões. «Donde, o nosso mestre

Jesus Cristo, cujo Evangelho prometemos observar, diz que não têm necessidade de médico os sãos, mas os enfermos; e que não tinha vindo chamar os justos mas os pecadores à penitência, comendo com eles muitas vezes. E, porque obraste contra a caridade e contra o santo Evangelho de Cristo, eu te mando, por santa obediência, que imediatamente tomes este alforge de pão, que eu mendiguei, e esta infusa de vinho, e os procures sollicitamente, por montes e vales, até os encontrares, e lhes ofereças todo este pão e todo este vinho, de minha parte. Depois, ajoelha-te diante deles, e humildemente confessarás a tua crueldade, e ainda lhes pedirás, em meu nome, que não façam mais crimes, mas que temam a Deus e não ofendam o próximo; e se eles fizerem isto, eu lhes prometo provê-los em suas necessidades, e dar-lhes continuamente de comer e de beber; e, feito isto, volta aqui humildemente».

Entretanto que o dito guardião foi cumprir as ordens de S. Francisco, pôs-se este em oração, rogando a Deus que abrandasse o coração daqueles ladrões e os convertesse à penitência.

Encontrou-os o obediente guardião e apresentou-lhes o pão e o vinho, e fez o que S. Francisco lhe tinha dito. E prouve a Deus que, enquanto estavam comendo a esmola de S. Francisco, começaram a dizer entre si:

«Ai de nós, míseros desgraçados, que duras penas nos esperam no inferno; porque, não só andamos roubando o próximo, espancando-o e ferindo-o, senão que também o matamos; e, não obstante tão más acções e malvadezas, não sentimos remorso de consciência nem temor de Deus. Pelo contrário, este santo frade, só por umas palavras justamente ditas contra a nossa culpa, trouxe-nos pão e vinho, e ainda uma tão liberal promessa do santo Padre; verdadeiramente estes frades são santos de Deus e merecedores do paraíso; e nós somos filhos da eterna perdição e merecemos as penas do inferno, e cada dia vamos agravando a nossa perda; e não sabemos se, dos pecados que até aqui hemos cometido, poderemos achar misericórdia de Deus».

Estas e semelhantes palavras disse um deles, e os outros ajuntaram:

«Por certo que falaste verdade. Mas que havemos de fazer?»

«Vamos, tornou este, a S. Francisco, e se ele nos der esperança de que poderemos encontrar misericórdia de Deus para os nossos

pecados, façamos o que ele nos disser, para livrar as nossas almas das penas do inferno».

Agradou este conselho aos demais, e assim todos os três vieram, de comum acordo, ter com S. Francisco, e lhe disseram:

«Padre, nós, por causa dos enormíssimos pecados que temos cometido, pensamos que não podemos alcançar misericórdia de Deus; mas se tu tens alguma esperança de Ele nos aceitar em sua graça, eis-nos aqui prontos a executar o que nos disseres e a fazer penitência em tua companhia».

Então S. Francisco, recebendo-os caritativamente e com benignidade, os confortou com muitos exemplos e os deixou certos da misericórdia divina, prometendo-lhes que lha alcançaria, porquanto ela é infinita e «assim, quando fossem infinitos os nossos pecados, havia de sobrelevar a misericórdia divina, porque, segundo o Evangelho e o Apóstolo S. Paulo, Cristo bendito veio a este mundo para remir os pecadores».

Por estas palavras e outras semelhantes admoestações, os três ditos ladrões renunciaram ao demónio e às suas obras; e S. Francisco recebeu-os caritativamente na Ordem. E começaram a fazer grande penitência. Dois deles viveram pouco tempo depois da sua conversão, mas foram para o Paraíso. E o terceiro, sobrevivendo e repensando os seus pecados, deu-se a tais penitências que, pelo espaço de quinze anos, além da quaresma comum que fazia como os demais, jejuava três dias na semana a pão e água, andava sempre descalço, só trazia uma túnica, e não dormia depois das matinas. Por este tempo, passou S. Francisco desta vida miserável.

E continuando este irmão durante muitos anos em sua penitência, eis que, uma noite, depois de Matinas, lhe veio uma grande tentação de sono, à qual lhe não foi possível resistir, e não pôde vigiar como de costume. Por fim, como não pudesse resistir ao sono, nem orar, foi deitar-se na cama para dormir. Mal tinha poitado a cabeça, foi arrebatado e levado em espírito a um monte altíssimo, junto do qual se abria um precipício mui profundo, e, dum lado e doutro, havia penhascos fendidos e aguçados, duras asperezas que avançavam do maciço dos rochedos; e só olhar para este precipício causava espanto.

E o Anjo, que conduzia este irmão, empurrou-o e precipitou-o por aquele despenhadeiro; e aos tombos, despedaçando-se de fraga

em fraga, caiu finalmente no fundo, desconjuntado e feito em bocados, segundo lhe parecia. E jazendo assim mal ferido, lhe disse o anjo:

– Levanta-te, que ainda tens grande viagem a fazer.

Respondeu-lhe o irmão:

– Pareces-me homem cruel e indiscreto, vês que estou a morrer da queda, que me desconjuntou, e dizes que me levante!

Mas o Anjo chegou-se a ele e, tocando-o, perfeitamente lhe recompôs todos os membros e o curou. Depois mostrou-lhe uma grande planície, coberta de agudas e cortantes pedras, de espinhos e abrolhos, e disse que era forçoso atravessar descalço aquela planície, até ao fim, onde se via uma fornalha ardente, na qual devia entrar. Tendo o irmão percorrido, com muita angústia e pena, toda aquela campina, disse-lhe o Anjo:

– Entra nesta fornalha, que assim te convém fazer.

Respondeu ele:

– Ai de mim, que tão cruel guia tens sido! Vês-me quase a morrer, por causa da angustiada planície, e agora, por todo o canso me dizes que entre nesta fornalha ardente.

E reparando, viu, em volta do forno, a muitos demónios armados de forquilhas de ferro, com as quais, porque hesitava entrar, o impeliram bruscamente.

Achando-se no meio do forno, começou a olhar e viu um homem, que tinha sido seu compadre, que ardia todo em chamas, e lhe perguntou:

– Ó mal-aventurado compadre, como vieste dar aqui?

E ele respondeu:

– Vai um pouco mais adiante e encontrarás minha mulher e tua comadre, que te dirá a causa da nossa condenação. E tendo andado um pouco mais, eis que lhe aparece a dita comadre, toda abrasada e metida num alqueire de fogo, e lhe perguntou:

– Ó comadre, desventurada e miserável, porque vieste a parar em tão cruel tormento?

Ao que ela replicou:

– Porque no tempo daquela grande fome, que S. Francisco predisse, meu marido e eu falsificávamos a medida do trigo e da cevada que vendíamos; por isso me consumo, encerrada nesta medida.

Ditas estas palavras, o Anjo que o conduzia impeliu-o para fora e disse-lhe:

– Prepara-te para fazer uma horrível viagem, que te falta ainda.

Queixando-se, o irmão disse:

– Ó duríssimo condutor, que nenhuma compaixão tens de mim! Pois estás a ver como fiquei quase abrasado, e ainda me queres arrastar a uma viagem perigosa e horrível!

Mas o Anjo tocou-o e ficou são e forte. Depois conduziu-o a uma ponte, que não podia ser atravessada sem grande perigo, porque era muito frágil e estreita, e sem parapeito; por baixo passava um rio terrível, cheio de serpentes, de dragões e escorpiões, que lançavam mui grande fedor, e o Anjo lhe disse:

– Tens necessariamente que passar esta ponte.

– E como poderei eu atravessar sem cair neste perigoso rio?

– Vem atrás de mim, disse o Anjo, e põe o pé onde eu puser o meu, que assim passarás bem.

Passou o frade atrás do Anjo, até meio da ponte; tendo ali chegado, levantou-se o Anjo dum voo e, abandonando-o, foi pousar no cume dum monte altíssimo, e muito distante da ponte.

Tomou o frade bem nota do lugar para onde o Anjo tinha voado, mas, ao ver-se sem guia e olhando para baixo, via aqueles animais terríveis estarem com as cabeças fora da água, as bocas escancaradas, prontos a devorá-lo, se caísse. Tomou-se de tão grande espanto, que não atinava no que devia fazer ou dizer; porque não podia tornar atrás nem avançar para diante. Pelo que, vendo-se em tamanha tribulação, e que outro refúgio não podia ter senão em Deus, debruçou-se e, abraçado com a ponte, pedia ao Senhor que o socorresse, por sua santíssima misericórdia.

Acabada esta oração, pareceu-lhe que lhe nasciam asas; e esperou, com grande júbilo, que elas crescessem, para voar aonde o Anjo tinha voado. Passados alguns momentos, pelo grande desejo que tinha de passar a ponte, lançou-se a voar; mas como as asas ainda não eram assaz grandes, caiu sobre a ponte, e as penas caíram-lhe também. De novo se abraçou com a ponte, e se encomendou a Deus como antes. E feita a oração, tornou a sentir que lhe nasciam asas; mas, como da primeira vez, lançou-se a voar antes do tempo e tornou a cair sobre a ponte e igualmente as asas lhe caíram. Vendo, pois, que a pressa de voar antes do tempo, era o

motivo de cair, começou a dizer interiormente: «Na verdade, se me tornarem a nascer asas, esperarei até que sejam tão grandes, que eu possa voar sem cair».

E estando nestes pensamentos sentiu que, terceira vez, lhe nasciam asas, e esperou muito tempo, até que as viu bem grandes; e parecia-lhe que, com o primeiro, segundo e terceiro crescimento, tinha esperado mais de cinquenta anos.

Por fim, tomou o voo, terceira vez, com todas as veras, e foi pousar onde estava o Anjo. Batendo à porta do palácio, diante do qual se encontrava, perguntou-lhe o porteiro:

– Quem és, e a que vieste?

– Sou um frade menor, respondeu.

Então lhe disse o porteiro:

– Espera, que eu vou chamar S. Francisco, para ver se te conhece.

Enquanto o outro foi por S. Francisco, começou este a reparar nos maravilhosos muros daquele palácio; e, pareciam transparentes e de tanta claridade, que deixavam ver claramente os coros dos Santos e o que lá dentro se passava. E estando assim estupefacto, a olhar para isto, eis que chegam S. Francisco, frei Bernardo e frei Gil, e atrás de S. Francisco, tão grande multidão de Santos e Santas, que tinham seguido a sua vida, que se diria inumerável. Aproximando-se S. Francisco, disse para o porteiro:

– Deixai-o entrar, porque ele é dos meus frades.

E, tão depressa entrou, sentiu tanta doçura, que esqueceu todas as tribulações passadas, como se nunca as houvesse sofrido. Então S. Francisco, conduzindo-o dentro, lhe mostrou muitas coisas maravilhosas, e depois disse-lhe:

– Filho, é conveniente que voltes ao mundo, onde estarás ainda sete dias, durante os quais te hás-de preparar diligentemente e com toda a devoção, porque no fim deles irei por ti, e virás comigo para este lugar de bem-aventurança.

S. Francisco trazia posto um manto maravilhoso, adornado de estrelas belíssimas, e eram as suas cinco chagas como cinco estrelas mui formosas, e lançavam tanto esplendor, que todo o palácio estava iluminado com seus raios. Frei Bernardo tinha na cabeça um diadema de belíssimas estrelas, e frei Gil estava banhado duma

luz maravilhosa. Conheceu ainda muitos outros Santos, que no mundo não tinha visto.

Despedido por S. Francisco, voltou, posto que de má vontade, ao mundo.

Neste ponto, tornou a si, e ouviu que tocavam a Prima; de maneira que esta visão durara apenas de Matinas a Prima, apesar de lhe parecer que durara muitos anos. E contou-a tal como se tinha dado. Ao terminarem os sete dias veio-lhe uma febre, e ao oitavo veio buscá-lo S. Francisco, conforme a promessa, com numerosíssima multidão de gloriosos Santos, e conduziu a sua alma ao reino dos bem-aventurados da vida eterna.

À glória de Cristo bendito. *Ámen.*

CAPÍTULO XXVII

Como S. Francisco foi a Bolonha e converteu dois estudantes com a sua pregação

Indo uma vez S. Francisco à cidade de Bolonha, todo o povo acudiu a vê-lo, e era tanta a concorrência, que houve grande dificuldade para chegar à praça. Estando esta cheia de homens e de mulheres e de estudantes, subiu S. Francisco a um lugar alto, no meio da praça, e começou a pregar o que o Espírito Santo lhe inspirava; e pregava tão maravilhosas coisas, que mais parecia anjo do que homem. Suas palavras pareciam celestiais, e, à maneira de agudos dardos, traspassavam os corações dos que as ouviam, de sorte que, durante aquela pregação, muitos homens e mulheres se converteram à penitência; entre os quais dois nobres estudantes da Marca de Ancona. Chamava-se um Peregrino e outro Ricério; e ambos, tocados em seus corações por Deus, durante aquela pregação, foram ter com S. Francisco, dizendo que, a todo o transe, queriam deixar o mundo e ser frades.

Então S. Francisco, conhecendo, por divina revelação, que eram mandados por Deus, e que na Ordem haviam de fazer mui santa vida, e considerando o seu grande fervor, alegremente os recebeu, dizendo-lhes:

—Tu, Peregrino, farás na Ordem vida de humildade, e tu, Ricério, servirás os irmãos.

E assim foi, porque frei Peregrino não quis ser clérigo mas leigo, apesar de mui letrado e grande canonista, e por sua humildade chegou a grande perfeição de virtudes, e dele dizia frei Bernardo, primogénito de S. Francisco, que era um dos mais perfeitos religiosos deste mundo. Finalmente, passou desta vida à outra bem-aventurada, e fez muitos milagres, antes e depois da sua morte.

Frei Ricério servia devota e fielmente os frades, vivendo em grande santidade e humildade, e chegou a grande familiaridade com S. Francisco, que lhe descobria muitos segredos. Foi depois eleito ministro da Província de Marca de Ancona, que governou, durante largos anos, com muita paz e discrição.

Passado algum tempo, permitiu Deus que em sua alma fosse tentado, com gravíssima tentação, pelo que, atribulado e aflito, se atormentava asperamente com jejuns, disciplinas e lágrimas, de dia e de noite, e não podia expulsar aquela tentação; mas muitas vezes chegou a grande desespero, porque imaginava que Deus o tinha abandonado.

Neste tormento determinou, por último remédio, ir ter com S. Francisco, pensando assim:

«Se S. Francisco me mostrar bom semblante e a costumada familiaridade, creio que Deus terá ainda piedade de mim; senão, será este o sinal de que estou abandonado por Deus».

Partiu, pois, e foi aonde estava S. Francisco, que nessa ocasião morava no palácio do Bispo de Assis, gravemente enfermo; e foram-lhe por Deus reveladas todas as circunstâncias da tentação, o desespero de frei Ricério, e o fim que ali o trazia.

Imediatamente chamou S. Francisco a frei Leão e frei Masseu, e disse-lhes:

– Saí ao encontro do meu filho muito amado, frei Ricério; abraçai-o e saudai-o da minha parte, e dissei-lhe que, entre todos os frades que há no mundo, eu o amo singularmente.

Foram, pois, e encontraram-no pelo caminho. Abraçaram-no e disseram-lhe o que S. Francisco lhes tinha ordenado. Donde ele houve tanta consolação e doçura, que quase perdeu os sentidos. E dando graças a Deus de todo o coração, seguiu e foi aonde S. Francisco jazia enfermo. O qual, não obstante ser grave o seu

mal, ouvindo os passos de frei Ricério, levantou-se, saiu-lhe ao encontro, e, abraçando-o, disse-lhe:

– Filho meu caríssimo, frei Ricério, entre todos os frades, que existem no mundo, eu amo-te singularmente.

E, dito isto, lhe fez o sinal da santa cruz na frente, e ali o beijou; e depois, disse:

– Filho caríssimo, permitiu Deus esta tentação para que alcanças grande mérito e ganho, mas se não mais queres este proveito, que ela se aparte de ti.

Coisa maravilhosa! Mal o Santo proferiu estas palavras, subitamente o deixou toda a tentação, como se nunca tivesse existido, ficando frei Ricério muito consolado.

À glória de Deus. Ámen.

CAPÍTULO XXVIII

Como frei Bernardo de Quintavale esteve arrebatado em êxtase, desde Matinas até Noa

A abundância de graças concedidas por Deus aos pobres evangélicos, que abandonam o mundo por seu amor, bem se mostra em frei Bernardo de Quintavale, o qual, logo depois de tomar o hábito de S. Francisco, era muitíssimas vezes arrebatado em Deus, pela contemplação das coisas celestes. Entre outras, sucedeu uma vez que, estando na igreja a ouvir Missa, com a mente suspensa em Deus, de tal modo ficou absorto e arrebatado na contemplação, que, à elevação do Corpo de Cristo, não deu por isso, nem se ajoelhou, nem tirou o capuz, como faziam os demais circunstantes; mas sem pestanejar, de olhos intensamente fixos, esteve desde manhã até à hora de Noa; e depois de Noa, voltando a si, andava por todo o eremitério, exclamando:

«Ó irmãos! ó irmãos! ó irmãos! Não há por estas redondezas homem algum, por grande e nobre que seja, ao qual, se lhe promettessem um palácio belíssimo, cheio de ouro, a troco de carregar com um saco de esterco, fosse custosa esta condição, para ganhar um tal tesouro!»

A este tesouro celestial, prometido aos amadores de Deus, estava frei Bernardo predestinado; e andava com a mente tão elevada

em Deus, que durante quinze dias contínuos trouxe o rosto e o pensamento fixos no céu, e nunca, em todo aquele tempo, matou a fome, se bem que comia um pouco do que lhe punham diante. «Porque, dizia, não era perfeita abstinência privar-se o homem do que não gosta, mas sim das coisas agradáveis à boca». E com isto veio a adquirir tanta claridade e luz de inteligência, que até grandes letrados acudiam a ele para que lhes resolvesse altas e obscuras questões e difíceis passagens da Escritura, e ele lhes esclarecia toda a dificuldade. E o seu espírito estava de tal maneira livre e desligado das coisas terrenas, que à maneira da andorinha, voava por estas alturas, durante a contemplação. Por este motivo ficava sozinho, às vezes durante vinte dias, outras durante trinta, no cume de montes altíssimos¹⁶, contemplando as coisas celestiais.

Por isto, dizia frei Gil que não era dado aos demais homens o que a frei Bernardo tinha sido concedido; isto é, que a voar se sustentava, como fazem as andorinhas. Era pela excelência desta graça que S. Francisco se comprazia em falar com ele, de dia e de noite, e algumas vezes foram encontrados juntos em êxtase, pelos bosques, onde se tinham reunido para falar de Deus, o qual é bendito por séculos de séculos. *Ámen.*

CAPÍTULO XXIX

Como frei Rufino, pelos méritos de S. Francisco foi libertado duma tentação que lhe armou o demónio

Frei Rufino, um dos mais nobres cidadãos de Assis, companheiro de S. Francisco e homem de grande santidade, foi em certa ocasião fortissimamente combatido e atormentado pelo demónio, sobre a predestinação. Pelo que andava muito triste e melancólico, pois o demónio lhe tinha posto no coração, que estava condenado, que não era do número dos eleitos, e que assim perdia quanto na Ordem fizesse. E, durando aquela tentação muitos e muitos dias, não ousava, por vergonha, manifestá-la a S. Francisco, não deixan-

¹⁶ Sem dúvida estes montes altíssimos são o monte Alverne e outros subjacentes, onde frei Bernardo passava largas temporadas.

do todavia as orações e abstinências costumadas, de sorte que o inimigo começou a juntar tristeza sobre tristeza, combatendo-o, não só interiormente, mas ainda com falsas aparições externas.

E assim, uma vez lhe apareceu em forma de Crucifixo e disse:

«Ó frei Rufino, porque te afliges com penitências e orações, se não és dos predestinados à vida eterna? Crê em mim, porque eu sei a quem escolhi e predestinei, e não dês crédito ao que te diz o filho de Pedro Bernardão, se te disser o contrário. E não o interrogues sobre esta matéria, porque nem ele nem nenhum dos outros sabem coisa alguma, senão eu só que sou filho de Deus. Portanto, crê-me e tem por certo que és um dos condenados; e ao filho de Pedro Bernardão, teu pai¹⁷, não me aprouve fazer do número dos meus eleitos; nem a ti, nem a ele; e até o seu próprio pai está condenado, e quem quer que o seguir vai enganado».

Ditas estas palavras, desapareceu subitamente, e frei Rufino começou a andar tão iludido pelo príncipe das trevas, que perdeu toda a fé e amor por S. Francisco, não pensando sequer em lhe contar o que se tinha passado.

Mas o que frei Rufino não descobriu ao santo Pai, revelou-lho o Espírito Santo. Donde, vendo S. Francisco em tão grande perigo a este irmão, mandou-o chamar por frei Masseu, a quem frei Rufino respondeu com desabrimento, dizendo:

– Que tenho eu que ver com frei Francisco?

Mas frei Masseu, cheio de divina sabedoria, conhecendo o embuste do demónio, contestou:

– Ó frei Rufino, então não sabes que frei Francisco é como um anjo de Deus, o qual tantas almas tem alumiado no mundo e por ele recebemos a graça de Deus? Quer, pois, a todo o transe, que venhas comigo aonde ele está, porque vejo claramente andares enganado pelo demónio.

Dito isto, pôs-se frei Rufino a caminho, e foi a S. Francisco, que, vendo-o vir ao longe, começou a gritar:

– Ó miserável frei Rufino, a quem foste tu dar ouvidos?

¹⁷ Fundador e pai da tua Ordem.

Aproximando-se frei Rufino, contou-lhe S. Francisco, por completo, toda a tentação interior e exterior com que o demónio o trazia enganado; mostrando claramente que lhe aparecera o diabo e não Cristo, e que, de modo nenhum, devia consentir em tais sugestões, acrescentando:

– Mas quando o demónio de novo te disser: «Tu estás condenado», responde-lhe: «Abre a boca que ta quero encher de esterco». E isto te servirá de sinal de que é o demónio e não Cristo: apenas tu lhe deres esta resposta, fugirá ele imediatamente. Ainda que já o poderias ter conhecido por ter endurecido o teu coração para todo o bem, o que é seu officio próprio; enquanto Cristo benedito nunca endurece o coração do homem fiel, antes o enternece, segundo diz pela boca do profeta: «Eu vos tomarei o coração de pedra, e vos darei um coração de carne».

Vendo, pois, frei Rufino como S. Francisco lhe dizia tão miuciosamente toda a sua tentação, fortissimamente começou a chorar, e passou a venerá-lo reconhecendo com humildade a sua culpa em ter ocultado a tentação. E assim ficou mui consolado e confortado pelas exortações do santo Padre, completamente mudado para melhor. Por último, lhe disse S. Francisco:

– Vai, confessa-te, e não abandones a oração costumada. E tem por certo que esta tentação te será de grande utilidade e consolação, como em breve tempo provarás.

Voltou frei Rufino para a sua cela, no bosque, e estando em oração, derramando abundantes lágrimas, eis que o inimigo lhe apareceu, em forma de Cristo, segundo a aparência exterior, e lhe disse:

«Ó frei Rufino, não te disse eu que não te fiasses do filho de Pedro Bernardão e que te não afligisses com lágrimas e orações, porque estás condenado? Que necessidade tens de te atormentares em vida, se depois da morte hás-de ser condenado?»

Imediatamente respondeu frei Rufino ao demónio:

«Abre a boca que ta quero atacar de esterco».

Pelo que, furioso, o demónio num momento desapareceu, fazendo uma tal tempestade e revolvendo tantas pedras do monte, que o desabamento durou um bom espaço de tempo; e era tão violento o choque das pedras a despenharem-se, que faiscavam horivelmente, em baixo, no fundo do vale.

Ao terrível rumor das pedras que rolavam, S. Francisco e os companheiros, assombrados, saíram do eremitério, a ver que novidade fosse. E ainda hoje ali se vê aquela grande ruína de pedras.

Então conheceu frei Rufino manifestamente que o demônio o trazia enganado. E procurando S. Francisco, de novo se lançou por terra e reconheceu a sua culpa. Mas o Santo confortou-o com brandas palavras, e o mandou todo consolado para a sua cela, onde estando em devotíssima oração, lhe apareceu Cristo bendito, lhe inflamou a alma com o fogo do divino amor, e lhe disse:

«Bem fizeste, filho, em crer a frei Francisco, porque quem te tinha enchido a alma de tristeza era o diabo; eu, porém, sou Cristo, teu Mestre; e para que te não fique dúvida do que te digo, vou dar-te este sinal: Enquanto viveres, nunca mais sentirás tristeza nem melancolias.

Dito isto, desapareceu Cristo, deixando-o com tanta alegria e doçura de espírito e elevação de mente, que, dia e noite, andava absorto e arrebatado em Deus.

Dali por diante, foi tão confirmado em graça e certeza de salvação, que se transformou, por completo, em outro homem; e de boamente permaneceria as noites e os dias na contemplação das coisas divinas, se os outros lho permitissem.

Assim dele dizia S. Francisco que tinha sido canonizado em vida por Jesus Cristo; e em sua ausência, não duvidava chamar-lhe *São Rufino*, embora vivesse ainda na terra.

Em louvor de Jesus Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XXX

Como S. Francisco mandou a frei Rufino pregar, sem hábito, a Assis

Andava o dito frei Rufino de tal modo absorto em Deus, pela contínua meditação, que quase se tinha tornado insensível e mudo, porque só raríssimas vezes falava; e além disso não tinha graça no pregar, nem facilidade de palavra. Não obstante, S. Francisco mandou que fosse pregar ao povo de Assis o que Deus lhe inspirasse. Ao que frei Rufino respondeu:

– Reverendo Padre, peço-te que me perdoes e me não mandes; porque, como tu sabes, não tenho graça de pregar, e sou simples e idiota.

Então disse S. Francisco:

– Porque não obedeceste prontamente, mando-te, por santa obediência, que sem hábito e só com trajes menores, vás a Assis, entres numa igreja e assim pregues ao povo.

A esta ordem, tirou frei Rufino o hábito, partiu para Assis, entrou numa igreja, e feita reverência ao altar, subiu ao púlpito e começou a pregar. Do que rapazes e homens começaram a rir grandemente e diziam:

«Ora aí está: tanta penitência fazem, que deram em doidos!»

Entretanto, S. Francisco, tendo considerado a pronta obediência de frei Rufino, que era um dos mais nobres cavaleiros de Assis, e atentando mais na dureza da ordem que lhe tinha dado, começou a repreender-se a dizer:

«Donde te vem tanta presunção, filho de Pedro Bernardão, homenzinho vil, que te atreves a mandar frei Rufino, um dos mais nobres de Assis, pregar ao povo, sem hábito, como um louco? Por Deus, que hás-de experimentar em ti o que aos outros impões».

Imediatamente, num ímpeto de espírito, despiu o hábito, e partiu para Assis, em companhia de frei Leão, que lhe levou o hábito e o de frei Rufino. A sua vista, começaram os de Assis a escarnecer dele, pensando que tanto um como o outro tinham ensandecido, com os excessos da penitência.

Entrou S. Francisco na igreja, onde estava a pregar frei Rufino, sobre estas palavras: «Ó caríssimos, fugi do mundo, deixai o pecado, restituí o alheio, se quereis evitar o inferno; observai os mandamentos do Senhor, amai a Deus e ao próximo, se quereis ir para o céu; fazei penitência, se quereis possuir o reino dos céus».

Terminada esta prática, subiu S. Francisco ao púlpito, e começou a pregar tão maravilhosamente do desprezo do mundo, da santa penitência, da pobreza voluntária, do desejo do reino celeste, e da nudez e opróbrio da Paixão de Cristo Senhor nosso, que todos aqueles, que assistiam ao sermão, começaram a chorar com grande amargura, devoção e compunção. E não somente ali, mas por toda a cidade, houve naquele dia tantas lágrimas sobre a Paixão de Cristo, como nunca até então tinha havido.

E tendo, deste modo, consolado e edificado o povo, vestiram, S. Francisco e frei Rufino, o hábito, e voltaram para a Porciúncula, louvando e glorificando a Deus, por lhes ter dado graça para se vencerem a si mesmos, pelo desprezo próprio, e para edificarem as ovelhinhas de Cristo, pelo bom exemplo, demonstrando-lhes quanto é útil desprezar o mundo. E cresceu tanto, naquele dia, a devoção do povo para com eles, que se reputava ditoso quem podia tocar-lhes a orla do hábito.

Ao louvor de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XXXI

Como S. Francisco, por divina disposição, conhecia todas as virtudes e defeitos de seus irmãos

À semelhança de Nosso Senhor Jesus Cristo, que diz no Evangelho: «Eu conheço as minhas ovelhas e elas conhecem-me a mim»¹⁸, o bem-aventurado Padre S. Francisco, como bom pastor que era, conhecia por divina revelação todos os méritos, virtudes e defeitos dos seus companheiros. Por esta razão, aplicava a cada um o melhor remédio, humilhando os soberbos, exaltando os humildes, vituperando o vício e louvando a virtude, como se lê nas revelações que teve acerca daquela sua primitiva família. Entre as quais se refere que uma vez, falando o Santo das coisas de Deus, enquanto frei Rufino estava no bosque em contemplação, eis que apareceu este e passou a curta distância. Ao vê-lo, voltou-se S. Francisco para os companheiros e perguntou-lhes:

– Dizei-me, qual julgais que seja a alma mais santa, que Deus tem no mundo.

E respondendo que julgavam fosse a dele, juntou o Santo:

– «Eu, caríssimos irmãos, sou o homem mais vil que Deus tem no mundo; mas vedes aquele frei Rufino, que vem a sair do bosque? Pois revelou-me Deus que a sua alma é uma das três mais santas que existem no mundo; e firmemente vos digo que não duvidaria chamar-lhe *São Rufino* em vida, porquanto sua alma está

¹⁸ Jo 10, 14.

confirmada em graça, santificada e canonizada no céu, por meu Senhor Jesus Cristo».

Mas estas palavras, não as dizia S. Francisco em presença de frei Rufino.

Igualmente conhecia S. Francisco os defeitos dos irmãos, como se demonstra em frei Elias, a quem muitas vezes reprendia por sua soberba, e ainda em frei João Capela a quem predisse que se enforcaria; e também em aquele frade, ao qual disse que o demónio o estava apertando pelo pescoço, quando uma vez era repreendido por desobediência; e ainda em muitos outros irmãos, cujos defeitos e virtudes claramente conhecia, por divina revelação. *Ámen.*

CAPÍTULO XXXII

Como frei Masseu desejava a virtude da humildade, e para a alcançar quis dar os olhos, alcançando-a por fim

Os primeiros companheiros de S. Francisco procuravam, com todo o esforço, ser pobres das coisas terrenas e ricos de virtudes, por onde se chega às verdadeiras riquezas celestiais e eternas.

Sucedeu que estando, uma vez, todos reunidos a falar de Deus, um deles contou este exemplo:

«Havia um homem que era grande amigo de Deus, e tinha muita graça de vida activa e contemplativa; com isto possuía tão excessiva e profunda humildade, que se reputava mui grande peccador; e esta humildade o santificava e confirmava em graça, o fazia progredir continuamente em virtude e dons de Deus, e impedia que jamais caísse em peccado».

Ouvindo frei Masseu tão maravilhosas coisas da humildade, e reconhecendo que era um tesouro de vida eterna, começou a inflamar-se tanto no amor e desejo de a possuir, que, levantando os olhos ao céu, fez voto e firmíssimo propósito de nunca mais se alegrar neste mundo, enquanto não sentisse perfeitamente a dita virtude em sua alma; e daí em diante, conservava-se quase sempre recolhido na cela, macerando-se com jejuns e vigílias, orações e muitas lágrimas, na presença de Deus, para alcançar esta virtude,

sem a qual se julgava digno do inferno, e da qual estava dotado aquele amigo de Deus, de quem lhe tinham falado.

Continuando frei Masseu, por muitos dias, nesta ansiedade, encaminhou-se finalmente para o bosque, por onde começou a divagar, derramando fervorosas lágrimas, suspirando e dando vozes, pedindo a Deus, com veementes preces, aquela virtude divina. E como Deus ouve sempre de bom grado as orações do humilde e contrito, estando assim frei Masseu, veio uma voz do céu, que o chamou duas vezes:

– Frei Masseu, frei Masseu!

E ele, conhecendo em espírito que era a voz de Deus, respondeu:

– Meu Senhor, meu Senhor!

E Cristo disse-lhe:

– Que queres tu dar, para conseguires esta graça que pedes?

– Meu Senhor, quero dar os olhos da minha cara.

E Cristo acrescentou:

– Pois eu quero que tenhas essa graça e conserves os teus olhos.

E dito isto, desvaneceu-se a voz. E ficou frei Masseu tão cheio da desejada virtude da humildade e das luzes de Deus, que daí em diante andava sempre contente, e muitas vezes, quando orava, soltava uns arrulhos jubilosos e brandos, à maneira de pomba: hu! hu! hu!; e, com rosto e coração jucundos, permanecia em larga contemplação. E tendo assim chegado a profundíssima humildade, reputava-se o mais pequenino de quantos homens havia no mundo.

Perguntou-lhe frei Tiago de Falerone, porque em seu júbilo dizia sempre a mesma coisa. Ao que ele respondeu, com grande alegria, não carecer de mudar-se uma coisa, na qual encontramos todo o bem.

À honra de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XXXIII

Como Santa Clara, por obediência ao Papa, benzeu a mesa, e como, por milagre de Deus, apareceu em cada pão desenhada uma Cruz

Santa Clara, devotíssima discípula da Cruz de Cristo e nobre planta do senhor S. Francisco, era de tanta santidade, que não somente os bispos e cardeais, mas até o Papa, desejavam, com grande affecto, vê-la e ouvi-la, e este último visitava-a muitas vezes.

Entre outras, veio uma ocasião ao mosteiro para a ouvir falar das coisas celestiais e de Deus; e enquanto assim estavam em divinos colóquios, mandou Santa Clara preparar a mesa, e pôr nela o pão, para que o Padre Santo o benzesse. Pelo que, terminada a colação espiritual, ajoelhou-se a Santa com grande reverência e pediu-lhe que se dignasse abençoar o pão, que estava na mesa. Respondeu-lhe o Papa:

– Sórora Clara, fidelíssima, eu quero que tu abençoes este pão, e sobre ele faças o sinal da Cruz de Cristo, a quem inteiramente te hás consagrado.

– Perdoai-me, Santíssimo Padre, respondeu Santa Clara, seria digna de mui grande repreensão, se eu, vil mulherzinha, presumisse dar tal bênção, diante do Vigário de Jesus Cristo.

E o Papa retorquiu:

– Para que te não seja isto imputado a presunção, senão a mérito de teres obedecido, mando-te, em virtude de santa obediência, que, sobre estes pães, faças o sinal da santa Cruz, e os abençoes em nome de Deus.

Então Santa Clara, como verdadeira filha da obediência, abençoou devotissimamente aqueles pães com o sinal da santa Cruz. E – coisa admirável! – imediatamente em todos os pães apareceu o sinal da cruz belissimamente impresso; e daqueles pães, parte foi comida e parte conservada, por causa do milagre. E o Padre Santo, tendo presenciado aquele prodígio, tomou um pouco daquele pão, louvando a Deus, e despediu-se, deixando a sua bênção a Santa Clara.

Por aquele tempo, habitava no mosteiro sóror Ortolana, mãe de Santa Clara e de sóror Inês, sua irmã, ambas, juntamente com Santa Clara, cheias de virtudes e do Espírito Santo, e ainda outras muitas religiosas, às quais S. Francisco mandava muitos enfermos, e elas com suas orações e com o sinal da Cruz a todos davam saúde.

À honra de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XXXIV

Como S. Luís foi visitar em hábito de peregrino a frei Gil, e sem nunca se terem visto, se conheceram mutuamente sem falar

Andando S. Luís, rei de França, em peregrinação pelos santuários do mundo, ouviu falar da grande fama de santidade de frei Gil, um dos primeiros companheiros de S. Francisco, e teve desejos de o visitar; o que fez, vindo pessoalmente com esse fim a Perúsia, onde então vivia frei Gil. E, chegando à porta do casebre dos frades, como um pobre peregrino desconhecido, em companhia de poucos companheiros, perguntou, com grande insistência, por frei Gil, sem dizer ao porteiro quem fosse. Foi o porteiro dizer a frei Gil, que à porta estava um peregrino à procura dele; e por Deus lhe foi revelado, em espírito, que aquele era o rei de França. Pelo que imediatamente, com grande fervor, saiu da cela e correu à porta; e sem mais perguntas, não se tendo jamais visto, ajoelhando com grandíssima devoção, beijaram-se com tanta familiaridade, como se por muitos anos tivesse havido entre eles íntima amizade. A tudo isto, nem um nem outro diziam palavra, mas em silêncio ali estavam abraçados, em sinal do amor caritativo que os unia. E depois de assim estarem por um grande espaço de tempo, apartaram-se um do outro. S. Luís continuou a viagem e frei Gil tornou para a cela.

Quando S. Luís rei se ia embora, perguntou um frade aos da comitiva quem era aquele, que tão afectuosamente estivera abraçado a frei Gil. E o outro lhe respondeu que era Luís, rei de França, o qual tinha vindo para ver a frei Gil. E dizendo o dito irmão isto aos demais, houveram todos grande melancolia, por frei

Gil lhe não ter dito nem uma só palavra, e repreendendo-o, lhe disseram:

– Ó frei Gil, porque foste tão grosseiro para com tão grande rei, que de França veio para te ver, e ouvir de ti alguma palavra de edificação, e tu nada lhe disseste?

Respondeu frei Gil:

– Irmãos caríssimos, não vos admireis disto, porque nem eu a ele, nem ele a mim pudemos falar palavra; porque tão depressa nos abraçámos, logo a divina sabedoria revelou e manifestou a mim o coração dele, e a ele o meu; e deste modo, por obra da divina graça, fitando mutuamente os olhos nos corações, conhecemo-nos melhor do que se houvéssemos falado com a boca, e mais consolados ficámos do que se tivéssemos pretendido explicar de palavra o que tínhamos no coração, pela impotência da linguagem humana em explicar, com clareza, os ocultos mistérios de Deus. Onde houvéramos tirado antes desconsolo do que consolação. E assim fiquei sabendo que el-rei saiu daqui maravilhosamente consolado.

À honra de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XXXV

Como Santa Clara, estando gravemente enferma, foi levada milagrosamente da cela à igreja de S. Francisco

Estando uma vez Santa Clara gravemente enferma – tanto, que não podia assistir ao officio na igreja com as demais freiras, – e chegando a solenidade do Natal de Cristo, todas as religiosas foram a Matinas, sendo ela a única que ficou na cama, muito triste, por não poder ir com as outras, nem participar daquela espiritual consolação. Mas Jesus Cristo, seu esposo, não querendo que ela ficasse assim desconsolada, milagrosamente a fez transportar pelos Anjos à igreja de S. Francisco, para que assistisse a todo o Officio de Matinas e à Missa da meia-noite. E depois de ter recebido a santa Comunhão, fez que fosse levada ao seu leito. Acabado o Officio em S. Damião voltaram as monjas para junto de Santa Clara, e lhe disseram:

– Ó nossa Madre, sóror Clara, que grande consolação a que recebemos esta santa noite do Natal de Cristo! Prouvesse aos Céus que houvésseis assistido connosco!

E Santa Clara respondeu:

– Louvores e graças rendo a meu Senhor Jesus Cristo bendito, irmãs e filhas minhas muito amadas, porque a todas as solenidades desta santíssima noite, e maiores do que às que vós assististes, assisti eu, com muita consolação da minha alma. Porque, por intercessão de meu padre S. Francisco e por graça de Deus, estive presente na igreja de meu padre S. Francisco, e com meus ouvidos corporais e mentais ouvi todo o canto e a música dos órgãos, e também recebi a santa Comunhão. E assim alegrai-vos e dai graças a Nosso Senhor Jesus Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XXXVI

Como frei Leão teve uma bela e admirável visão e como S. Francisco lha explicou

Uma vez, quando S. Francisco se encontrava gravemente enfermo e frei Leão o servia, foi este, enquanto estava em oração, perto de S. Francisco arrebatado em Jesus Cristo e levado em espírito até junto de um rio muito grande, largo e impetuoso. E estando ele a olhar para quem o vadeava, viu entrarem na água uns frades carregados, que eram logo derrubados pelo ímpeto da corrente, e se afogavam; alguns ainda chegaram até um terço, outros até ao meio, outros enfim até à margem oposta, mas todos, cedendo à força da corrente e ao peso que levavam às costas, acabavam por cair, afogando-se.

Vendo isto frei Leão, sentia por eles grande pena. Mas eis que, de repente, viu chegar grande multidão de frades sem nenhuma carga ou peso, nos quais resplandecia a santa pobreza. Entrando no rio, passaram à outra margem, sem nenhum perigo. Tendo frei Leão visto estas coisas, voltou a si.

Então S. Francisco, conhecendo em espírito que frei Leão tinha tido alguma visão, chamou-o e perguntou-lhe que era o que tinha visto, e logo que ele lhe houve referido toda a visão exactamente, disse S. Francisco:

– O que viste, é verdade. O grande rio é este mundo; os frades, que se afogavam no rio, são aqueles que não seguem a profissão evangélica, especialmente quanto à altíssima pobreza! Os que sem perigo passavam, são aqueles que não buscam nem possuem coisas terrenas ou carnisais, neste mundo; mas tendo apenas o necessário para viver e vestir, contentam-se em seguir a Cristo nu, pregado na Cruz, e com alegria e boa vontade levam o peso e jugo suave de Cristo e da santa obediência. Por isso, passam tão facilmente da vida corporal à vida eterna.

À honra de Deus. Ámen.

CAPÍTULO XXXVII

Como S. Francisco, pousando em casa de certo cavaleiro por ver que era generoso, orou por ele, o qual se fez frade e foi perfeito

S. Francisco, servo de Deus, chegando uma tarde a casa dum cavaleiro grande e poderoso, foi, e mais o companheiro, por ele recebido e hospedado, como se fossem anjos do Paraíso, com muita cortesia e devoção. Pelo que S. Francisco lhe tomou grande amor, considerando que ao entrarem em casa os tinha abraçado e beijado amigavelmente, e depois lhes havia lavado, enxugado e beijado humildemente os pés, acendido uma grande fogueira e preparado a mesa com bons manjares, e, enquanto comiam, os tinha servido sempre mui prazenteiramente.

Ora tendo o Santo e o companheiro acabado de comer, lhes disse aquele cavaleiro:

– Escutai, Padre: ponho à vossa disposição a minha pessoa e bens; e quando tiverdes necessidade de túnica ou de manto, ou de outra coisa qualquer, comprai tudo, que eu pagarei; e ficai sabendo que quero prover-vos em todas as vossas necessidades, porque, graças a Deus, posso fazê-lo, porquanto abundo em todos os bens temporais, e por amor de Deus, que mos deu, quero fazer bem a seus pobres.

Vendo S. Francisco tanta cortesia, benevolência e liberalidade, sentiu por ele tão grande amizade, que, indo depois seu caminho, dizia para o companheiro:

– Verdadeiramente este cavaleiro seria bom para a nossa companhia, porque é muito reconhecido e grato a Deus, e muito amável e cortês com o próximo e com os pobres. Porquanto, hás-de saber, irmão caríssimo, que a generosidade é uma das propriedades de Deus, que por cortesia dá o seu Sol e a sua Lua tanto aos justos como aos injustos; e é a cortesia irmã da caridade, a qual afugenta o ódio e conserva o amor. E é tão grande a virtude divina que eu conheci neste bom homem, que de muito bom grado o quisera ter por companheiro. Por isso, quero que tornemos um dia a sua casa; pode ser que Deus lhe toque o coração para que nos faça companhia no seu serviço. Entretanto, peçamos ao Senhor que lhe infunda no coração este desejo e lhe dê forças para o pôr em prática.

Coisa admirável! Daí a poucos dias, feita oração por S. Francisco, inspirou Deus àquele gentil-homem este desejo; e disse o Santo para o companheiro:

– Vamos, irmão, ter com o homem cortês, porque tenho cá uma esperança certa em Deus de que ele, com a generosidade com que dá as coisas temporais, também se dará a si mesmo por companheiro nosso.

Foram, e ao chegarem perto de casa, disse S. Francisco:

– Espera-me um pouco, porque primeiro quero pedir a Deus que faça próspero o nosso caminho, e pelos méritos da santíssima Paixão de Jesus Cristo se digne conceder a nós, pobrezinhos e débeis, a nobre presa que pensamos arrebatar ao mundo.

Dito isto, foi pôr-se em oração num lugar donde podia ser visto do dito homem cortês. Prouve a Deus que, estendendo a vista àquele gentil-homem por uma e outra parte, viu S. Francisco em devotíssima oração diante de Cristo, que cheio de misericórdia lhe tinha aparecido. E estando assim, viu S. Francisco levantado corporalmente acima da terra, durante um largo espaço de tempo. Pelo que, de tal modo foi tocado por Deus e inspirado a deixar o mundo, que imediatamente saiu do seu palácio, e com fervor de espírito correu para S. Francisco; e chegando junto dele, com muita instância e devoção lhe pediu que fosse servido recebê-lo em sua companhia, para fazer penitência.

Então S. Francisco, ao ver que a sua oração tinha sido escutada por Deus, e que aquilo que tanto desejava era tão instantemente pedido por aquele nobre cavaleiro, levantou-se, cheio de

alegria e de fervor, abraçou-o e beijou-o devotamente, agradecendo a Deus por ter aumentado a sua Ordem com tão grande personagem.

E disse o gentil-homem a S. Francisco:

– Padre, que queres que eu faça? Eis, aqui estou preparado a dar, por teu mandado, aos pobres quanto possuo, e aliviado de todas as coisas temporais, seguir contigo a Cristo.

E assim fez. Conforme o conselho de S. Francisco, distribuiu tudo aos pobres, entrou na Ordem, e viveu em grande penitência, santidade de vida e pureza de costumes.

Em louvor de Cristo. *Ámen.*

CAPÍTULO XXXVIII

Como foi revelado a S. Francisco que frei Elias iria apostatar e morrer fora da Ordem; e como S. Francisco orou por ele e ficou salvo

Assistindo uma vez S. Francisco, em certo eremitério, de família com frei Elias, revelou-lhe Deus que o dito frei Elias estava condenado, e que havia de apostatar da Ordem, e por fim morrer fora dela.

Pelo que foi tão grande a displicência que o Santo concebeu por ele, que não falava nem com ele comunicava; e se por acaso acontecia vir frei Elias direito a ele, torcia o caminho, para o não encontrar. Começou frei Elias a ver e a compreender que S. Francisco estava desgostoso dele, e querendo saber a causa disso, foi um dia ter com o Santo para lhe falar. Como ele se esquivasse, frei Elias o reteve cortesmente, por força, e começou a pedir-lhe discretamente que se dignasse dizer-lhe a razão porque evitava a sua companhia e conversação. E S. Francisco lhe respondeu:

– A razão é esta: revelou-me Deus que por teus pecados virás a apostatar da Ordem, e a morrer fora dela; e mais me revelou ainda, que tu estás condenado.

Ouvindo isto, frei Elias disse assim:

– Meu reverendo Padre, peço-te pelo amor de Deus que me não repulses nem fujas, por este motivo; mas como bom pastor e discípulo de Cristo, busques e recebas a ovelha que irá desgarrada

se tu lhe não acodes; e roga a Deus que, se possível for, revogue a sentença da minha condenação, porque está escrito que faz Deus revogar a sentença, se o pecador se emenda do seu pecado; e eu tenho tanta fé em tuas orações, que ainda quando estivesse no meio do inferno, se tu fizesses por mim oração a Deus, creio que havia de sentir algum refrigério. Portanto, te peço agora que me encomendes a mim pecador, a fim de que Ele me receba em sua misericórdia.

Isto dizia frei Elias com grande devoção e lágrimas; pelo que S. Francisco, como piedoso pai, lhe prometeu que rogaria a Deus por ele. E assim fez.

E fazendo por frei Elias devotíssima oração, teve revelação de que era de Deus ouvida, quanto à revogação da sentença de condenação, e de que finalmente a alma de frei Elias se não condenaria; mas certamente sairia da Ordem, e fora dela morreria. O que tudo assim aconteceu. Porque rebelando-se contra a Igreja Frederico, rei da Sicília, e estando excomungado pelo Papa ele e quem quer que lhe desse ajuda ou conselho, o dito frei Elias, que era reputado em um dos homens mais sábios do mundo, sendo chamado pelo dito Frederico, se passou a este e se tornou rebelde à Igreja e apóstata da Ordem, e por esta razão foi excomungado pelo Papa e privado do hábito de S. Francisco.

E estando assim excomungado, caiu gravemente enfermo, de cuja enfermidade ouvindo falar um seu irmão, frade leigo, que tinha permanecido na Ordem e era homem de santa e honesta vida, foi visitá-lo, e entre outras coisas disse-lhe:

– Irmão meu caríssimo, muito me aflijo por tu estares excomungado e fora da tua Ordem e assim morreres; ora, se tu vês algum caminho ou maneira por onde eu te possa tirar deste perigo, de boamente sofrerei os maiores trabalhos.

Respondeu frei Elias:

– Irmão, não vejo outro caminho senão que tu vás ao Papa e lhe peças, pelo amor de Deus e de S. Francisco – por cujos ensinamentos abandonei o século – me absolva da excomunhão e me restitua o hábito da Ordem.

A isto respondeu aquele seu irmão, que de muito boa vontade o faria por sua salvação. E, partindo dali, se foi lançar aos pés do Padre Santo, pedindo-lhe com toda a humildade que, pelo amor de

Deus e de S. Francisco, se compadecesse de seu irmão. E foi do agrado de Deus que o Papa lhe concedesse voltar, e, se encontrasse vivo frei Elias, que o absolvesse de sua parte e lhe restituísse o hábito.

Com o que, cheio de alegria, partiu, e com grande pressa tornou a frei Elias, encontrando-o vivo, mas já prestes a morrer, e o absolveu da excomunhão¹⁹, e restituiu-lhe o hábito. E frei Elias passou desta vida, e a sua alma houve misericórdia, pelos méritos de S. Francisco e por suas orações, nas quais pusera tão grande esperança.

À honra de Deus. Ámen.

CAPÍTULO XXXIX

Como S. António fez uma maravilhosa pregação diante do Papa e do Consistório

O maravilhoso vaso do Espírito Santo, S. António de Lisboa, um dos eleitos discípulos e companheiros de S. Francisco e a quem este chamava o seu Bispo, pregando uma vez em consistório diante do Papa e cardeais, estando presentes homens de diversas nações, tais como gregos, latinos, franceses, alemães, eslavos, ingleses, e outras diferentes línguas do mundo, inflamado do Espírito Santo, expôs tão eficazmente, com tanta subtileza, com tanta devoção, com tal sabedoria a palavra de Deus, que todos os que estavam no consistório, conquanto de diversas línguas, clara e distintamente entenderam todas as suas palavras, tal como se falasse na própria de cada um. Todos estavam estupefactos, e parecia-lhes que se tinha renovado aquele milagre antigo dos Apóstolos, no tempo do Pentecostes, os quais, por virtude do Espírito Santo, falavam em todas as línguas. E diziam uns para os outros, cheios de admiração:

– Mas, não é de Portugal este que prega? Como, pois, o ouvimos nós todos falar a língua das nossas terras?

Da mesma maneira o Papa, considerando, maravilhado, a profundidade das suas palavras, disse:

¹⁹ Comunicou-lhe a absolvição que o Papa lhe tinha dado.

– Este é verdadeiramente arca do Testamento e armário da Escritura divina.

À glória de Deus. Ámen.

CAPÍTULO XL

Como S. António, pregando aos peixes, converteu à fé muitos hereges

Querendo Cristo bendito demonstrar a grande santidade do seu fidelíssimo servidor S. António, e como a sua pregação e santa doutrina até pelos próprios irracionais era devotamente ouvida, repreendeu, uma vez entre outras, a insensatez dos infieis e hereges, por meio dos peixes, como antigamente no Velho Testamento repreendera por meio duma jumenta a ignorância de Balaão.

Estando, pois, S. António em Rímini, onde havia grande multidão de hereges, quis reduzi-los à luz da verdadeira fé e caminho da verdade; e, durante muitos dias, lhes pregou, e com eles disputou sobre a fé de Cristo e sobre a Escritura santa. Mas eles não só não criam nas suas palavras, mas, como obstinados e endurecidos, nem mesmo o queriam ouvir. Pelo que S. António, um dia, por divina inspiração, dirigiu-se ao mar, no sítio onde o rio desagua, e ali começou a falar aos peixes, em forma de pregação, da parte de Deus.

«Ouvi a palavra de Deus, vós, peixes do mar e do rio, já que os infieis hereges a desprezam!»

E dito isto, subitamente acudiu à praia, em direcção ao ponto em que ele se encontrava, tal multidão de peixes grandes e pequenos e medianos, como nunca ali fora visto. E todos levantavam as cabeças fora da água, e estavam atentos com grandíssima paz e mansidão e ordem, porque, adiante e mais perto da riba, estavam os peixes mais pequenos, seguiam-se os medianos, e atrás, onde a água era mais funda, estavam os maiores. Estando eles assim dispostos por esta ordem, começou S. António a pregar solenemente, e disse assim:

«Peixes, meus irmãos, muita obrigação tendes de vos mostrar agradecidos, conforme a vossa capacidade, ao Criador, que vos deu tão nobre elemento para morada. Tendes ao vosso dispor água

doce ou salgada. Deu-vos muitos abrigos, onde podeis defender-vos contra as tempestades. Deu-vos, mais, elemento claro e transparente, e comida para vos manterdes. Deus, vosso Criador generoso e benigno, deu-vos, quando vos criou, preceito de vos multiplicardes, e vos abençoou; depois, quando foi do dilúvio universal, todos os outros animais morreram, a vós somente preservou Deus de todo o dano. Deu-vos ainda barbatanas para que possais ir aonde vos aprouver. A vós foi concedido, por ordem de Deus, guardar o profeta Jonas, e depois de três dias lançá-lo à terra são e salvo. Fostes vós que ao Senhor oferecestes o censo que Ele, como pobrezinho, não tinha para pagar. Fostes vós por singular mistério, o alimento do rei eterno, Cristo Jesus, antes e depois da ressurreição. Por todas estas coisas, estais muito obrigados a louvar e bendizer ao Senhor, que vos favoreceu mais do que a todas as outras criaturas».

A estas e semelhantes palavras e ensinamentos de S. António, começaram os peixes a abrir a boca, a inclinar a cabeça, e com estes e outros sinais de reverência, conforme podiam, louvavam a Deus.

Então S. António, vendo tamanha reverência nos peixes para com o Criador, alegrou-se em espírito, e em voz alta disse:

«Bendito seja o Senhor eterno, porque mais honrado é pelos peixes do que pelos homens hereges; e melhor ouviram a sua palavra os animais irracionais do que os homens infiéis».

E quanto mais S. António pregava, mais a multidão dos peixes crescia, e nenhum arredava do lugar que tinha tomado.

A este milagre, começou o povo da cidade a acorrer; entre os demais acudiram também os ditos hereges, que, vendo tão extraordinário e manifesto milagre, contritos em seus corações, foram lançar-se aos pés do Santo, para ouvir a sua palavra.

E S. António começou então a pregar-lhes a fé católica; e tão eloquentemente pregou, que todos se converteram e voltaram à fé de Cristo. Pelo que os fiéis ficaram cheios de alegria e confortados e robustecidos na santa fé.

Acabado isto, despediu S. António os peixes, com a bênção de Deus, e eles se foram, dando mostras de muita alegria, assim como todo o povo.

Ficou-se ainda S. António em Rimini muitos dias, pregando e fazendo muito fruto espiritual nas almas.

À honra de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XLI

Como frei Simão orou por um irmão muito tentado, e Deus o livrou da tentação

Ali pelos começos da Ordem, vivendo ainda S. Francisco, entrou nela um jovem de Assis, chamado frei Simão, a quem Deus adornou e dotou de tanta graça e contemplação de espírito, que toda a sua vida era um espelho de santidade, segundo eu mesmo ouvi daqueles que com ele viveram longo tempo.

Rarissimamente era visto fora da cela, e se alguma vez estava com os irmãos, era a sua conversação de Deus. Nunca tinha estudado gramática²⁰, contudo falava de Deus e do amor de Cristo com tal profundidade e elevação, que pareciam as suas palavras inspiradas.

Sucedeu ter ido uma tarde com frei Tiago de Massa ao bosque para falar de Deus; e falou do amor divino com tão extremada doçura, que se ficaram os dois toda a noite naquele falar; de manhã lhes parecia que pouquíssimo tempo se tinha passado, segundo me disse o mesmo frei Tiago.

Eram tão suaves e doces as iluminações do Espírito Santo e as amorosas visitas de Deus, que muitas vezes, quando as pressentia, se recostava no leito, porque a tranquila suavidade do Espírito Santo requeria nele não só repouso de espírito, mas até de corpo; e nestas visitas divinas, era muitas vezes arrebatado em Deus, e ficava totalmente insensível para as coisas temporais.

E sucedeu uma vez querer um dos irmãos fazer experiência disto, e ver se com efeito era o que parecia. Foi e tomou uma brasa de fogo e lha pôs sobre o pé nu. Mas frei Simão nada sentiu, nem a brasa deixou sinal nenhum no pé, conquanto aí estivesse até se apagar por si mesma.

²⁰ Equivalente ao ensino secundário.

O dito frei Simão, quando se sentava à mesa, e antes de tomar qualquer comida corporal, tomava para si e dava aos demais alimento espiritual, falando de Deus. Por uma devota conversação, converteu uma vez certo jovem de San Severino, o qual era no século muito vaidoso e mundano, e era de nobre geração e mui delicado de corpo. E ao recebê-lo à Ordem, guardou-lhe frei Simão os vestidos seculares; e com ele se conservou o referido moço, para ser instruído nas observâncias regulares.

Mas o demónio, que anda sempre buscando traças para frustrar todo o bem, excitou aquele jovem com tão forte aguilhão e com tão forte tentação da carne, que se lhe afigurava ser impossível resistir. Pelo que foi ter com frei Simão e disse-lhe:

– Dá-me os vestidos que trouxe do século, porque não posso mais resistir a esta tentação.

E frei Simão, cheio de misericórdia para com ele, respondeu:

– Senta-te, filho, aqui um pouco ao pé de mim.

E começando a falar de Deus, desvaneceu-se a tentação. Mas esta voltava de novo, de tempos a tempos, e sempre o jovem reclamava os seus trajos, e frei Simão a desfazia com falar de Deus.

Isto sucedeu muitas vezes, até que, por fim, cresceu tanto e com tão desusada força e constância, que pensou não podia resistir por coisa nenhuma deste mundo. Foi, pois, onde estava frei Simão, exigindo que a todo o transe lhe desse os seus vestidos seculares, porque de modo nenhum podia ficar.

Então frei Simão o fez sentar à sua beira, como sempre costumava. E entrando a falar de Deus, reclinou o jovem a cabeça contra o peito de frei Simão, por melancolia e tristeza.

E frei Simão, pela grande pena que do jovem sentia, levantou os olhos ao céu e rogou a Deus devotissimamente por ele. Foi ouvida a sua oração, e o moço foi arrebatado em êxtase; e voltando a si, de todo se viu liberto daquela tentação, como se jamais a houvesse experimentado, tendo-se, deste modo, transformado o ardor dela em fogo do Espírito Santo, por se ter aproximado do carvão aceso, isto é, de frei Simão, todo inflamado em amor de Deus e do próximo. E chegou a tanto o amor que aquele jovem sentia pelo próximo, que, tendo sido preso um malfetor, a quem deviam arrancar os dois olhos, foi ter com o juiz, em pleno tribunal, e ousadamente, com muitas lágrimas e devotas súplicas, pedia que lhe

fosse tirado a ele um olho e outro ao malfeitor, para que este não ficasse privado de ambos. Vendo o juiz o grande fervor e caridade deste frade, perdoou, de acordo com os conselheiros, a um e outro.

Estando um dia o citado frei Simão no bosque, orando com muita consolação de sua alma, veio um bando de codornizes e com seu gritar começaram a distraí-lo. Pelo que lhes mandou, em nome de Jesus, que se fossem embora dali, e que nunca mais voltassem. Ao que elas obedeceram, e desde então até hoje não mais foram vistas nem ouvidas naqueles arredores. Este milagre foi sabido em todo o território de Fermo, onde o eremitério está situado.

À honra de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XLII

Tratado de alguns santos frades e singularmente de frei Conrado e de outro frade que, desde a alva até ao nascer do sol, transportou um leproso à distância de quinze milhas

Como céu adornado de estrelas, assim foi outrora de santos frades a Província da Marca de Ancona. Os quais, à maneira dos astros do céu, iluminavam e adornavam a Ordem de S. Francisco e o mundo, com exemplos e com doutrina. Entre eles, tem primeiro lugar frei Lúcio o Velho, que verdadeiramente foi lúcido por santidade e ardente por caridade divina – cuja língua gloriosa, ensinada do Espírito Santo, fazia maravilhosos frutos de pregação.

Outro foi frei Bentivólio de San Severino, a quem frei Masseu de San Severino, estando em oração no bosque, viu levantado no ar durante largo espaço; e por este milagre, o dito frei Masseu, que era então pároco, deixou a paróquia e fez-se frade menor, chegando a tão grande santidade que obrou muitos milagres, durante a vida e na morte, e seu corpo descansa em Marro.

O sobredito frei Bentivólio morava uma vez, sozinho, em Trave Bonanti, para guardar e servir a um leproso; tendo recebido ordem do prelado para deixar aquele lugar e ir para outro sítio, distante dali quinze milhas, e não querendo abandonar o leproso, com grande fervor de caridade o tomou nos braços, pô-lo às costas, e, entre a aurora e o sol nado, percorreu aquela distância das quinze milhas até ao lugar para onde fora mandado, e que se

chama Monte Saracino; viagem aquela impossível de fazer, ainda quando fosse águia. E deste divino milagre houve grande espanto e admiração em toda aquela terra.

O outro foi frei Pedro de Monticelo, que foi visto por frei Ser-vodeo de Urbino – que nesse tempo era guardião no antigo eremi-tério de Ancona – levantado corporalmente da terra à altura de cinco ou seis braças, até tocar nos pés do Crucifixo da igreja, ante o qual orava. Tendo este frei Pedro jejuado com grande devoção a quaresma de S. Miguel Arcanjo, e estando no último dia dela na igreja a fazer oração, foi ouvido por um frade jovem – que de propósito se tinha escondido debaixo do altar-mor, para ver se conseguia observar algum acto de santidade – falar com S. Miguel Arcanjo, e as palavras que entre si trocavam eram:

Dizia S. Miguel:

– Pedro, por mim, fielmente te tens atormentado e por muitas maneiras tens afligido o teu corpo; agora aqui estou para te conso-lar, e para que me peças a graça que quiseses, e eu ta alcançarei de Deus.

Respondeu frei Pedro:

– Santíssimo Príncipe da milícia celeste, fidelíssimo defensor da honra de Deus e piedoso protector das almas, esta graça te peço: que me alcances de Deus o perdão dos meus pecados.

– Pede outra graça, porque esta eu ta alcançarei facilmente.

E como frei Pedro não pedisse outra coisa, concluiu o Arcanjo:

– Pela fé e devoção, que em mim tens, eu te alcançarei esta graça que pediste e muitas outras coisas.

Acabada a conversação, que durou muito tempo, foi-se o Ar-canjo, deixando-o muito consolado.

Contemporâneo deste frei Pedro era frei Conrado de Ofida. Vivendo juntos no conventinho de Forano, da Custódia de Ancona, foi um dia frei Conrado ao bosque, para se dar ao exercício da contemplação de Deus; e frei Pedro seguiu-o secretamente, para ver o que lhe acontecia. Frei Conrado começou a orar e a pedir, com grandes e mui devotas lágrimas, à Virgem Maria, que lhe alcançasse de seu bento Filho a graça de sentir um pouco daquela doçura que o santo velho Simeão experimentou no dia da Purifica-ção, ao tomar em seus braços a Jesus Cristo, Salvador bendito.

Feita esta oração, a misericordiosa Virgem apareceu, trazendo seu Filho nos braços, envolta em grandíssima e luminosa clareza; e aproximando-se de frei Conrado, lhe passou aquele bendito Filho; frei Conrado o recebeu mui devotamente, e abraçando-o e apertando-o contra o peito, todo se derretia e desfazia em amor divino e inexplicável consolação.

E ao ausentar-se a Virgem Maria de frei Conrado, voltou frei Pedro apressadamente ao eremitério para dele não ser visto. Mas depois, quando frei Conrado se tornava todo alegre e jucundo, lhe disse frei Pedro:

– Ó varão celestial, grande consolação tiveste hoje!

Ao que retorquiu frei Conrado:

– Que é o que dizes, frei Pedro? Que sabes tu do que me sucedeu?

– Eu bem sei, eu bem sei – dizia frei Pedro – que a Virgem Maria com seu Filho te visitou.

Então frei Conrado, que era verdadeiramente humilde e desejava segredo nas graças de Deus, pediu-lhe que a ninguém dissesse coisa alguma. E houve tanta amizade entre os dois, desde aquele dia, que, em todas as coisas, parecia terem um só coração e uma só alma.

O dito frei Conrado, com suas orações, livrou, uma vez, estando no conventinho de Sirolo, uma mulher endemoninhada, orando por ela toda a noite e aparecendo a sua mãe. Mas de manhã fugiu, para não ser encontrado e honrado pelo povo.

À honra de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XLIII

Como frei Conrado repreendeu um mau irmão, com tanta caridade, que de repente se tornou o mais perfeito dos que habitavam o Eremitério

O dito frei Conrado de Ofida, zelador admirável da evangélica pobreza, foi de tão santa vida e de tanto merecimento junto de Deus, que Cristo bendito, em vida e na morte, o honrou com muitos milagres; entre os quais se refere que, tendo vindo ao seu conventinho alguns irmãos forasteiros, lhe pediram por amor de Deus

e por caridade que admoestasse a certo frade jovem, que se portava tão pueril, dissoluta e desordenadamente, que era de grande turbacão a velhos e novos da comunidade; e do Officio divino e mais observâncias regulares nada ou pouco cuidava.

Então frei Conrado, movido tanto de compaixão pelo dito frade, como do pedido que lhe faziam os irmãos, chamou aquele jovem à parte, e com fervor de caridade lhe disse tão eficazes e devotas palavras de conselho, que, obrando a divina graça, subitamente se trocou de menino que era, em ancião de costumes, e em tão obediente, benigno, solícito, devoto, e ainda tão pacífico e serviçal e a todas as coisas de virtude tão atento, que, se antes era causa de perturbação a toda aquela religiosa família, era agora motivo de contentamento e consolação, e grandemente o amavam todos.

Aprouve a Deus morrer o dito jovem, pouco depois de sua conversão; do que houveram os irmãos grande dor. Pouco depois da morte apareceu sua alma a frei Conrado, quando estava devotamente em oração, diante do altar, e o saudou respeitosamente como a seu pai.

Frei Conrado lhe perguntou:

— Ó filho caríssimo, que é feito de ti?

Respondeu ele:

Caríssimo Padre, pela graça de Deus e pelos vossos ensinamentos, estou bem, porque não fui condenado; mas por causa dos meus pecados, que não tive tempo de purgar suficientemente, padeço grandíssimas penas no Purgatório; por isso, eu te rogo, Padre, que assim como por tua piedade me socorreste quando era vivo, assim agora te dignes socorrer-me em minhas penas, dizendo o Pai-Nosso por mim, algumas vezes, pois que a tua oração é muito aceite a Deus!

Frei Conrado, cedendo benignamente aos seus rogos, recitou uma vez o Pai-Nosso e o *Requiem aeternam*; e lhe disse aquela alma:

— Ó caríssimo Padre, quanto bem e quanto alívio eu sinto! Peça que o digas mais uma vez.

Frei Conrado assim fez, e a alma lhe disse logo:

— Santo Padre, quando tu oras por mim, toda me sinto aliviada; por isso te peço que não cesses de rogar por mim.

Então frei Conrado, vendo aquela alma tão favorecida por meio de suas orações, rezou por ela cem vezes o Pai-Nosso; e tendo terminado lhe disse ela:

– Eu te agradeço, Padre caríssimo, da parte de Deus, a caridade que comigo usaste, porque por tuas orações me vejo livre de todos os tormentos, e vou para o reino celestial.

Dito isto, desapareceu.

Então frei Conrado, cheio de alegria, confortou os irmãos, contando-lhes minuciosamente toda aquela visão.

À honra de Cristo bendito. Ámen.

CAPÍTULO XLIV

Como dois frades se amavam tanto, que um ao outro se contavam as revelações

No tempo em que viviam juntos, no conventinho de Forano, da Custódia de Ancona, os ditos frei Conrado e frei Pedro, que eram duas luzentes estrelas e dois homens celestiais, na Província da Marca, havia entre os dois tanto amor e tanta caridade que pareciam animados dum mesmo coração e dum mesmo espírito; e assim se ligaram por este pacto: que toda a consolação de que a misericórdia divina lhes fizesse mercê, por caridade, um ao outro haviam de revelar.

Depois de fechado este contrato, sucedeu que, estando um dia frei Pedro em oração, pensando devotamente na Paixão de Cristo e em como a beatíssima Mãe de Cristo e S. João, discípulo amantíssimo, e S. Francisco – pintados junto da Cruz – tinham sido por sua dor mental crucificados com Cristo, lhe vieram desejos de saber qual dos três sentira maior dor na Paixão de Cristo: se a Mãe, que o tinha gerado, se S. João, que tinha dormido em seu peito, se S. Francisco, que com Ele estava crucificado. Estando, pois, nesta devota consideração, lhe apareceu a Virgem Maria, com S. João e S. Francisco, vestidos de formosíssimas túnicas de glória. Mas S. Francisco parecia vestido de mais belo traje que S. João. E como frei Pedro ficasse assombrado de semelhante visão, confortou-o S. João dizendo:

– Não temas, caríssimo irmão, porque nós viemos para te consolar e desfazer as tuas dúvidas. Sabe que mais do que nenhuma outra criatura sentimos nós, a Mãe de Cristo e eu, a Paixão de Jesus; mas depois de nós, foi S. Francisco quem dela teve maior pena, e por isso tu o vês em tão grande glória.

E frei Pedro perguntou:

– Santíssimo Apóstolo de Cristo, porque é que o vestido de S. Francisco parece mais belo do que o teu?

– A razão – contestou S. João – é esta: ele durante a vida trouxe um vestido mais vil que o meu.

E ditas estas palavras, deu S. João a frei Pedro um vestido glorioso, que trazia na mão, dizendo-lhe:

– Toma esta vestimenta, que eu trago para te dar.

E querendo S. João vesti-lo com aquela vestidura, caiu frei Pedro por terra, tomado de espanto, e começou a gritar:

– Frei Conrado, caríssimo frei Conrado corre depressa, vem ver coisas maravilhosas.

A estas palavras desapareceu aquela santa visão.

Depois, quando chegou frei Conrado, contou-lhe tudo, tal como se tinha passado; e deram graças a Deus. *Ámen.*

CAPÍTULO XLV

Como um frade, sendo menino secular, foi milagrosamente chamado por Deus à Ordem

Sendo frei João de Pena jovem e secular, na Província de Marca, apareceu-lhe, uma noite, um formosíssimo jovem que o chamou dizendo:

«João, vai a Santo Estêvão, onde prega um de meus frades, a cuja doutrina dá crédito, e atende a suas palavras, porque sou eu quem to mando. A seguir hás-de fazer uma grande viagem, depois da qual me tornarás a ver».

Ao ouvir isto, levantou-se imediatamente, e sentiu uma grande mudança em sua alma.

E foi a Santo Estêvão, onde encontrou uma grande multidão de homens e mulheres, que estavam para ouvir o sermão.

Quem havia de pregar era um que se chamava frei Filipe, e que fora dos primeiros frades que vieram à Marca de Ancona depois da fundação de eremitérios.

Subiu este frei Filipe a pregar, e pregou mui devotamente, não com palavras de humana sabedoria, mas com virtude do Espírito, anunciando o reino da vida eterna.

Terminada a prática, foi o dito jovem ter com frei Filipe e disse-lhe:

– Padre, se te aprouver receber-me na Ordem, de boamente farei penitência e servirei a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Vendo e conhecendo frei Filipe naquele jovem uma admirável inocência e pronta vontade de servir a Deus, disse-lhe:

– Vai falar-me tal dia a Recanti, onde se há-de celebrar Capítulo provincial, e eu farei que te recebam.

Com isto pensou o jovem, que era de grande candura, ser aquela a viagem larga que devia fazer, conforme a revelação havia, e que depois iria ao Paraíso; assim esperava que sucederia, tão depressa fosse recebido na Ordem.

Mas vendo que se não cumpria o que ele pensava, e ao ouvir o Ministro dizer que se alguém quisesse ir para a Provença, de boamente lhe daria autorização, teve grande desejo de ir, pensando em seu interior ser aquela a grande viagem que devia fazer antes de ir para o Paraíso. Envergonhava-se, porém, de o dizer; e como tinha confiança com o dito frei Filipe por ele o ter recebido na Ordem, pediu muito que lhe obtivesse a graça de ir a Provença.

Então frei Filipe, ao ver a pureza das suas intenções, lhe alcançou a desejada licença. E frei João, com grande alegria, se pôs a caminho, tendo como certo que, tão depressa chegasse ao termo da viagem, havia de ir para o Paraíso. Mas foi vontade de Deus que vivesse naquela Província vinte e cinco anos, com este desejo e esperança, vivendo em mui grande pureza de vida, santidade e bom exemplo, crescendo sempre em virtude e em graça de Deus e do povo, e era sumamente querido dos irmãos e da gente secular.

Estava ele um dia em devota oração, chorando e lamentando-se por não ver cumprido o seu desejo, pois o seu peregrinar nesta vida se ia prolongando demasiadamente, e eis que lhe apareceu Cristo bendito, a cuja vista toda a sua alma se liquefazia; o qual lhe disse:

– Frei João, meu filho, pede-me o que quiseres.

Ao que frei João respondeu:

– Meu Senhor, eu não sei de outra coisa que vos peça senão a Vós, porque nada mais desejo. E mais Vos peço ainda que me perdoeis os meus pecados, e me concedais que Vos torne a ver, quando me encontrar em maior necessidade.

Respondeu-lhe Cristo:

– Foi ouvida a tua oração.

E com isto desapareceu, deixando frei João cheio de consolação e mui confortado. Chegou finalmente a notícia, aos Irmãos que viviam na Província da Marca, da fama das virtudes de frei João; e tanto fizeram com o Geral, que este lhe mandou obediência que ele recebeu com alegria, pondo-se a caminho, pensando que ao cabo dele iria para o Céu, segundo a promessa de Cristo. Mas tendo voltado à Província da Marca, viveu nela trinta anos, sem que seus parentes o conhecessem. E cada dia esperava a misericórdia de Deus, pelo cumprimento da promessa que lhe fora feita.

Durante este tempo, exerceu muitas vezes o cargo de guardião com muita prudência, e obrou Deus por ele muitos milagres. Entre outros dons, que houve do Senhor, foi-lhe dado o espírito de profecia; e assim, andando ele uma vez por fora, foi um noviço combatido pelo demónio, e tão rigorosamente tentado, que, deixando-se vencer da tentação, resolveu, em seu interior, sair da Ordem, tão depressa frei João voltasse a casa. Conhecendo frei João, em espírito, aquela tentação e propósito, volta imediatamente ao eremitério, chama o dito noviço e manda-lhe que se confesse; mas antes de ele se confessar contou-lhe miudamente toda a tentação, conforme Deus lha tinha revelado, e concluiu dizendo:

– Filho, porque esperaste por mim, e não quiseste partir sem a minha bênção, o Senhor te fez a graça de nunca saíres desta Ordem, e nela há-de morrer, com a sua divina graça.

Então foi o noviço confortado em seu bom propósito, e permanecendo na Ordem, chegou a ser um santo religioso.

Todas estas coisas me foram contadas a mim, frei Hugolino²¹, pelo sobredito frei João, que era de ânimo alegre e calmo; raras vezes falava, e era homem de grande oração e devoção. Nunca se deitava depois de Matinas, nem mesmo voltava para a cela, mas ficava na igreja, orando até de manhã.

Uma noite, estando em oração depois de Matinas, lhe apareceu o Anjo de Deus, e lhe disse:

– Frei João, está finalmente concluída a tua carreira, como há tanto tempo andas desejando. Por isso, da parte de Deus te digo que peças qualquer graça, e mais te digo que escolhas: ou um dia no Purgatório ou sete de sofrimento neste mundo.

E preferindo ele os sete de sofrimento neste mundo, repentinamente adoeceu de várias enfermidades: acometeu-o uma febre violenta; foi tomado de gota nas mãos e nos pés; vieram-lhe cólicas, e assaltaram-no muitos outros males. Mas o que maior pena lhe causava era um demónio, que estava sempre diante dele e tinha na mão um grande pergaminho, onde estavam escritos todos os pecados que tinha cometido durante a vida, e lhe dizia:

«Por todos estes pecados, que cometeste por pensamento, por palavras e por obras, estás condenado ao profundo do inferno».

E ele não se recordava de ter feito algum bem, nem mesmo de que pertencia à Ordem, ou de nela ter jamais vivido; mas sim julgava-se efectivamente condenado, como o demónio lhe dizia. De modo que, quando os irmãos lhe perguntavam como estava, respondia:

– Mal, porque estou condenado.

Vendo eles isto, espantavam-se, e mandaram por um frade velho, chamado frei Mateus de Monte Rubiano, que era homem santo e grande amigo de frei João. Chegou frei Mateus no sétimo dia da tribulação de frei João, saudou-o e perguntou-lhe como estava. Respondeu que estava mal, porque estava condenado.

Então lhe disse frei Mateus:

²¹ É esta uma das raras vezes em que o autor se nomeia: *frei Hugolino de Monte Jorge ou de Monte Santa Maria*, falecido cerca de 1348, segundo a melhor crítica.

– Não te lembras de muitas vezes te confessares comigo e de eu te absolver de todos os teus pecados? Não te lembras ainda de teres servido a Deus, tantíssimos anos, nesta Ordem? Depois, não sabes tu que a misericórdia divina excede e ultrapassa todos os pecados do mundo, e que Cristo bendito, Salvador nosso, pagou, para nos resgatar, um preço infinito? Tem, pois, boa esperança, que por certo te hás-de salvar.

Ditas estas palavras, como fosse cumprido o tempo de seu trabalho, ausentou-se a tentação, e veio a tranquilidade.

Então com grande alegria disse frei João a frei Mateus:

– Peço que vás descansar, porque deves estar fatigado, e a hora vai adiantada.

Mas frei Mateus não o queria deixar. Finalmente, depois de muito rogado, foi repousar; e frei João ficou sozinho com o irmão que o servia.

Nisto apareceu Cristo bendito com grandíssimo resplendor, espalhando-se no ar um aroma suavíssimo; e esta aparição lhe estava prometida, para quando houvesse maior necessidade dela. E Cristo o sarou de toda a enfermidade.

Então frei João, com as mãos erguidas, deu graças a Deus, porque com óptimo fim terminara sua grande viagem da presente e miserável vida. Nas mãos de Cristo encomendou e entregou sua alma, passando desta vida mortal à vida eterna com Cristo bendito, por quem ele tanto tempo tinha suspirado e esperado. Foi enterrado no eremitério de Pena de São João.

À honra de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XLVI

De um frade que viu ir para o céu a alma de outro frade seu irmão

Na dita Província da Marca, e já depois que S. Francisco era morto, entraram para a Ordem dois irmãos: um houve por nome frei Humilde e outro chamou-se frei Pacífico; e foram homens de grande santidade e perfeição.

Frei Humilde morava de família no conventinho de Sofiano, e lá morreu; frei Pacífico morava em outro conventinho muito afastado.

Prouve a Deus que frei Pacífico, estando em êxtase, visse subir ao céu a alma de seu irmão frei Humilde, na própria hora em que saía do corpo, sem tardança nem impedimento.

Sucedeu pois que, passados muitos anos, foi frei Pacífico, que sobrevivera, mandado para o dito eremitério de Sofiano, onde seu irmão tinha morrido.

Por esta época, a pedido dos senhores de Brunforte, foi mudado o eremitério para outro lugar. Entre outras coisas, levaram consigo os frades as relíquias dos santos irmãos, que tinham morrido ali. E quando chegaram à sepultura de frei Humilde, seu irmão frei Pacífico juntou os ossos, lavou-os com bom vinho, envolveu-os numa branca toalha, e com grande reverência os beijava e chorava. Do que os outros se admiravam, e não tomavam boa edificação; porque, sendo ele homem de grande santidade, parecia que chorava seu irmão com amor sensual e mundano; e porque mostrava mais amor àquelas relíquias do que às dos outros irmãos, que tinham sido de não menor santidade que frei Humilde, e eram dignas de tanta reverência como as suas. Conhecendo frei Pacífico a errada imaginação dos frades, satisfê-los humildemente, e disse-lhes:

– Irmãos meus caríssimos, não vos admireis de eu ter feito aos ossos de meu irmão o que não fiz aos dos demais; porque, seja Deus louvado, que sabe não me mover nenhum amor carnal, como julgais; se fiz isto, foi porque, quando meu irmão morreu, orando eu num lugar deserto e longe dele, vi sua alma caminhar direita ao céu; e assim estou certo de que os seus ossos são santos e hão-de estar um dia no Paraíso. E se Deus me tivesse dado tanta certeza a respeito dos outros irmãos, teria feito a mesma reverência aos seus ossos. Pelo que, vendo os irmãos a sua devota e santa intenção, ficaram muito edificadas, e louvaram a Deus, que a seus santos faz tão maravilhosas coisas.

Em louvor de Cristo. *Ámen.*

CAPÍTULO XLVII

De um frade enfermo a quem apareceu a Virgem Maria e o confortou

No citado conventinho de Sofiano, houve antigamente um frade menor de tão grande santidade e graça, que parecia todo divino, e bastas vezes era arrebatado em Deus.

Estando, em certa ocasião, de todo absorvido e suspenso em Deus, pois possuía notavelmente a graça da contemplação, vieram ter com ele avezinhas, que, de muita maneira e familiarmente lhe pousavam na cabeça, nos ombros, nos braços, nas mãos, cantando maravilhosamente. Era um irmão muito solitário e raro falava; mas quando lhe perguntavam alguma coisa, respondia com tanta graça e sabedoria, que mais parecia Anjo do que homem; era de grandíssima oração e contemplação, e os irmãos tinham-no em grande reverência.

Havendo cumprido o curso de sua virtuosa vida, foi da vontade divina que adoecesse de morte.

E com isto, não queria aceitar nenhuma medicina corporal, mas toda a sua confiança era no médico celestial, Jesus Cristo bendito, e em sua bem-aventurada Mãe, de quem mereceu, pela divina clemência, ser misericordiosamente visitado e consolado.

Estando, pois, de cama, dispondo-se para a morte, de todo o coração e grandíssima devoção, apareceu-lhe a gloriosa e beatíssima Mãe de Jesus Cristo, Virgem Maria, com grande multidão de Anjos e de santas virgens, envolta em maravilhosa luz; e acercando-se do leito, ele a contemplou e sentiu grandíssimo conforto e alegria, tanto na alma como no corpo. E começou a pedir-lhe humildemente que rogasse ao seu Filho bem-amado o levasse, por seus méritos, da prisão da carne miserável. Perseverando ele neste pedido, com muitas lágrimas, a Virgem Maria lhe respondeu, chamando-o pelo nome, dizendo:

«Não desfaleças, filho, porque Ele ouviu a tua prece, e eu vim para te confortar um pouco, antes que partas desta vida».

Com a Virgem Maria tinham vindo três santas virgens, que nas mãos traziam frascos com electuário de incomparável fragrância e suavidade. Então a Virgem gloriosa tomou e abriu um deles,

e toda a casa ficou repleta de aroma; e tomando daquele electuário com uma colher, deu ao enfermo, que, tão depressa o provou, sentiu tamanho conforto e doçura que a alma parecia não poder estar no corpo. Pelo que começou a dizer:

«Mais não, ó suavíssima Mãe de Jesus Cristo, Virgem Maria bendita, e salvadora da humana geração; mais não, ó médica bendita; mais não, que eu não posso sustentar tamanha suavidade!»

Mas a piedosa e benigna Mãe, ainda mais deitava daquele electuário ao enfermo, e, obrigando-o a tomá-lo, despejou todo o frasco. Depois de ter esvaziado o primeiro, a Virgem bendita pegou no segundo, e, metendo a colher para lhe dar, ele se queixava docemente:

«Ó belíssima Mãe de Deus, se a minha alma quase se derrete pela suavidade do primeiro electuário, como poderei eu sustentar o segundo? Eu te peço, Bendita mais do que todos os santos e mais do que os Anjos, que me não queiras dar mais».

Respondeu Nossa Senhora:

«Saboreia, filho, ainda um pouco deste segundo frasco».

E dando-lhe um pouco, disse:

«Agora basta, filho, já tens que chega: toma ânimo porque, em breve, virei por ti e te levarei ao reino de meu Filho, a quem tu sempre buscaste e desejaste».

E dito isto, apartando-se dele, desapareceu. Ficou o irmão tão confortado e consolado, pela doçura daquela mezinha, que viveu, durante muitos dias, são e forte, sem nenhum alimento corporal. E passado algum tempo, estando a conversar alegremente com os irmãos, com grande júbilo e gáudio, passou desta vida miserável à vida bem-aventurada.

À honra de Deus. Ámen.

CAPÍTULO XLVIII

Como Frei Tiago de Massa teve uma visão em que lhe foi revelado o estado da Ordem e o seu futuro²²

Frei Tiago de Massa, a quem Deus abriu a porta de seus segredos e deu perfeita ciência e inteligência da divina Escritura e das coisas futuras, foi varão de tanta santidade, que frei Gil de Assis, frei Marcos de Montino, frei Junípero e frei Lúcio diziam não conhecerem ninguém no mundo de maior valimento junto de Deus do que ele. Eu tive muito desejo de o ver, porque pedindo a frei João, companheiro de frei Gil, que me explicasse certas coisas espirituais, ele me disse:

– Se queres ser bem instruído na vida espiritual, procura tratar com frei Tiago de Massa, pois que até frei Gil desejava ser instruído por ele; e nada há a acrescentar ou diminuir nas suas palavras, porque seu espírito penetrou os segredos celestes, e suas palavras são palavras do Espírito Santo; por isso não há neste mundo ninguém a quem eu mais deseje ver do que a ele.

No princípio do ministério de frei João de Parma²³, estando frei Tiago em oração, foi arrebatado em Deus e ficou três dias neste estado, em êxtase e de tal modo alheio a toda a sensação, que os irmãos chegaram a duvidar se estaria morto. Durante o êxtase

²² A actual crítica histórica recebe com a maior das reservas e cepticismo esta estranha narrativa que deixa S. Boaventura numa posição imerecidamente desprimorosa. Este capítulo extraído da Quarta Tribulação de frei Ângelo Clareno, partidário dos chamados espirituais, não aparecia na primeira redacção das Florinhas, onde mais tarde foi introduzido. Como nada acrescenta ao valor poético da obra, nem aos seus propósitos evidentes de edificação, é simplesmente omitido nalgumas edições modernas

²³ Este capítulo é a mais clara prova que pode haver da índole zelante de Fioretti. Refere-se às graves perturbações, que afligiram a nascente família franciscana, provindas da diversa interpretação prática da obra de S. Francisco. O contraste estabelecido entre o B. João de Parma e S. Boaventura, que ao tempo não está canonizado, nem aquele beatificado, é digno de notar-se. E como o são também as palavras com que termina a narrativa da alegórica visão.

É sólida conclusão dos historiadores que o papel de S. Boaventura, como homem de governo e como escritor, foi de organizador prudente da Ordem e pacificador dos dois partidos vigentes durante o generalato do B. João de Parma.

lhe revelou Deus o que devia acontecer à nossa Religião, e quando eu isto ouvi, mais se me aumentou o desejo de o ouvir e de falar com ele. Quando o Senhor me fez a graça de lhe falar, perguntei o seguinte:

– Se o que por lá ouvi dizer é verdadeiro, peço-te que mo não ocultes. Soube que, quando ficaste três dias como morto, entre outras coisas te revelou o Senhor o que virá a acontecer nesta santa Religião. Ouvi isto a frei Mateus, ministro da Marca, a quem tu por obediência o revelaste.

Então frei Tiago confessou, com grande humildade, que era verdade o que dizia frei Mateus. Ora o relato de frei Mateus era o seguinte:

«Eu sou, irmão, aquele a quem ele revelou o que acontecerá na nossa Ordem; porque frei Tiago de Massa me disse e manifestou que, depois de muitas coisas que Deus lhe revelara sobre o estado da Igreja militante, viu uma bela e enorme árvore, cujas raízes eram de ouro; seus frutos eram homens, todos frades menores; seus principais troncos estavam divididos segundo o número de províncias da Ordem, e cada ramo carregava com tantos frades, quantos correspondiam aos frades da província que representava. Soube então o número dos frades da Ordem e de cada província, bem como seus nomes e idade, as condições, os grandes empregos, as dignidades, as graças e faltas de todos. E viu frei João de Parma na parte mais elevada do ramo central, e nas pontas dos ramos, em volta, estavam os ministros de todas as províncias. Depois disto viu a Cristo sentado num trono branco, e chamando S. Francisco, lhe deu um cálice cheio de vida, dizendo: «Vai, visita teus frades e dá-lhes a beber deste cálix do espírito da vida, porque o espírito de satanás se levantará contra eles, e os atacará, e muitos dentre eles cairão e não se levantarão mais».

E Cristo encarregou dois anjos que acompanhassem S. Francisco. Então este veio apresentar o cálix de Vida a seus frades, e começou por frei João de Parma, que tomando-o, bebeu até ao fundo, com viveza e devotamente; e tornou-se de repente luminoso como o Sol. Depois o foi apresentando a todos sucessivamente; e poucos eram os que o tomavam com respeito e devoção convenientes e o bebiam inteiramente. Os que devotamente o bebiam por inteiro, tornavam-se subitamente luminosos como o Sol; e os que o

entornavam todo, ou o não tomavam com devoção, tornavam-se negros e escuros e informes e horríveis à vista. Os que bebiam parte e entornavam outra parte, faziam-se parte luminosos, parte tenebrosos, conforme a quantidade que bebiam. Mas, de todos, o mais resplandecente era o dito frei João, porque fora ele que esvasiara com mais devoção o cálix de vida. Por isso lhe fora dado contemplar mais profundamente o abismo da infinita luz divina, e conhecer nela a adversidade e a borrasca que se levantaria contra a dita árvore, e sacudiria e comoveria seus troncos. Por esta razão, desceu ele do alto da árvore, onde estava, ao fundo de todos os ramos, e escondeu-se na base da árvore, onde estava todo pensativo. Frei Boaventura, que tinha tomado uma parte do cálix e derramado outra, subiu ao alto do ramo, donde desceu frei João. E tendo chegado lá acima, as unhas se lhe fizeram como a lâmina afiada e cortante duma navalha, e então, descendo com impetuosidade e furor, quis lançar-se sobre frei João para o ferir. Vendo isto, frei João gritou em altos brados e encomendou-se a Cristo que estava sentado no trono. A estes brados, chamou Cristo a S. Francisco, deu-lhe uma lasca de pederneira afiada, e disse-lhe: «Vai e apara com esta pedra as unhas daquele frade, para que não possa fazer mal a frei João». E então S. Francisco veio e fez como Cristo lhe tinha mandado.

Terminado isto, soprou uma grande tempestade, e açoitou a árvore com tal violência que os frades caíam por terra. Primeiro caíram os que tinham entornado todo o cálix do espírito de Vida, e eram arrebatados pelos demónios para lugares tenebrosos e de dor. Mas frei João, juntamente com os que tinham bebido todo o cálix, foi transportado pelos Anjos para um lugar de Vida, de luz eterna e beatífico esplendor. E o dito frei Tiago, que contemplava esta visão, conhecia e destrinchava particular e distintamente quanto às pessoas, condições e estado de cada um, com toda a clareza. E tanto durou este furacão, que deitou por terra a árvore e depois a arrebatou. E logo que cessou o vento, das raízes, que eram de ouro, brotou outra árvore toda de ouro, e lançou folhas, flores e frutos doirados. E desta árvore, de seu desenvolvimento, solidez, beleza, fragrância e virtude – melhor é calar do que falar nos tempos que correm.

À honra de Cristo. Ámen.

CAPÍTULO XLIX

**De frei João de Alverne e das muitas mercês
que recebeu de Deus**

Entre os prudentes e santos frades, filhos de S. Francisco, que, segundo diz Salomão, são a glória do pai, existiu, já em nossos tempos, na dita Província da Marca, o venerável e santo frei João de Fermo, que, pelo muito tempo que viveu no Monte Alverne, era também conhecido por frei João de Alverne. Foi homem de vida singular e de grande santidade.

Este frei João, sendo ainda menino, desejava ardentemente a vida de penitência, que mantém a pureza de corpo e de espírito. E assim, desde mui tenra idade, começou a usar cilício e cinto de ferro, e a fazer grande abstinência, principalmente no tempo em que viveu com os cônegos de S. Pedro de Fermo, os quais viviam esplendidamente. Ele, porém, fugia das delícias corporais e mace-rava seu corpo com grandes jejuns. Havia entre seus companheiros muitos que se lhe opunham, despojavam-no do cilício, e de muitos modos empeciam sua abstinência; mas ele, inspirado por Deus, resolveu abandonar o mundo e seus amadores, entregando-se nos braços do Crucifixo, vestido com o hábito do crucificado S. Francisco. E assim fez.

E tendo sido recebido ainda muito novinho, foi entregue ao cuidado do mestre de noviços. E era tão devoto e verdadeiramente espiritual, que, às vezes, estando a ouvir o dito mestre enquanto falava de Deus, sua alma se dissolvia como cera junto do fogo; e era tanta a suavidade da graça que o abrasava no amor divino, que, não podendo estar parado nem suportar tanta suavidade, se levantava, e como ébrio de espírito, discorria ora pelo jardim, ora pelo bosque ou pela igreja, conforme o impelia a chama e impetuosidade do espírito.

Com o andar do tempo, foi a divina graça fazendo crescer continuamente este homem angélico de virtude em virtude, em dons celestes, divinas elevações e êxtases, de maneira que às vezes sua inteligência guindava-se aos esplendores dos Querubins, às vezes ao ardor dos Serafins, outras vezes até os amorosos e excessivos abraços de Cristo, e tido isto não só por gostos espirituais

mas por manifestos sinais exteriores e corporais. Particularmente uma vez inflamou a chama do divino tão excessivamente o seu coração, que este fogo durou bem três anos. Recebia, durante este tempo, maravilhosas consolações e visitas divinas, e frequentemente era arrebatado em Deus. Numa palavra, durante todo aquele tempo, parecia abrasado e ardendo em amor de Cristo. Deu-se isto no Monte Alverne.

Mas, porque tem Deus particular cuidado de seus filhos, dando-lhes, segundo os tempos, agora consolações, logo tribulações, hoje prosperidades, amanhã adversidades, conforme vê que convém para os manter na humildade, ou acender-lhes mais o desejo das coisas celestes, aprouve à sua Bondade infinita privar, depois destes três anos, o dito frei João desta felicidade e chama de amor divino e de toda a consolação espiritual. Assim ficou sem luz, sem amor de Deus, desolado, aflito e triste. E neste trabalho ia-se para os bosques, correndo angustiado por aqui e por ali, chamando em altas vozes, com suspiros e lágrimas, o esposo querido de sua alma, que se ausentara, e longe do qual seu espírito não encontrava repouso. Mas em nenhures havia maneira de achar o doce Jesus, nem os suavíssimos prazeres espirituais a que estava acostumado.

Durou esta tribulação muitos dias, que ele passou chorando, gemendo e pedindo a Deus que, por piedade, lhe restituísse o esposo querido de sua alma.

Por fim, quando aprouve a Deus dar por terminada a prova de sua paciência, e assaz ter inflamado seu desejo, um dia, em que frei João ia a caminho do bosque, aflito e perturbado, assentou-se, cansado, contra uma faia, e para ali se deixou estar, com a face banhada de lágrimas, a olhar para o Céu. Eis que de repente apareceu Cristo, caminhando pela mesma senda por onde frei João viera, mas sem dizer palavra. E vendo-o frei João e reconhecendo bem que era Cristo, lançou-se imediatamente a seus pés, e com excessiva aflição e muita humildade o rogava, dizendo:

«Socorre-me, meu Senhor, porque sem ti, Salvador dulcíssimo, estou submergido em trevas e em pranto; sem ti, Cordeiro cheio de mansidão, eis-me na angústia e na dor; sem ti, Filho de Deus altíssimo, vivo na confusão e na vergonha; sem ti, estou despojado de todo o bem, e cego, porque tu és o Cristo, verdadeira

luz da alma; sem ti, estou perdido e condenado, porque tu és a vida da alma e a vida das vidas; sem ti, sou estéril e árido, porque tu és a fonte de todo o bem e de toda a graça; sem ti, de todo estarei desconsolado, porque tu és, Jesus, o nosso Redentor, o nosso amor, nosso desejo, o pão confortante, o vinho que alegra os coros dos Anjos e os corações de todos os Santos. Ilumina-me, Mestre graciosíssimo e Pastor piedosíssimo, porque sou ovelhinha tua, ainda que indigna».

Mas porque o desejo dos varões santos tanto mais os move ao amor e ao merecimento, quanto mais Deus tarda em ouvi-lo, Cristo bendito passou adiante sem lhe dirigir uma palavra. Então frei João levanta-se, corre atrás de Jesus e de novo se lança a seus pés, retém-no com estas fervorosas palavras, derramando muitas lágrimas:

«Ó Jesus Cristo dulcíssimo, tem misericórdia de Mim, que vivo num tormento; ouve-me por tua infinita misericórdia; pela verdade de tua graça, devolve-me a doçura de tua face e piedoso olhar, porque toda a terra está cheia de tua misericórdia».

Mas Cristo continuou a afastar-se; nada lhe disse, nem deu consolação alguma; e fez como a mãe com o seu filho, quando o obriga a gritar pelos peitos, e deixa que os busque chorando, a fim de que depois os tome com mais vontade. Frei João, com maior fervor e mais vivo desejo, tornou a seguir atrás de Cristo; e quando se abeirou, voltou-se Cristo para ele, olhou-o alegre e graciosamente, e, abrindo as suas santíssimas mãos e misericordiosos braços, o abraçou dulcissimamente. Naquele abrir de braços viu frei João que caíam do sacratíssimo peito do Salvador raios de luz maravilhosa, que iluminavam todo o bosque, bem como a ele, na alma e no corpo. Então frei João ajoelhou-se aos pés de Cristo, e Jesus o abençoou como à Madalena, dando-lhe benignamente o pé a beijar; e frei João, tomando-o com extremo respeito, o banhou de tantas lágrimas, que verdadeiramente se parecia com Madalena, e devotamente dizia:

«Peço-te, meu Senhor, que não consideres meus pecados, mas que por tua santíssima Paixão e pela efusão de teu preciosíssimo sangue, ressuscite minha alma à graça de teu amor, pois que, apesar de ser mandamento teu que te amemos com todo o nosso coração e amor, ninguém pode cumprir este mandamento sem teu

auxilio. Ajuda-me, pois, dilectissimo Filho de Deus, de maneira que eu te ame de todo o meu coração, com todas as minhas forças».

Enquanto assim falava, sua oração foi atendida, e recuperou a graça primitiva, isto é, a chama do amor divino; e sentiu-se todo consolado e rejuvenescido. E, conhecendo que o dom da divina graça lhe fora restituído, começou a agradecer a Cristo bendito, e a beijar-lhe os pés. Depois, erguendo-se para O ver em face, Ele lhe deu as suas mãos a beijar, e tendo-as beijado, aproximou-se e apoiou sua cabeça no peito de Jesus, abraçou-O e beijou-O, e pareceu-lhe que, do mesmo modo, Cristo o abraçou e beijou. E nesse abraço sentiu frei João uma divina fragrância, tal que, se todas as essências odoríferas, e todas as coisas cheirosas do mundo estivessem reunidas, teriam parecido um fedor em comparação de tal perfume; e esta suavidade persistiu em sua alma, durante muitos meses. Desde então, de sua boca saciada na fonte da divina sabedoria e peito sagrado do Salvador, saíam palavras maravilhosas e celestes, que mudavam os corações, e faziam grande fruto nas almas. No carreiro por onde Cristo passou, e a uma grande distância, continuou frei João a sentir esta fragrância e a ver um esplendor.

Tendo voltado a si do rapto, e havendo desaparecido a presença corporal de Cristo, ficou a alma de frei João tão iluminada pelo abismo da divindade, que, apesar de não ser homem letrado em humano saber, resolvia maravilhosamente e esclarecia as mais subtis e altas questões da Trindade e os profundos mistérios da Santa Escritura. E muitas vezes, falando perante o Papa e os cardeais, reis e barões, mestres e doutores, os deixava a todos estupefactos pelas altas palavras e profundíssimas sentenças que pronunciava.

Por tudo seja Cristo louvado. *Ámen.*

CAPÍTULO L

Como frei João de Alverne, dizendo missa em dia de Defuntos, viu grande número de almas libertadas do Purgatório

Dizendo o dito frei João a Missa, no dia seguinte ao de Todos os Santos, pelas almas dos mortos, segundo manda a Igreja, foi tal a efusão de caridade e piedade compadecida com que ofereceu este grande Sacramento, que parecia derreter-se de doçura e caridade fraterna. De maneira que, durante esta Missa, enquanto levantava devotamente o Corpo de Cristo e o oferecia a Deus Pai, e lhe pedia que, por amor de seu Filho bendito, Jesus Cristo, que para resgatar as almas tinha sido suspenso duma cruz, fosse servido libertar das penas do Purgatório as almas dos mortos por ele criadas e resgatadas, imediatamente viu um número quase infinito de almas saírem do Purgatório à maneira de inumeráveis estrelas de fogo, que saíam duma fornalha ardente, e viu-as subir ao Céu, pelos méritos da Paixão de Cristo, que todos os dias é oferecido, pelos vivos e pelos mortos, nesta santíssima Hóstia digna de ser adorada por séculos sem fim. Amen.

CAPÍTULO LI

Do santo frei Tiago de Falerone, e de como apareceu, depois da sua morte, a frei João de Alverne

Estando frei João de Alverne no eremitério de Massa, soube que frei Tiago de Falerone, varão de grande santidade, estava gravemente enfermo em Moliano, da Custódia de Fermo. E porque o amava como a pai muito querido, pôs-se em oração por ele, e pediu a Deus devotamente que desse ao dito frei Tiago a saúde do corpo, se fosse mais conveniente à sua alma. E encontrando-se nesta fervorosa oração, foi arrebatado em êxtase e viu no ar uma grande multidão de Anjos e Santos por cima da sua cela, a qual estava no bosque; e espalhavam tal esplendor, que iluminava toda aquela região; e entre os Anjos viu a frei Tiago doente, por quem fazia oração vestido duma túnica branca e resplandecente. Viu mais entre eles ao bem-aventurado Padre S. Francisco adornado

dos sagrados Estigmas e com grande glória. Viu ainda e reconheceu a frei Lúcido e frei Mateus de Monte Rubiano, e muitos irmãos, que nunca tinha visto nem conhecido nesta vida.

Estando, pois, frei João a contemplar com grande alegria este bem-aventurado cortejo, foi-lhe revelada como certa a salvação daquele frade enfermo, e que morreria daquela enfermidade; e também que depois de sua morte não iria imediatamente para o Céu, mas que teria de passar pelo Purgatório. E foi então grande a alegria que experimentou com esta revelação que, não pensando mais na morte do corpo, mas na salvação da alma, exclamou, com grande doçura de espírito, dizendo:

«Frei Tiago, meu doce pai; frei Tiago, meu doce Irmão; frei Tiago, fidelíssimo servo e amigo de Deus; frei Tiago, companheiro dos Anjos e sócio dos Santos!»

E assim com esta certeza e alegria voltou a si; e imediatamente partiu para Moliano a visitar frei Tiago. Encontrou-o tão acabrunhado que dificilmente falava. Anunciou-lhe a morte do corpo, a salvação e glória de sua alma, conforme a certeza que lhe tinha sido revelada. Pelo que ele, todo cheio de regozijo, o recebeu com grande alegria e prazenteiro semblante, agradecendo-lhe as boas novas que trazia, e recomendando-se-lhe devotamente. Então frei João lhe rogou com muita instância que depois de sua morte lhe viesse dar notícias de seu estado; e frei Tiago assim o prometeu, se fosse do agrado de Deus.

Ditas estas palavras, aproximando-se a hora do passamento, começou Frei Tiago a dizer com devoção aquele versículo de salmo: «Em paz, na vida eterna adormecerei e descansarei». E com a face alegre e sorridente passou desta vida. Depois do enterro voltou frei João a Massa, esperando que frei Tiago viesse vê-lo, segundo lhe tinha prometido.

Estando pois em oração, apareceu-lhe Cristo rodeado de grande companhia de Anjos e Santos, entre os quais, porém, não viu a frei Tiago; do que muito admirado, pediu por ele devotamente a Cristo. Ao dia seguinte, estava frei João no bosque orando; apareceu-lhe frei Tiago todo glorioso e alegre, acompanhado de Anjos; e frei João disse:

– Ó padre, porque não voltaste no dia em que me prometeste?

– Porque tive necessidade de algumas purificações, mas naquela mesma hora, em que Cristo te apareceu e tu lhe pediste por mim, Ele te ouviu e me livrou de toda a pena. E então apareci a frei Tiago de Massa, um santo leigo que estava ajudando à Missa; e quando o padre levantou a Hóstia consagrada, viu-a transformada num belíssimo infante vivo; e eu lhe disse: «Hoje vou na companhia deste menino para o Reino da Vida Eterna, para onde ninguém pode ir sem Ele».

Ditas estas palavras, desapareceu e foi-se para o Paraíso com toda aquela bem-aventurada companhia de Anjos. Frei João ficou muito consolado.

Frei Tiago de Falerone morreu na véspera de S. Tiago Apóstolo, no mês de Julho, no sobredito eremitério de Moliano, onde, depois da morte, operou a divina bondade muitos milagres, por seus méritos.

Por tudo seja Cristo louvado. *Ámen.*

CAPÍTULO LII

Como frei João de Alverne viu todas as coisas criadas

Porque o sobredito frei João de Alverne tinha perfeitamente sufocado todo o amor e consolação mundana e temporal, e em Deus pusera todo o prazer e toda a esperança, deu-lhe a Bondade divina maravilhosas consolações, especialmente nas solenidades de Cristo.

E assim, aproximando-se uma vez a festa do Natal, em que esperava receber consolação de Deus pela doce Humanidade de Jesus, deu-lhe o Espírito Santo tão grande e excessivo amor e fervor na caridade de Cristo, pela qual Ele se tinha humilhado até tomar nossa humanidade, que parecia ter-lhe sido realmente tirada a alma do corpo, e que ela ardia como uma fornalha. Não podendo suportar este ardor, angustiava-se, consumia-se e gritava em altas vozes, movido da impetuosidade do Espírito Santo e do excessivo amor.

E ao mesmo tempo que lhe vinha este fervor, lhe vinha também plena e segura esperança de sua salvação, de maneira que não podia acreditar que, se morresse então, teria que passar pelas penas

do Purgatório; e este amor lhe durou mais de seis meses contínuos; vinha-lhe, porém, só a certas horas do dia.

Tanto durante este tempo como depois, recebeu maravilhosas visitas e consolações de Deus; e frequentemente era arrebatado em êxtase, como testemunhou o irmão, que primeiro escreveu estas coisas.

Certa noite entre outras, foi tão arrebatado em Deus, que viu ele o Criador de todas as coisas criadas, celestes e terrestres, com todas as suas perfeições, por graus e ordens distintas. E conheceu claramente como toda a coisa criada representa o seu Criador, e como Deus está acima, por detrás, fora e ao lado de todas as coisas criadas. E conheceu depois a Deus em três Pessoas e três Pessoas em um Deus; e a infinita caridade pela qual o Filho de Deus se encarnou para obedecer ao Pai. Finalmente conheceu, nesta visão, como não havia outro caminho, por onde a alma pudesse ir para Deus e obter a Vida Eterna, senão Cristo bendito, o qual é o Caminho, a Verdade e a Vida da alma. Ámen.

CAPÍTULO LIII

Como frei João de Alverne, estando a dizer missa, foi arrebatado em êxtase

Estava o dito frei João no mencionado conventinho de Moli-ano, quando lhe aconteceu este admirável caso, segundo contam os irmãos que o presenciaram: Na primeira noite, depois da oitava de S. Lourenço, e na oitava da Anunciação de Nossa Senhora, acabadas as Matinas, que ele dissera com os demais religiosos, na igreja, sobreveio-lhe a unção da divina graça, e foi-se para a cerca contemplar a Paixão de Cristo e preparar-se com toda a devoção para a Missa, que lhe pertencia cantar nessa manhã.

Ao demorar-se na contemplação das palavras da consagração do Corpo de Cristo, a saber: *Isto é o meu corpo*, e considerando a infinita caridade de Cristo, pela qual quis não somente resgatar-nos com seu Sangue precioso, mas ainda deixar-nos, para nosso alimento, o seu Corpo e Sangue sacratíssimo, começou a crescer nele o amor do doce Jesus, com tal fervor e suavidade, que já sua alma não podia suportar tamanha doçura; dava grandes vozes como

ébrio de espírito, não cessando de repetir consigo mesmo: *Isto é o meu corpo*. Porque, ao dizer isto, parecia-lhe ver a Cristo bendito com a Virgem Maria e uma multidão de Anjos. E com estas palavras lhe tornava o Espírito Santo luminosos todos os altos e profundos mistérios deste altíssimo Sacramento.

Mal rompeu a aurora, entrou na igreja com este fervor de espírito e agitação, repetindo esta palavra, julgando não ser visto nem ouvido de ninguém. Mas estava ali presente um irmão, que via e ouvia tudo.

E não podendo conter-se neste fervor, por causa da abundância da divina graça, gritava em altas vozes. E assim esteve até ser a hora da Missa, indo então para o altar revestir-se. Começou a Missa; e à medida que ia avançando, mais lhe crescia este amor de Cristo, este fervor e devoção, e juntamente lhe foi dado um grande sentimento de Deus inefável, mas que depois não sabia nem podia exprimir com a língua. E temendo que este fervor e sentimento de Deus aumentassem a ponto de ser obrigado a deixar a Missa, achou-se em grande perplexidade e não sabia que partido tomar: se prosseguir a Missa, se parar e esperar.

Como, porém, noutra caso semelhante, o Senhor havia temperado este fervor de maneira a não ter sido obrigado a abandonar a Missa, crendo que o mesmo sucederia desta vez, com grande receio, seguia na celebração. Mas ao chegar ao Prefácio de Nossa Senhora, de tal modo começou a aumentar a iluminação divina e graciosa suavidade do amor de Deus, que, ao dizer as palavras *Ele, na véspera da Sua Paixão* com dificuldade podia suportar tanta suavidade e doçura. Vem finalmente o acto da consagração, e tendo dito metade da fórmula sobre a Hóstia: – *Isto é...* era-lhe impossível continuar para diante, mas repetia estas palavras: – *Isto é o...* – E a razão de não poder avançar era porque sentia e via a presença de Cristo com uma multidão de Anjos, cuja majestade não podia suportar; e via que Cristo não estava na Hóstia, ou que a Hóstia não se transubstanciaria no Corpo de Cristo, enquanto ele não proferisse a outra metade das palavras: – *o meu corpo*. De sorte que, estando nesta ansiedade sem continuar para diante, o guardião, os outros frades e muitos seculares, que estavam na igreja para ouvir Missa, aproximaram-se do altar, e ficaram sur-

preendidos com o que frei João fazia, e muitos derramavam lágrimas de devoção.

Por fim, depois dum longo espaço, isto é, quando aprouve a Deus, proferiu ele: – *o meu corpo* – em voz alta; subitamente, a forma do pão se esvaneceu, e na Hóstia apareceu Jesus Cristo bendito, encarnado e glorificado, mostrando assim a humildade e a caridade, que o fizeram encarnar na Virgem Maria, e que, todos os dias, o fazem vir às mãos do sacerdote, quando ele consagra. A esta visita foi frei João mais elevado em doçura de contemplação.

Depois de ter levantado a Hóstia e o Cálix, ficou arrebatado em êxtase, fora de si, com suspensão dos sentidos corporais, e seu corpo caiu para trás; e se o guardião, que estava perto dele, o não sustentasse, teria caído de costas. Os irmãos e seculares, homens e mulheres, que estavam na igreja, a toda a pressa o levaram para a sacristia, como morto, porque seu corpo estava frio e os dedos das mãos estavam tão hirtos, que mal podiam ser movidos. E assim jazeu desfalecido, ou antes extasiado, até à hora de Tércia; e foi isto num dia de Verão.

Eu, que estive presente e desejava muito saber o que Deus tinha operado nele, logo que voltou a si, fui junto dele e lhe pedi, pela caridade de Deus, que tudo me contasse; e ele, que se abria muito comigo, me contou tudo minuciosamente. Entre outras coisas me disse que, contemplando o Sangue e o Corpo de Cristo, diante de si, o coração se tinha tornado líquido, como uma pouca de cera, e que na carne lhe parecia não ter ossos, de tal maneira que não podia fazer o sinal da cruz sobre a Hóstia nem sobre o Cálix. Disse-me mais que, antes de se ordenar, Deus lhe tinha revelado que desmaiaria na Missa; mas como já tinha dito muitas sem lhe acontecer, pensou que esta revelação não tivesse sido de Deus. Contudo, uns cinquenta dias antes da Assunção, mais uma vez lhe fora revelado que esse caso lhe aconteceria, pela volta da dita festa da Assunção da Senhora, mas que de todo esquecera a revelação que Nosso Senhor lhe fizera.

À honra de Cristo. Ámen.